

Turismo e Hospitalidade

Coletânea de Textos para Educandos

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

Rua Caetano Pinto, 575
CEP 03041-000 - Brás - São Paulo - SP
Telefone: (0xx11) 2108-9200 - Fax: (0xx11) 2108-9200
Site: www.cut.org.br

DIREÇÃO EXECUTIVA DA CUT – 2006/2009

MILTON CANUTO DE ALMEIDA SINTeAL - Sind. Trab. Em Educação do Estado de AL	DENISE MOTTA DAU Secretaria de Organização SindSaúde - Sind. dos Serv. Pub. em Saúde do Estado de SP	ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS Presidente SINERGIA – Sind. Trab.Ind. de Energia Elétrica do Estado de SP
PASCOAL CARNEIRO Sind. Trab. Ind. Metalúrgicas de Salvador – BA	MARIA EDNALVA BEZERRA DE LIMA Secretaria Sobre a Mulher Trabalhadora Sind. Trab. Educação do Estado da PB	CARMEN HELENA FERREIRA FORO Vice-Presidente Sind. Trab. Rurais de Igarapé-Miri – PA
ROGÉRIO BATISTA PANTOJA Sind. Trab. Ind. Urbanas - AP	MARIA EDNALVA BEZERRA DE LIMA Secretaria Sobre a Mulher Trabalhadora Sind. Trab. Educação do Estado da PB	WAGNER GOMES Vice-Presidente Sind. dos Metrovários do Estado de SP
TEMISTOCLES MARCELOS NETO Sind. Serv.Pub. em Saúde do Estado de MG	ANÍZIO SANTOS DE MELO Diretoria Executiva APEC - Sind. Serv. Pub. Lot. Sec. de Educação e de Cultura do Estado do CE	WAGNER GOMES Vice-Presidente Sind. dos Metrovários do Estado de SP
VAGNER FREITAS DE MORAES Sind. dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região - SP	ANTONIO SOARES GUMARÃES (BANDEIRA) Sind. Trab. Rurais de Pernambuco - CE	QUINTINO MARQUES SEVERO Secretário Geral Sind. Trab. Ind. Metalúrgicas de São Leopoldo – RS
VALÉRIA CONCEIÇÃO DA SILVA Sind. Trab. Em Educação do Estado de PE	CARLOS HENRIQUE DE OLIVEIRA Sind. Serv. Pub. Municipais de São José do Rio Preto - SP	ADELSON RIBEIRO TELLES Primeiro Secretário SEPE-Sind. Est. dos Profissionais da Educação do Estado do RJ
MARIA JULIA REIS NOGUEIRA Sind. Trab. Pub. Fed. Saúde e Previdência do Estado do MA	CELINA ALVES PADILHA AREAS SINPRO - Sind. dos Professores do Estado de MG	JACY AFONSO DE MELO Tesoureiro Sind. dos Bancários de Brasília – DF
VALDEMIR MEDEIROS DA SILVA Sind. dos Previdenciários do Estado da Bahia	DARY BECK FILHO Sind. Trab. Ind. Dest. Refinação de Petróleo do Estado do RS	ANTONIO CARLOS SPIS Primeiro Tesoureiro Sind. Unificado dos Petroleiros do Estado de SP
DILCE ABGAIL RODRIGUES PEREIRA Sind. Trab. Comércio Hotelero, Rest. Bares e Hospitalidade de Caxias do Sul – RS	ELISANGELA DOS SANTOS ARAÚJO Sind. Trab. Rurais de São Domingos - BA	ANTONIO CARLOS SPIS Primeiro Tesoureiro Sind. Unificado dos Petroleiros do Estado de SP
Conselho Fiscal Suplentes ALCI MATOS ARAÚJO Sind. Empreg. no Comércio do Estado do ES	EVERALDO AUGUSTO DA SILVA Sind. dos Bancários de Salvador - BA	ANTONIO CARLOS SPIS Primeiro Tesoureiro Sind. Unificado dos Petroleiros do Estado de SP
JOSÉ CARLOS PIGATTI Sind. Trab. Energia Elétrica do Estado do ES	EXPEDITO SOLANEY PEREIRA DE MAGALHÃES Sind. dos Bancários do Estado de PE	ANTONIO CARLOS SPIS Primeiro Tesoureiro Sind. Unificado dos Petroleiros do Estado de SP
ODAIR JOSÉ NEVES SANTOS Sind. dos Professores Públicos e Especialistas em Educação do Estado do MA	JOSÉ LOPEZ FEIJÓO Sind. Trab. Ind. Metalúrgicas do ABC – SP	ANTONIO CARLOS SPIS Primeiro Tesoureiro Sind. Unificado dos Petroleiros do Estado de SP
JULIO TURRA FILHO SINPRO - Sind. dos Professores do ABC – SP	LUCIA REGINA DOS SANTOS REIS SINTURFI - Sind. Trab. em Educação da UFRJ	ANTONIO CARLOS SPIS Primeiro Tesoureiro Sind. Unificado dos Petroleiros do Estado de SP
MANOEL MESSIAS NASCIMENTO MELO SINDPD – Sind. dos Trab. em Informática do Estado de PE	MANOEL MESSIAS NASCIMENTO MELO SINDPD – Sind. dos Trab. em Informática do Estado de PE	ANTONIO CARLOS SPIS Primeiro Tesoureiro Sind. Unificado dos Petroleiros do Estado de SP

Turismo e Hospitalidade

Coletânea de Textos para Educandos

ESCOLA DE TURISMO E HOTELARIA CANTO DA ILHA-CUT

Av. Luiz Boiteux Piazza, 4810
Ponta das Canas – Florianópolis - SC

Cep: 88056000.

Fone: (48) 32848820/32843251/32614090

www.escoladostrabalhadores.org.br

Diretor Geral

JOSÉ CELESTINO LOURENÇO

Diretor Financeiro

JACY AFONSO DE MELO

Coordenação Geral

ROSANA MIYASHIRO

Coordenação Pedagógica

ADRIANO LARENTES DA SILVA

Apoio Pedagógico

CARMEM LÍGIA FEIFER MACHADO

KATIA REGINA RODRIGUES PASSARINI

EQUIPE DE EDUCADORES

Santa Catarina

ADRIANA GOMES DE MORAES

ALINE MARIA SALAMI

HANEN SARKIS KANAN

JULIANA RODRIGUES WALENDY

LETÍCIA DOLENGA

LUIZ GABRIEL ANGENOT

RENATA CARVALHO DE OLIVEIRA

RODRIGO FARIA PEREIRA

VALDENÉSIO ADUCI MENDES

Paraná

ANDRÉ NASCIMENTO TEIXEIRA

DAVANNY PIRES DE OLIVEIRA

ELISANGELA PATRÍCIA DE LIMA

Rio Grande do Sul

GINA CADORIN

MARCELO SILVEIRA GOMES

SÉRGIO DIAS SOARES

Apoio Administrativo

ALMIR ROGÉRIO DO NASCIMENTO

EGLICE SUELI SILVA OLIVEIRA

JOYCE SANTILLO ARAUJO

Auxiliar de Serviços Gerais

MARIA LUIZA CALAZANS

Copista

ALZIRA BEATRIZ LEITE

SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO - CUT

Assessoria

ARCHIMEDES FELICIO LAZZERI

MARISTELA MIRANDA BÁRBARA

MARTA REGINA DOMINGUES

PAULA CRISTINA BERNARDO

Secretária

LUCI FERNANDES SALES

Coordenador-Geral

MARTINHO DA CONCEIÇÃO

Secretário Nacional de Formação

JOSÉ CELESTINO LOURENÇO

Conselho Político

Sind. Químicos do ABC

APARECIDO DONIZETTI DA SILVA

Apoesp

CARLOS RAMIRO DE CASTRO

Sinsexpro

CARLOS TADEU VILANOVA

Sindsaúde

CÉLIA REGINA COSTA

Presidente da CUT Estadual

EDILSON DE PAULA OLIVEIRA

Escola Sindical SP-CUT

ELIAS SOARES

Escola Sindical SP-CUT

Helio da Costa

Secretário Estadual de Formação

CARLOS TADEU VILANOVA

Secretário Nacional de Formação

JOSÉ CELESTINO LOURENÇO

Sind. dos Petroleiros de SP

JOSÉ SAMUEL MAGALHÃES

Sind. Bancários de SP

LUIZ CLAUDIO MARCOLINO

Sind. Metalúrgicos do ABC

TARCISIO SECOLI

ESCOLA SINDICAL
SÃO PAULO

CUT
Projeto Especial de Qualidade
Quem luta
também educa!

ESCOLA SINDICAL SÃO PAULO - CUT

Coordenação Geral/Secretário de Formação CUT-SP

Coordenador Geral/Secretário de

Formação CUT-SP

CARLOS TADEU VILANOVA

Coordenador Administrativo

ELIAS SOARES

Coordenador de Formação

HELIO DA COSTA

Equipe de Formação

ANA PAULA ALVES OLIVEIRA

ELAINE OLIVEIRA TEIXEIRA

ELIAS SOARES

ERNANI FERNANDES MOREIRA

HELIO DA COSTA

KARIN ADRIANE HUGO LUCAS

LENIR DE VISCOVINI

MARILANE OLIVEIRA TEIXEIRA

MARIO HENRIQUE GUEDES LADOSKY

MARLUSE CASTRO MACIEL

NEIDE DOS SANTOS VERÃO

PÉRSIO PLENSACK

WILLIAM NOZAKI

Apoio Administrativo

CLARICE MARIA DE MELO

ESTHER RIVELLES

MARIA DA CONCEIÇÃO CAMPANHA

ALVES

SONIA CALIL ELIAS ROCHA

VANDERLEI SOARES CABRAL

Apoio Pedagógico

HELANNE APARECIDA PEREIRA

MARIA DE LOURDES INÊS OÑA

Coordenação Geral: CARLOS TADEU VILANOVA

Coordenação Financeira: ELIAS SOARES

Coordenação Pedagógica: MARTA REGINA DOMINGUES

Organizadores:
Adriano Larentes da Silva e Rosana Miyashiro

Turismo e Hospitalidade

Coletânea de Textos para Educandos



Ministério do
Trabalho e Emprego



2007

Título: Turismo e Hospitalidade: Colânea de Textos Para Educandos

Organizadores:
ADRIANO LARENTES DA SILVA
ROSANA MIYASHIRO

Editor/Revisor:
GUILHERME ROCHA

Diagramação:
NSA COMUNICAÇÃO

Capa:
NSA COMUNICAÇÃO

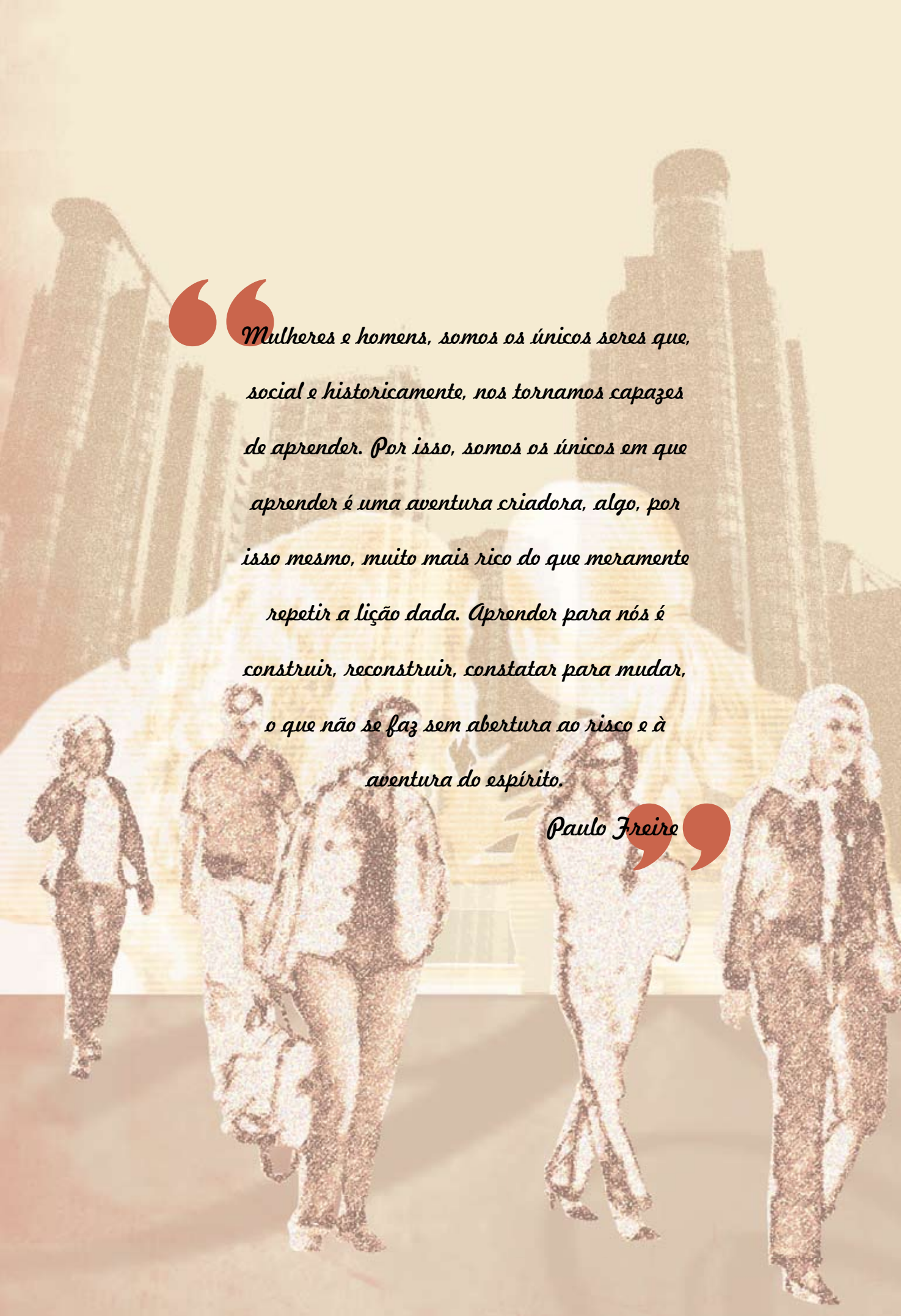
Junho 2007



Coordenação Geral
CARLOS TADEU VILANOVA

Coordenação Financeira
ELIAS SOARES

Coordenação Pedagógica
MARTA REGINA DOMINGUES



Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Paulo Freire

Apresentação

Caros(as) educandos(as):

Esta publicação é fruto de estudos e pesquisas desenvolvidos no âmbito do Projeto Especial de Qualificação – PROESQ – Quem luta também educa!; uma iniciativa da Central Única dos Trabalhadores – CUT, a Secretaria Nacional de Formação da CUT e a Escola Sindical São Paulo-CUT.

Possibilitado por convênio estabelecido entre a Escola Sindical São Paulo-CUT e o Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, no bojo da Política Nacional de Qualificação – PNQ, a realização do Quem luta também educa!, foi financiada pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, a partir de definições do Conselho Deliberativo do FAT – Codefat, um dos mais importantes órgãos tripartites e paritários do país, que delibera sobre várias políticas afeitas ao Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda e, dentre estas, a política de qualificação social e profissional.

Esta coletânea de textos tem como referência o projeto político-pedagógico de Educação Integral dos Trabalhadores da Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha – CUT, e tem o intuito de possibilitar a apreensão de novos conhecimentos e reflexões coletivas em torno do mundo do trabalho no Turismo e Hospitalidade.

Os Percursos Formativos não se restringem ao mero preparo técnico, mas buscam trabalhar, de forma integrada, os conhecimentos gerais e específicos - que compõem cada área profissionalizante - de forma contextualizada, estimulando a reflexão crítica sobre a realidade e a totalidade dos processos que ocorrem no mundo do trabalho e na sociedade.

Tem-se como perspectiva uma intervenção coletiva dos trabalhadores a partir da percepção dos desafios a serem enfrentados pela classe trabalhadora, tendo como horizonte a melhoria nas condições de trabalho e de vida.

Portanto, é necessário compreender a cadeia produtiva e de serviços do Turismo e Hospitalidade no contexto das transformações contemporâneas no mundo do trabalho, a fim de possibilitar uma formação mais ampla sobre o setor, por meio da apropriação crescente das principais mudanças ocorridas nos processos de trabalho.

É com este objetivo que o presente material foi organizado. Bom estudo!

Artur Henrique da Silva Santos

Presidente Nacional da CUT

José Celestino Lourenço

Secretário Nacional de Formação da CUT, membro do Conselho Político da Escola Sindical São Paulo-CUT e

Diretor Geral da Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha – CUT

Carlos Tadeu Vilanova

Secretário de Formação da CUT São Paulo e Coordenador Geral da Escola Sindical São Paulo-CUT



MUNDO DO TRABALHO NO
TURISMO E HOSPITALIDADE

Sumário

1. **A quem interessa a atividade turística** - Adriano Larentes da Silva e Hanen Sarkis Kanaan
2. **Gestão: uma necessidade humana** - Luiz Gabriel Angenot
3. **Conversa com o lixeiro** - Carlos Drummond de Andrade
4. **O trabalho e a produção da humanidade** - Ismael Venâncio de Melo
5. **Migrações internacionais contemporâneas** - Adriano Larentes da Silva
6. **Turismo** - Rubem Alves
7. **Luta de classes** - Cidade Negra
8. **As transformações do mundo do trabalho e o desemprego** - Nivaldo R. Moretto
9. **Operário em construção** - Vinícius de Moraes
10. **Capitão de indústria** - Paralamas do Sucesso
11. **Silenciosa escravidão** - Melody G. de Lima
12. **Reflexões sobre a natureza e a cultura**
13. **Olhar para a história: caminho para a compreensão da ciência hoje** - Andery, M.A., et. al
14. **A escola do crime** - Eduardo Galeano
15. **Cultura de massa e cultura popular** - Alfredo Bosi
16. **Ideologia** - Marilena Chauí
17. **O homem novo** - Ernesto Guevara de La Serna
18. **A qualidade total e a produção do descartável** - Rosana Miyashiro
19. **Paratodos** - Chico Buarque de Holanda
20. **Condições de trabalho e saúde do trabalhador: casos de LER**
21. **Meu maio** - Vladimir Maiakovski
22. **Lixo, consumo e a questão ambiental**
23. **Os trabalhos e os dias**
24. **Mito da democracia: Um Brasil de desigualdades**
25. **Imagem: Paraíso?**
26. **Imagem: Fábrica de Jogos** - Pedro Luis Batanero
27. **Imagem: Gigante Coletivo** - Pedro Luis Batanero

A quem interessa a atividade turística?

Adriano Larentes da Silva e Hanen Sarkis Kanaan*

Ao contrário do que se imagina, o turismo é atividade muito recente. Surgiu no século 19, no contexto do desenvolvimento capitalista na Europa. As grandes viagens e navegações que ocorreram antes deste período não são consideradas atividades turísticas.

O turismo está relacionado à luta histórica dos trabalhadores por melhores salários e pela redução da jornada de trabalho que, no século 19, variava de 16 a 18 horas diárias. Com a conquista da redução da jornada, a nova preocupação dos capitalistas e da Igreja, naquele período, era com o uso de tempo livre dos trabalhadores. Para dar sentido a esse tempo livre e disciplinar os trabalhadores, surgiram nas regiões fabris da Inglaterra as primeiras viagens organizadas de trabalhadores para o litoral. Essas viagens surgiram para criar uma classe consumidora e disciplinada para o trabalho.

No século 20, a conquista de novos direitos, entre eles o descanso remunerado aos domingos e o aumento de salário, permite que mais trabalhadores possam fazer turismo, conhecendo novos lugares. Os regimes fascista e nazista, que ganharam força na Europa dos anos 20 a 40, tiveram papel muito importante, organizando grandes centros de lazer e subsidiando viagens de férias aos trabalhadores.

Após a Segunda Guerra Mundial, com a reestruturação produtiva, o turismo se expandiu no mundo. Expansão que começou na Europa e nos EUA, pela experiência acumulada com o turismo de massa dos governos nazi-fascistas europeus. A partir da década de 1950, com a retomada do crescimento econômico nos países desenvolvidos, com a melhoria das condições salariais e sociais dos trabalhadores e o aparecimento de elite interessada em conhecer novos lugares, o turismo passou a ser visto efetivamente como mais uma mercadoria lucrativa. Houve explosão da atividade turística no mundo todo. As redes de hotéis se expandiram e milhares de trabalhadores foram contratados para atender a esse novo filão do mercado.

Com a expansão da atividade turística criou-se também o mito de que a atividade seria a “salvação da lavoura” para os países subdesenvolvidos. Bastaria que os governos desses países criassem condições favoráveis à instalação de grandes empreendimentos turísticos para o desenvolvimento econômico e o emprego de milhares de trabalhadores estarem garantidos.

*Adriano L. da Silva é coordenador pedagógico da ETHCI/CUT e doutorando em história pela UFSC. Hanen S. Kanaan é educadora da ETHCI/CUT e historiadora. Este texto foi baseado na palestra do professor doutor Helton R. Ouriques (Departamento de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina), realizada no Seminário Nacional Turismo e Hospitalidade I - Negociação e Contratação Coletiva da Qualificação Socioprofissional, em 09/03/2006, em Florianópolis/SC.

Atualmente existem dados estatísticos que apontam que o turismo mundial se concentra na Europa e nos EUA. Ainda segundo pesquisas recentes sobre o setor turístico, o número de turistas que viajam aos países periféricos é muito menor do que mostram as grandes redes de hotéis e os governos locais. O discurso de que o setor de turismo é grande empregador é outro mito. Os trabalhadores do setor em questão são, juntamente com trabalhadores rurais e da alimentação, os que têm as piores condições de trabalho e de salários. Os investimentos das empresas transnacionais no setor acabam voltando para seus países de origem. É isto que ocorre, por exemplo, com a rede Accor, com sede na França e milhares de estabelecimentos espalhados pelo mundo inteiro. A atividade turística, portanto, provoca concentração de riqueza e não sua distribuição.

Países como México, Brasil e Marrocos, que recebem grande número de turistas por ano e investem milhares de dólares no setor, não conseguiram elevar a qualidade de vida

de sua população por meio do turismo.

O turismo nos países periféricos contribui para a reprodução do capital. As populações nativas deixam o ofício original para se subempregar em hotéis ou trabalhar a serviço do turista. Um exemplo bem claro dessa situação são os pescadores de Natal, no Rio Grande do Norte, que têm deixado a atividade para trabalhar como bugreiros, levando os turistas para passear nas dunas.

Quando o complexo hoteleiro se instala em uma região, todas as relações, sociais ou econômicas, são alteradas. A comunidade perde lentamente suas características. Novos hábitos, muitos deles nocivos aos moradores locais, são incorporados. Em contrapartida, as comunidades que resistem são massacradas pelo capital internacional, que tenta de todas as maneiras adquirir as melhores áreas para desenvolver as atividades.

Com a promessa de prosperidade e desenvolvimento econômico e social, o capitalismo encontrou, na atividade turística nova forma de exploração dos trabalhadores dos países pobres do mundo.

Gestão: uma necessidade humana

Luiz Gabriel Angenot*

Desde o princípio da história da humanidade, o Homem vive do seu trabalho, que transforma a natureza e produz materiais para satisfazer necessidades. O produto, fruto do seu trabalho, é resultante da matéria-prima acessível e de planejamento que exige do Homem a organização de ações no tempo e espaço. Chamamos de gestão todo o processo de idealização, planejamento, organização e ação para atingir um objetivo.

Se refletirmos com atenção sobre as práticas do cotidiano, perceberemos que em nossa vida de alguma forma fazemos gestão.

Em casa fazemos gestão do lixo, da água e da luz. Com o lixo, por exemplo, para deixar a casa limpa, utilizamos diferentes maneiras de descartá-lo. Uma delas é juntá-lo em sacos plásticos para que o serviço da Prefeitura o recolha e o coloque em aterro sanitário. As outras formas são reciclando, queimando, jogando no quintal, no mato, rio ou rua.

Outros dois exemplos: gestão da renda familiar e de quando construímos ou reformamos a casa. No primeiro caso, há gestão quando procuramos satisfazer as necessidades de alimentação, moradia, vestuário, lazer, saúde e educação, pagando despesas como compras no supermercado, aluguel, IPTU, luz, água, gás, móveis, eletrodomésticos, roupas e calçados, baile, cinema, locação de filmes ou compra do CD de um cantor prefe-

rido, tratamento dentário, óculos, remédios, produtos de higiene, vale-transporte, uniforme e material escolar. O mesmo ocorre quando decidimos construir ou reformar a casa. No processo desse trabalho faz-se o planejamento. Verifica-se quanto dinheiro está disponível; pesquisam-se os preços dos materiais de construção e da mão-de-obra; prevê-se o tempo necessário para a construção. E fica-se atento às condições da meteorologia e com quantas pessoas da família se poderá contar no trabalho.

No trabalho - seja educar, vender, vigiar, construir, pescar, reciclar, costurar, cozinhar, limpar, fabricar, atender pessoas - fazemos gestão, pois há sempre um objetivo a ser alcançado para a produção de nossa existência, que perseguimos a partir da organização dos recursos que dispomos: tempo, espaço, materiais e ferramentas.

Enfim, em todas essas situações, há determinado objetivo para atingir, e analisamos os prós e contras das ações. Com isso mudamos ou não o jeito de fazer as coisas, para acertar ou continuar acertando o objetivo, em casa, no trabalho etc.

Atualmente se ouve muito falar e, é moda no mercado, de cursos de qualificação pro-

*Luiz Gabriel Angenot é educador da ETHCI/CUT e geógrafo pela Universidade Federal de Santa Catarina.

fissional: para promissor sucesso na carreira administrativa é necessária a formação em gestão, tornar-se gestor, profissional indispensável para o sucesso das empresas, das instituições públicas ou das organizações não governamentais - ONGs.

As empresas, querendo lucrar mais e competir no mercado de produtos e serviços nos quais disputam, necessitam de um leque de atuações no campo da gestão: gestão de qualidade, gestão de pessoas, gestão do conhecimento, gestão por competência,

gestão por processos etc. Desejam organizar melhor os recursos que dispõem: o tempo, o espaço, os materiais, as ferramentas e, principalmente, os trabalhadores que produzirão a riqueza.

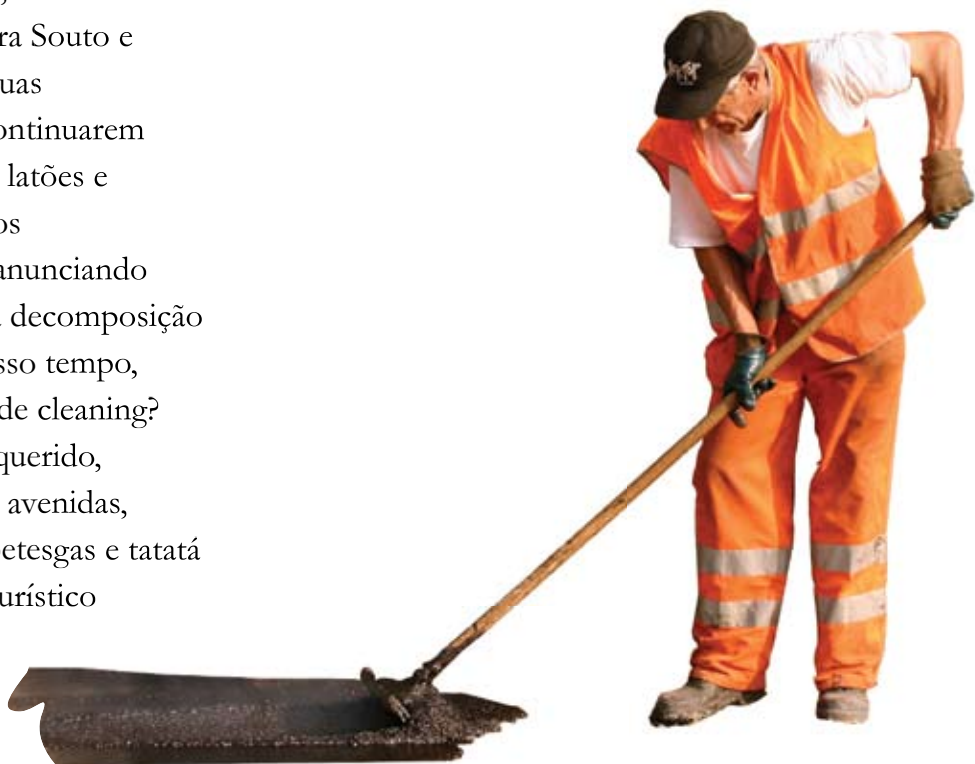
A partir do que vimos anteriormente, entende-se que gestão é o que fazemos para atingir objetivos que poderão ser alcançados a partir da idealização, planejamento, organização e ação. Portanto, pode ter a finalidade do lucro (lógica das empresas), ou a produção da vida (lógica dos trabalhadores).

Conversa com o lixeiro

Carlos Drummond de Andrade

Amigo lixeiro, mais paciência.
Você não pode fazer greve.
Não lhe falaram isto, pela voz
do seu prudente Sindicato?
Não sabe que sua pá de lixo
é essencial à segurança nacional?
A lei o diz (decreto-lei que
nem sei se pode assim chamar-se,
em todo caso papel forte,
papel assustador). Tome cuidado,
lixeiro camarada, e pegue a pá,
me remova depressa este monturo
que ofende a minha vista e o meu olfato.
Você já pensou que descalabro,
que injustiça ao nosso status ipanêmico,
lebloniano, sanconrádico,
barramárico,
se as calçadas da Vieira Souto e
outras conspícuas
vias de alto coturno continuarem
repletas de pacotes, latões e
sacos plásticos
(estes, embora azuis), anunciando
uma outra e feia festa: a da decomposição
mor das coisas do nosso tempo,
orgulhoso de técnica e de cleaning?
Ah, que feio, meu querido,
esse irmanar de ruas, avenidas,
becos, bulevares, vielas e betesgas e tatatá
do nosso Rio tão turístico

e tão compartimentado socialmente,
na mesma chave de perfume intenso
que Lanvin jamais assinaria!
Veja você, meu caro irrefletido:
a Rua Cata-Piolho, em Deus-me-livre,
equiparada à Atlântica Avenida
(ou esta àquela)
por idêntico cheiro e as mesmas moscas
sartrianamente varejando,
os restos tão diversos uns dos outros,
como se até nos restos não houvesse
a diferença que vai do lixo ao luxo!
Há lixo e lixo, meu lixeiro.
O lixo comercial é bem distinto
do lixo residencial, e este, complexo,
oferece os mais vários atrativos

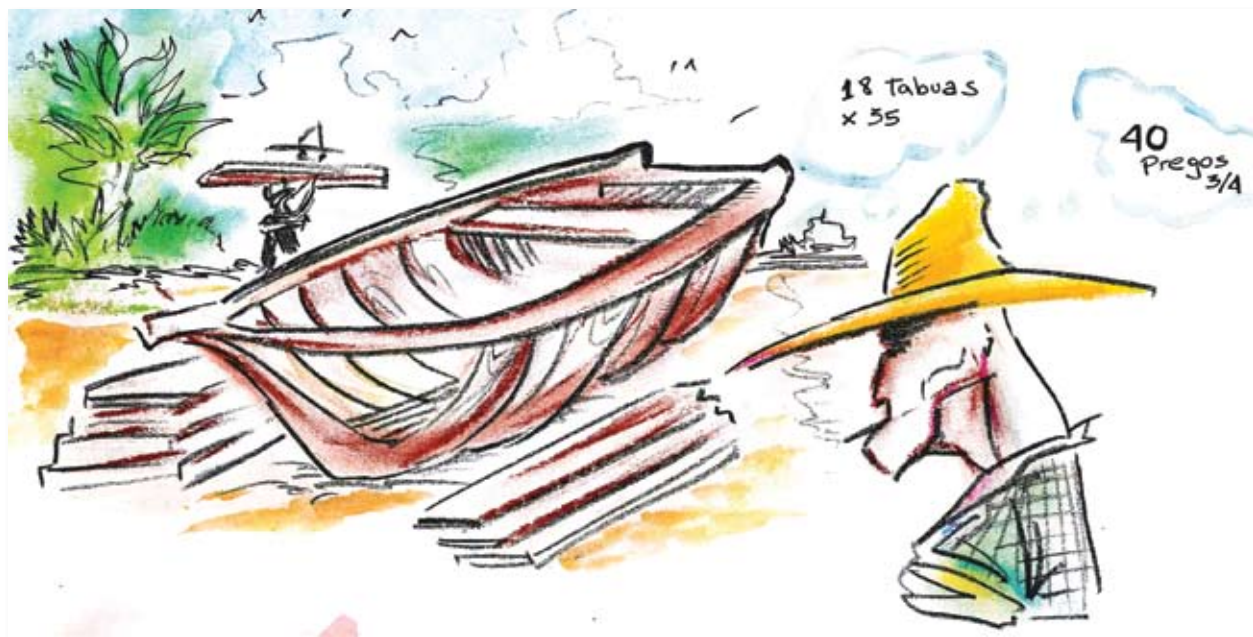


a quem sequer tem lixo a jogar fora.
Ouço falar que tudo se resume
em você ganhar um pouco mais
de mínimos salários.
Ora essa, rapaz: já não lhe basta
ser o confiscável serviçal
a que o Rio confere a alta missão
de sumir com seus podres, contribuindo
para que nossa imagem se redobre
de graças mil sob este céu de anil?
Vamos, aperte mais o cinto,
se o tiver (barbante mesmo serve)
e pense na cidade, nos seus mitos
que cumpre manter asseados e luzidos.
Não me faça mais greve, irmão-lixeiro.
Eu sei que há pouco pão e muita pá,

e nem sempre ou jamais
se encontram dólares,
jóias, letras de câmbio e outros milagres
no aterro sanitário.
E daí? Você tem a ginga,
o molejo necessários
para tirar de letra um samba caprichado
naqueles comerciais de televisão,
e ganhar com isto o seu cachê
fazendo frente ao torniquete
da inflação.
Pelo que, prezadíssimo lixeiro,
estamos conversados e entendidos:
você já sabe que é essencial
à segurança nacional
e, por que não, à segurança multinacional.

O trabalho e a produção da humanidade

Ismael Venâncio de Melo*



Com a finalidade de melhor entender o conceito de “centralidade do trabalho”, vamos acompanhar esse diálogo entre duas amigas: Dara e Sofia:

Dara - O que significa “centralidade do trabalho”?

Sofia - Não é o que parece imediatamente. Para nós, é muito comum relacionar trabalho e emprego. Em um primeiro momento, a gente pensa que é a mesma coisa. O emprego é hoje algo tão difícil, e ao mesmo tempo tão necessário, que quando ficamos sem emprego, parece que a vida perdeu o centro. Mas não é isso o que se deve entender por centralidade do trabalho.

Dara - Eu já estava indo nesse caminho...

Sofia - Vamos começar limpando o terreno e dizendo o que não é a tal centralidade. Já entendemos que a centralidade ontológica do trabalho não pode ser confundida com a centralidade cotidiana do trabalho.

Dara - O que é ontológica?

Sofia - Onto vem do grego e quer dizer relativo ao ser. Logia também vem do grego e quer dizer estudo, ciência. Assim, ontologia significa estudo do ser.

*Ismael Venâncio de Melo é filósofo e mestrando em Educação - Universidade de São Paulo.

Dara - Então, o trabalho que nos interessa agora não é aquele que a gente está procurando, o emprego?

Sofia - Isso mesmo, a centralidade do trabalho refere-se a algo muito mais geral. A qualquer tipo de trabalho em qualquer forma de organização social. Aqui no Brasil, que é uma sociedade capitalista, o trabalho está associado a emprego porque vendemos nosso tempo para o capitalista, que paga um salário para dispor do nosso tempo. Mas nem sempre foi assim. Já houve épocas nas quais o trabalho era comunitário e a divisão feita de acordo com as condições e possibilidades de cada um. Também houve épocas em que alguns homens escravizavam outros e os obrigavam a trabalhar. Houve ainda uma época em que os homens não eram escravos, mas servos da terra, não podiam se deslocar livremente. Agora vivemos um período histórico no qual alguns homens se apoderaram dos meios de trabalho. E os que não possuem esses meios são obrigados a vender sua mão-de-obra, que será empregada em benefício daqueles que detêm os meios de produção.

Dara - Mas se não conseguimos emprego também não realizamos trabalho. E precisamos viver...

Sofia - Tem razão. O trabalho é condição necessária para garantir a vida em qualquer tipo de sociedade. Isso é condição natural insuperável. As formas de organização do trabalho variam no decorrer da história.

Dara - Vamos ver se entendi: se o cara pesca para alimentar sua família, se ele

é escravo e tem que entregar o produto da pesca para o seu dono, se ele tem que entregar uma parte do que pesca para o seu senhor ou tem que entregar toda a produção para o dono do barco que o empregou, e pagou salário para isso, não importa: em qualquer desses casos, houve trabalho.

Sofia - Exatamente aí está a centralidade do trabalho. Em qualquer tipo de sociedade, em qualquer forma de organização social, o trabalho será sempre atividade necessária para garantir a sobrevivência. O trabalho é a atividade humana que transforma a natureza nos bens necessários à reprodução social. Outra característica do trabalho, a que nos diferencia dos animais, é que nós podemos produzir nossos próprios meios de subsistência, podemos produzir muito além das nossas necessidades imediatas. O leão come carne, mas não cria um rebanho de ovelhas para quando tiver fome. A vaca come capim, mas não planta o capim.

Dara - Essa é mesmo uma diferença muito grande: nós, os humanos, somos capazes de produzir os nossos próprios meios de subsistência.

Sofia - Isso mesmo, fazemos as coisas com certa intenção. Não somos movidos apenas pelas necessidades imediatas. Já o leão, quando tem fome, caça e come. Ele não caça para comer mais tarde.

Dara - O que tem a ver trabalho com conhecimento?

Sofia - Como acabamos de ver, agimos com

certa intencionalidade. Ao mesmo tempo, todas as nossas vivências anteriores interferem nas ações. Nós, seres que vão se constituindo historicamente, partimos sempre do já vivido, por nós ou pelas gerações anteriores. Ou seja, somos frutos da história da humanidade e da nossa própria história. Quando temos que realizar um trabalho nós o fazemos levando em conta os conhecimentos adquiridos. Assim, quando atuamos sobre o mundo para satisfazer nossas necessidades, somos guiados por certa intenção, pelos nossos conhecimentos e respostas que damos às resistências encontradas nessa tentativa de apropriação da natureza.

Dara - Quer dizer que mesmo as atividades aparentemente simples, como pescar, requerem conhecimento?

Sofia - Claro! E na verdade pescar nem é atividade simples. Inúmeros conhecimentos são aplicados no ato da pesca. Primeiramente, somos motivados a pescar por certa necessidade, basicamente a de produzir alimento. A partir dessa necessidade, de nos ali-

mentar, temos a intencionalidade: conseguir alimento. Aprendemos que peixe alimenta e que no mar há peixe. Aprendemos também diversas técnicas para pescar, desenvolvidas no decorrer da história. Também aprendemos quais instrumentos facilitam a pescaria. Aprendemos a época do ano mais adequada para pescar essa ou aquela espécie, que a Lua interfere no resultado da pesca, as correntes marítimas e a temperatura também interferem. Ou seja, entre a decisão de pescar e a pesca propriamente dita uma infinidade de conhecimentos determinará a decisão de pescar e outra infinidade de conhecimentos será necessária para a pescaria. E não é só! Depois de pescar precisamos preparar o peixe para o consumo, limpá-lo e conservá-lo. Depois é fazê-lo cozido, frito ou assado, e saborear o prato.

Dara - Por falar nisso, sabe que acabo de ter uma idéia? Resultado dessa conversa... Vamos comer um peixinho, vamos comer séculos de conhecimento? Afinal, é sábado à tarde, e ninguém é de ferro.

Migrações internacionais contemporâneas

Adriano Larentes da Silva*

Paulo tem 23 anos e mora atualmente nos Estados Unidos. Antes de sair do Brasil, vivia na pequena cidade de Içara, região Sul de Santa Catarina. Ali cresceu vendo a luta diária de seus pais e avós, todos trabalhadores das indústrias carboníferas locais.

Seu primeiro emprego foi aos 16 anos, como operário de uma grande indústria de revestimento cerâmico. Na época, vários amigos e parentes trabalhavam no mesmo local. Muitos outros, porém, já haviam deixado a cidade e a região para viver em distintos países. Os que partiam falavam das maravilhas do exterior.

Havia até os que insistiam para Paulo deixar o emprego e migrar: “Paulo, venha para cá, nós lhe ajudamos nos primeiros tempos. Aqui você pode ganhar muito dinheiro e depois voltar para o Brasil”.

De fato, a propaganda era bastante tentadora. Todas as semanas lia-se no jornal local sobre pessoas que “deram certo”, compraram casas, carros, e voltaram para montar o próprio negócio. Nas ruas da cidade, todos tinham história para contar sobre parente ou

amigo que estava no exterior. Estados Unidos, Itália, Portugal e Nova Zelândia nunca pareceram ser tão perto. Paulo, no entanto, não queria largar o emprego, família e amigos. Gostava da cidade e da vida pacata que levava. Um dia, porém, não se conteve. Brigou com o patrão que lhe exigia cada vez mais produtividade. Foi demitido e decidiu partir.

Seu sonho: os Estados Unidos da América. Como era filho de ex-mineiro pobre, teve o visto de turista negado. Não havia outra solução. O jeito era se submeter aos coites e fazer a travessia via México. Mas



onde conseguir o dinheiro necessário? Valaria a pena correr o risco? E se a travessia não desse certo? Mil dúvidas surgiram, Paulo viveu vários dias de angústia e incertezas. Mas um telefonema e o empréstimo financeiro de um primo que já estava nos Estados Unidos o fizeram decidir-se de vez pela saída do Brasil.

*Adriano Larentes da Silva é coordenador pedagógico da ETHCI/CUT e doutorando em História pela UFSC, onde estuda as Migrações Internacionais.

A travessia da fronteira entre o México e os Estados Unidos ocorreu em agosto de 2002, e um mês depois já estava trabalhando como lavador de pratos em um restaurante na cidade de Boston, Estado de Massachusetts. Jornada média de 13 horas por dia, ao final do mês recebia cerca de 600 dólares. Nos primeiros tempos morou com o primo, com quem dividia as despesas de aluguel e alimentação. Nos finais de semana fazia extras como jardineiro, o que garantia um dinheirinho a mais para a poupança que estava fazendo. Apesar da melhora aparente, Paulo não se sentia feliz. Não sabia falar a língua local, tinha muita saudade da família e da cidade, pouco se relacionava com outras pessoas fora do trabalho e não tinha quase nenhum momento de lazer. Pensou em voltar várias vezes, porém foi ficando por lá.

A história de Paulo é bastante parecida com a de inúmeros trabalhadores. Milhões de africanos, asiáticos, caribenhos e latinos, entre outros, deixaram as regiões de origem, dirigindo-se aos bairros pobres dos países capitalistas desenvolvidos.

Segundo a ONU, o número de migrantes internacionais em todo o mundo passa hoje dos 191 milhões. Seis em cada dez vêm de “países em desenvolvimento” localizados na Ásia, África, Oceania e América Latina e Caribe.

Na América Latina e Caribe, o processo migratório internacional foi precedido de migrações internas entre cidades e pelo êxodo rural acelerado nos anos 70 e 80. O resultado desse processo foi o esvaziamento de peque-

nas vilas e cidades, o nascimento de grandes metrópoles como São Paulo, Buenos Aires e Cidade do México, e o aumento da pobreza em todo o continente.

Segundo a Cepal - Comissão Econômica para a América Latina e Caribe, mais de 25 milhões de pessoas deixaram a região até 2005, sendo o México, a comunidade do Caribe e a Colômbia os locais com a maior quantidade de migrantes no exterior. Existe emigração intensa também em países como Brasil, Argentina, Cuba, El Salvador, Guatemala, Haiti, Peru e República Dominicana.

De acordo com a Cepal, em vários países do Caribe mais de 20% da população se encontra no exterior. O principal destino dos caribenhos e latino-americanos são os Estados Unidos. Até 2004, viviam nos Estados Unidos cerca de 18 milhões de imigrantes provenientes da América Latina e Caribe, quase metade deles na mesma situação de Paulo: clandestinos. Também são destinos a Europa, em particular a Espanha, Japão e Canadá, onde trabalhadores indocumentados e legalizados enfrentam condições precárias de vida e de trabalho.

Entre todos os fatores que têm motivado as migrações internacionais, dois dos mais importantes são o desemprego e as transformações no mundo do trabalho. Hoje, dos mais de 1 bilhão de desempregados que existem no mundo, a maior parte é composta por jovens como o brasileiro Paulo. Por falta de perspectivas de vida melhor em seu país, migram para serem explorados como força de trabalho barata e invisível.

Turismo

Rubem Alves



A única coisa que perturba a harmonia do ambiente são os turistas. Alguns. Eles não viajam a fim de ver o mar, ouvir o vento, sentir a areia. Eles só querem mudar de cenário para fazer as coisas que fazem sempre. E, para eles, o som é essencial. A todo volume. Para que todos saibam que só eles têm som. Nunca desembarcam de si mesmos. Por onde vão, sua presença é uma perturbação para o espírito. Fico a me perguntar: por que não gostam do silêncio? Acho que, para eles, o silêncio é o mesmo que o vazio. E o vazio é sinal de pobreza. Nossa cultura provocou uma transformação perversa nos seres humanos, de forma que eles acreditam que, para estar bem, é preciso estar acoplados a objetos tecnológicos. Senão, é como se estivessem aleijados, como se fossem pobres, como se não tivessem valor, como se não existissem. Lembro-me de uma vez em que fui convidado para fazer um passeio de barco pelo rio Tocantins. Fiquei feliz. Imaginei o silêncio, o barulho da proa cortando a água, o som da brisa, o pio dos pássaros, os peixes saltando do rio. Mas bastou que entrássemos no barco para que o capitão ligasse o rádio numa dessas rádios em que o locutor anuncia papel higiênico com o mesmo entusiasmo com que anunciaria a vinda de Cristo.

E aí, ao invés de navegar no rio, naveguei na gritaria do rádio...

Extraído do livro de Rubem Alves, Quarto de badulaques. São Paulo: Parábola, 2003, p.158-159

Luta de classes

Cidade Negra

Composição: Samuel Rosa / Chico Amaral

Tudo que eu posso ver

(Essa neblina...)

Cobrindo o entardecer

Em cada esquina

Tudo que eu posso ver

(Essa fumaça...)

Cobrindo o entardecer

Em cada vidraça

Mas eu quero te contar os fatos

Eu posso mostrar fatos pra você

É só ter um pouco mais de tato

Que fica claro pra você

Desde a antiguidade

As coisas estão assim, assim.

Os homens não são iguais, não são.

Não são iguais, enfim!

Daí toda essa história

Daí a história surgiu

Escravos na Babilônia,

Trabalhador no Brasil.

Tudo que eu posso ver

(Essa neblina...)

Cobrindo o entardecer

Em cada esquina

Tudo que eu posso ver

(Essa fumaça...)

Cobrindo o entardecer

Em cada vidraça

Mas veio o ideário

Da tal revolução burguesa

Veio o ideário, veio o sonho socialista.

Veio a promessa de igualdade e liberdade

Cometas cintilantes que se foram pela noite

Existirão enquanto houver um maior!

Daí é que veio a história

Daí a história surgiu

Escravos na Babilônia,

Trabalhador no Brasil.

Do antigo Egito à Grécia e Roma

Da Europa feudal

Do mundo colonial

Do mundo industrial

Na Rússia stalinista e allstrips

Em Cuba comunista

E no Brasil?

E no Brasil, hein?

Daí é que veio a história

Daí a história surgiu

Escravos na Babilônia,

Trabalhador no Brasil.

Baixada!!

(Essa neblina...)

Chega junto, baixada!!

(Essa esquina...)

Cobrindo o entardecer

Em cada esquina

Tudo o que eu posso ver

(essa fumaça)

Cobrindo o entardecer

Em cada vidraça

As transformações do mundo do trabalho e o desemprego

Nivaldo R. Moretto*

“ Mundo do Trabalho
Um mundo necessário
Onde trocamos nossa mão-de-obra
Por um mísero salário ”

Carolina Costa – educanda da ETHCI/CUT

Você já deve ter notado que muito se fala e se escreve nos meios de comunicação sobre as transformações no mundo do trabalho e as conseqüências sobre o emprego, mas pouco tem sido realmente explicado a respeito do assunto. Por exemplo: por que as condições de produção são alteradas constantemente? Por que os trabalhadores sofrem as conseqüências ruins do processo? Enfim, se o avanço da tecnologia é bom para a sociedade, por que causa a desgraça de milhões com o desemprego? São algumas questões feitas diante das transformações que ocorrem no mundo, mas não suficientemente respondidas. Por isso, vamos tentar neste texto jogar alguma luz sobre o tema, com o objetivo de contribuir para o seu entendimento.

Vivemos em uma sociedade capitalista, na qual os elementos centrais são o lucro e o capital. O bem-estar das pessoas vem em segundo plano. O desenvolvimento humano parece subordinado ao desenvolvimento do capital. Isso significa que o desenvolvimento

da sociedade depende do movimento do capital. O movimento do capital é de expansão constante, isto é, ao mesmo tempo em que se amplia com equipamentos e máquinas, movimenta-se em busca de novos mercados, entrando nos setores produtivos (agricultura, indústria, serviços) e em todas as regiões do mundo. Por isso afirma-se que o movimento do capital é o causador das mudanças nas bases produtivas. Como e por que isso acontece? E o que o emprego tem a ver com isso?

Sociedade e Mercadoria

Como você também já deve ter notado, vivemos em uma sociedade de mercadorias. Cada vez mais tudo na vida tende a virar mercadoria. Pensamos influenciados pela dinâmica da mercadoria. Quem produz as mercadorias são os trabalhadores da cidade e do campo. Mas a propriedade das mercadorias pertence aos capitalistas, pois são os donos dos meios de produção utilizados para produzi-las. Há uma sociedade na qual a imensa maioria trabalha para produzir o lucro da minoria.

É longa a história de como a pequena parte da sociedade passou a dominar os meios de produção da vida de toda a sociedade. E sobre isso aqui não se tratará.

*É mestre em Educação e doutorando em Sociologia Política - UFSC.

Os donos das empresas, visando a obtenção do lucro, organizam os trabalhadores na produção de mercadorias. Mas os capitalistas concorrem entre si, cada qual buscando conquistar fatia maior do mercado. Cada empresa se obriga a apresentar mercadoria com preço melhor que a do concorrente. Ou seja, os capitais individuais na disputa do mercado são obrigados a produzir mercadorias cada vez mais competitivas. Isso só é possível se conseguirem aumentar a produtividade.

A produtividade, por sua vez, depende do aumento de tecnologias (máquinas e equipamentos) e da organização dos trabalhadores na utilização das novas tecnologias. Tecnologia significa trabalho transformado em equipamentos e máquinas. Sua utilização, na ordem do capital, implica redução de trabalhadores na produção, pois produtividade significa aumento de produção sem aumento de trabalho. Ou seja, número maior de mercadoria passa a ser produzido em tempo menor e com carga de trabalho também menor.

A evolução do emprego e da produtividade na indústria norte-americana, no século XX, ilustra bem o fenômeno. Em 1920, o emprego industrial correspondia a 45% do emprego urbano, mas em 1945 havia sido reduzido para 35% da força de trabalho. No ano 2000, enquanto a produção havia se multiplicado várias vezes, o emprego no setor caiu para 17% da população trabalhadora.

O desenvolvimento capitalista no mundo se manifesta na constante transformação da sua base produtiva, em que as formas de administrar a força de trabalho se alteram

acompanhando as novas técnicas. Mas o objetivo central continua o mesmo: o lucro.

Ao estudar o comportamento do capital ao longo do século XX constata-se que os elementos centrais de seu movimento são constituídos, de um lado, pela disputa entre os capitais, e de outro, pelo domínio do capital sobre o trabalho. Segundo Karl Marx, um dos maiores estudiosos do capital, a concorrência funciona como lei própria do capitalismo exigindo de cada capital movimento de expansão contínuo. Ou seja, a concorrência impõe a cada capitalista a necessidade de sempre expandir o patrimônio. Um capitalista concorre com outros no mesmo ramo. Mantém-se no mercado aquele que consegue ampliar as condições para produzir mais e com preços melhores que os concorrentes.

Padrões Produtivos

A dinâmica imposta pelo mercado, ao forçar as empresas a modernizar constantemente as condições de produção, fez surgir o que passou a se chamar padrões produtivos. Ou seja, conquistam mercado aqueles que conseguem determinado padrão de produção, possível, como dito, com o aumento de tecnologia e reorganização dos trabalhadores na produção.

No século passado, dois padrões produtivos se destacaram: o padrão fordista, até os primeiros anos de 1970, e, o padrão flexível, de meados de 1970 aos dias de hoje.

O fordismo possui duas fases. A primeira, que se gestou no decorrer da Segunda Revolução Industrial, teve início na fábrica de

automóveis de Henry Ford. Concentrou-se no sistema produtivo e no processo de trabalho, com a implantação da esteira rolante e o trabalho simplificado, rotineiro, com ritmo imposto pela máquina. A data inicial do fordismo, adotada de forma simbólica, é 1914, ano em que Ford implantou a jornada de trabalho de oito horas, a cinco dólares, em sua fábrica de automóveis.

O sistema fordista de produção se caracterizava, também, pela organização do trabalho com profunda divisão, horizontal (parcelamento das tarefas) e vertical (separação entre concepção e execução), bem como a especialização do trabalho, o desenvolvimento da mecanização e a produção em massa de bens padronizados.

Este período, que vai de 1910 a 1945, foi bastante conturbado, com desemprego em massa, crises econômicas, revoluções proletárias e duas guerras mundiais. O desemprego, por exemplo, durante os anos de 1920, chegou a oscilar de 10% a 18% na Europa. Nos anos 1930, foi a 27% nos Estados Unidos e de 20% a 45% na Europa. Era constante a luta da classe trabalhadora para conquistar melhores dias.

A segunda fase do fordismo emergiu após a Segunda Guerra Mundial, quando a esse sistema de produção se somou a proposta econômica de J. M. Keynes. Pregava, de um lado, a ação interventora do Estado visando a estabilização do crescimento capitalista. De outro, relações de trabalho e social em novas bases. A aliança entre o fordismo e a ação do Estado proposta por Keynes constituiu, fi-

nalmente, o padrão de desenvolvimento que expandiu-se pelo mundo até os primeiros anos de 1970.

O Estado proposto por Keynes agia diretamente na economia, desenvolvendo políticas para reduzir o desemprego, e também se voltava para corrigir distorções provocadas pela lógica do mercado. A partir do chamado Estado do Bem-Estar Social, distribuía-se para a sociedade parte dos resultados do crescimento econômico. Esse Estado era constituído por uma estrutura de seguridade social voltado a atender as necessidades previdenciárias, de saúde e assistência social.

Por outro lado, as entidades sindicais atuavam como elementos de regulação, por meio do estabelecimento do contrato coletivo de trabalho, que incluía, entre os itens mais importantes, os ganhos reais de salário.

Da crise do Fordismo emerge o padrão flexível de produção

Este padrão de produção, que permitiu o grande desenvolvimento social nos países centrais¹ do sistema capitalista e a expansão do capital pelo mundo, entrou em crise nos anos 70. Da crise o mundo viu emergir um novo padrão de produção do capital, que ficou conhecido como padrão flexível.

Segundo os estudiosos, o padrão fordista e keynesiano entrou em crise justamente porque visava garantir o pleno emprego, o crescimento salarial e o desenvolvimento social. De acordo com a lei da oferta e da pro-

¹ Estados Unidos, Canadá, países da Europa Ocidental e Japão.

cura, diminuindo o número de trabalhadores no mercado, o valor geral do salário tende a aumentar. O crescimento do salário, como ocorria no período, fazia a taxa de lucro das empresas diminuir. Por outro lado, a intervenção do Estado, garantindo a seguridade social, também tirava do capital parte do seu lucro, gerando a crise do capital. Ou seja, o capital não conseguia obter lucro suficiente para a sua expansão contínua.

Por isso o novo padrão flexível de produção se volta contra a legislação trabalhista e sindical e contra a intervenção do Estado na economia e na legislação social. O novo padrão de produção do capital exige liberdade de ação, e exige a flexibilização de todas as regras e leis que, para o capital, engessam o mercado.

O novo e atual padrão produtivo se caracteriza por três eixos centrais:

- as transformações tecnológicas, também denominadas Terceira Revolução Industrial, porque incorporam as máquinas computadorizadas;
- mudanças na organização do trabalho e da produção;
- mudanças no comportamento em relação ao mercado por causa da intensificação da concorrência.

O novo padrão produtivo que vem se desenvolvendo desde os anos 70 nos países centrais atingiu o Brasil, de forma mais visível, nos anos de 1990.

O conjunto de mudanças, denominado neoliberalismo, provoca, em relação ao trabalho, forte reestruturação, caracterizada

pela flexibilização de suas relações (legislação trabalhista), desemprego elevado e baixos salários.

Das mudanças produtivas, a consequência mais séria causada aos trabalhadores é o desemprego, que pode significar a desestruturação da vida. O desemprego, mesmo nos países centrais, explodiu nas últimas décadas. Na Europa Ocidental, a média de 1,5% dos anos 60 havia saltado para 4,2% na década de 70, e a 9% em 2000. Em alguns países, segundo dados de 2003, o desemprego chega à taxa dos 10%, como na França, 10,5% na Alemanha e 11,5% na Espanha.

No caso do Brasil, de 8,9%, em 1989, havia saltado, em 2002, segundo o Dieese², para 20% da População Economicamente Ativa nas regiões metropolitanas³.

O desemprego parece ser parte integrante da ordem do capital. Qual é essa organização social que permite a desestruturação da vida de milhões de pessoas em benefício de uns poucos? Qual sua opinião sobre isso? As perguntas iniciais deste breve texto têm, agora, respostas possíveis? Pode-se fazer um debate sobre este tema.

² Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos.

³ São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre e Distrito Federal.

Operário em construção

Vinicius de Moraes



E o diabo, levando-o a um alto monte,
mostrou-lhe num momento de tempo todos os
reinos do mundo. E disse-lhe o diabo:

- Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque
a mim me foi entregue e dou-o a quem quero;
portanto, se tu me adorares, tudo será teu.

E Jesus, respondendo, disse-lhe:

- Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o
Senhor teu Deus e só a Ele servirás.



Lucas, cap. 5, vers. 5-8



Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo,
Que a casa de um homem é templo,
Um templo sem religião,
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava

Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!

E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente,
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– Garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia

Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção,
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão.
Pois além do que sabia
– Exercer a profissão –
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia

Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que a sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão,
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação.
– “Convençam-no” do contrário –
E ao dizer isso sorria.
Dia seguinte, o operário

Ao sair da construção
Viu-se de súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidado
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!
Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível,
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte, que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região.
E apontando-a ao operário
fez-lhe esta declaração :
– Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher

Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário viu as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.

Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: “Não!”

– Loucura! – gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
– Mentira! – disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão

Um silêncio povoado
de pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com medo de solidão
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem pelo chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

*Extraído de Antologia Poética.
Rio de Janeiro, Sabiá, 1957.*

Capitão de indústria

Paralamas do Sucesso
Composição: Marcos Valle/Paulo Sergio Valle

Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais

Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei
Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas

Eu acordo pra Trabalhar
Eu durmo pra Trabalhar
Eu corro pra Trabalhar

Eu não tenho tempo de ter
O Tempo livre de ser
De nada ter que fazer
Eu não vejo além da fumaça que passa
E polui o ar

Eu nada sei
Eu não vejo além disso tudo
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas

Silenciosa Escravidão

Melody G. de Lima*



Ao amanhecer mais um dia, ela acorda apressada. Não vê se faz chuva ou sol, nem percebe o quanto o dia está lindo. Não aprecia o pôr-do-sol mesmo sendo gratuito, não viu sua juventude, esqueceu sua infância, não vai descansar na aposentadoria.

Seu filho já foi para a escola, seu marido descansa depois de trabalhar toda a madrugada e ela, sem luxo, se arruma correndo para pegar o ônibus. Ela senta no último banco e vê pela janela pessoas rindo, pessoas vendendo, pessoas comprando... E reflete se realmente faz parte disto.

Solidária, cede o lugar a uma jovem grávida, mesmo sabendo que a viagem é longa. Carrega a bolsa pesada, pois ninguém lhe oferece ajuda, e mesmo indignada entende que o mundo nos ensinou a

não sermos solidários.

Ao final do dia, depois de trabalhar mais de oito horas, ainda tem as tarefas domésticas. Limpa a casa, cozinha, ajuda seu filho com os deveres escolares, e naquele momento único percebe que nem viu ele crescer.

“Ela” pode ser você, eu, ou alguém que você conhece. Ela é vítima do sistema capitalista no qual vivemos, que não permite que nós, trabalhadores, tenhamos direito a nada, e nos explora, tirando, sobretudo, nossos prazeres mais simples e básicos. Mas nos dá dois direitos: trabalhar exaustivamente e não reclamar.

*Melody G. de Lima, educanda do curso de Educação Profissional Inicial e Continuada de Informática e Mundo do Trabalho, da Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha CUT.

Reflexões sobre a natureza e a cultura



Texto 1: O homem na natureza e a natureza do homem

Um dos problemas da ecologia e do pensamento ecológico tem sido a questão do tratamento dado ao homem. Essa dificuldade tem profundas raízes em nosso processo civilizatório. Não é raro ouvirmos frases do tipo: “O homem está destruindo a natureza!”, ao mesmo tempo em que se evoca o exemplo de comunidades indígenas como modelo e paradigma da relação homem-natureza. E aqui cabe a interrogação: não são os indígenas homens? Se o são, e essa é uma verdade inquestionável pelo menos para a biologia, de que tipo de homem estamos fa-

lando quando se afirma que o “homem está destruindo a natureza”? Claro que quando se trata dos indígenas está-se falando de outra sociedade - de outra organização social, outra cultura. Ora, se isto é verdadeiro, não são os homens, como categoria genérica, que estão destruindo a natureza, mas sim o homem sob determinadas formas de organização social, no seio de uma cultura.

Texto retirado de Os (des) caminhos do meio ambiente, de Carlos Walter P. Gonçalves. São Paulo, Ed. Contexto, 2001, página 75.

Texto 2: Natureza e Cultura

No pensamento ocidental, “Natureza” possui vários sentidos:

- princípio de vida ou princípio ativo que anima e movimenta os seres. Fala-se em “deixar agir a Natureza” ou “seguir a

Natureza” para significar que se trata de uma força espontânea, capaz de gerar e de cuidar de todos os seres por ela criados e movidos. A Natureza é a substância (matéria e forma) dos seres;

- essência própria de um ser ou aquilo que um ser é, necessária e universalmente. A natureza de alguma coisa é o conjunto de qualidades, propriedades e atributos que a definem, seu caráter ou sua índole inata, espontânea. Aqui Natureza se opõe às idéias de accidental (o que pode ser ou deixar de ser) e de adquirido por costume ou pela relação com as circunstâncias;
- organização universal e necessária dos seres segundo ordem regida por leis naturais. A Natureza se caracteriza pelo ordenamento dos seres, regularidade dos fenômenos ou dos fatos, frequência, constância e repetição de encadeamentos fixos entre as coisas, isto é, relações de causalidade entre elas. Em outros termos, a Natureza é a ordem e a conexão universal e necessária entre as coisas, expressas em leis naturais;
- tudo o que existe no Universo sem a intervenção da vontade e da ação humanas. Natureza opõe-se a artificial, artefato, artifício, técnico e tecnológico. Natural é tudo quanto se produz e se desenvolve sem qualquer interferência humana;
- conjunto de tudo quanto existe e é percebido pelos humanos como o meio e o ambiente no qual vivem. A Natureza, aqui, tanto significa o conjunto das condições físicas onde vivemos, quanto aquelas



coisas que contemplamos com emoção (a paisagem, o mar, o céu, as estrelas, terremotos, eclipses, tufões, erupções vulcânicas etc). A Natureza é o mundo visível como meio ambiente e como aquilo que existe fora de nós, mesmo que nos provoque idéias e sentimentos;

- para as ciências contemporâneas, a Natureza não é apenas a realidade externa, dada e observada, por nós percebida diretamente, mas é objeto de conhecimento construído pelas operações científicas, campo objetivo produzido pela atividade do conhecimento, com o auxílio de instrumentos tecnológicos. A Natureza, paradoxalmente, torna-se algo que passa a depender da interferência ou da intervenção humanas, pois o objeto natural é construído cientificamente.

Esse último sentido da idéia de Natureza indica uma diferença entre a concepção comum e a científica, pois a primeira considera a Natureza nos cinco primeiros significados que registramos, enquanto a segunda considera a Natureza como noção ou conceito produzido pelos próprios homens e, nesse caso, como artifício, artefato, construção humana. Em outras palavras, a própria idéia de Natureza tornou-se um objeto cultural.

Texto retirado de Convite à Filosofia, de Marilena Chauí. São Paulo, Ed. Ática, 1994, páginas. 291 e 292.

Olhar para a História: Caminho para a compreensão da Ciência hoje

Andery, M. A., et. al*

[...] Na busca das condições para a sua sobrevivência, o ser humano - assim como outros animais - atua sobre a natureza, pois, por meio dessa interação, satisfaz suas necessidades; no entanto, a relação homem-natureza diferencia-se da interação animal-natureza no que diz respeito à forma de atuação.

A atividade dos animais, em relação à natureza, é biologicamente determinada; a sobrevivência da espécie se dá a partir de sua adaptação ao meio. O animal limita-se à imediaticidade das situações, atuando de forma a permitir a sobrevivência de si próprio e a de sua prole; isto se repete, com mínimas alterações, em cada nova geração.

[...] O homem também atua sobre a natureza em função de suas necessidades e o faz para sobreviver como espécie. No entanto, diferentemente de outros animais, o homem não se limita à imediaticidade das situações com que se depara; ultrapassa limites, pois produz universalmente (transcendendo sua sobrevivência pessoal e da prole), não se res-

tringindo às necessidades que se revelam no aqui e agora.

A ação humana não é apenas biologicamente determinada, mas se dá principalmente pela incorporação das experiências e co-



nhecimentos produzidos e transmitidos de geração a geração; a transmissão dessas experiências e conhecimentos – por meio da educação e da cultura - permite que, no homem, a nova geração não volte ao ponto de partida da que a precedeu. [...] A interação homem-natureza é processo permanente de mútua transformação: esse é o processo de produção da existência humana.

[...] Dentre as idéias que o homem produz, parte delas constitui o conhecimento referente ao mundo. O conhecimento humano, em suas diferentes formas (senso comum, científico, teológico, filosófico, estético etc), mesmo sendo incorreto ou parcial, ou expressando posições antagôni-

*ANDERY, M.A., et.al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo e EDUC. 1988b

cas, exprime condições materiais de um dado momento histórico.

A ciência é uma das formas do conhecimento produzido pelo homem no decorrer de sua história. Portanto, a ciência também é determinada pelas necessidades materiais do homem em cada momento histórico, ao mesmo tempo em que nelas interfere. Não apenas o homem contemporâneo produz ciência: sociedades remotas a produziram. A ciência caracteriza-se por ser a tentativa do homem entender e explicar racionalmente a natureza, buscando formular leis que, em última instância, permitem a atuação humana.

Sendo histórica a ciência, o próprio significado que o entender e o explicar racional assumem se altera, refletin-

do o desenvolvimento e rupturas ocorridas nos diferentes momentos da História. Em outras palavras, os antagonismos presentes em cada modo de produção e as suas trans-

formações de uma forma de produção a outra serão transpostos para as representações que o homem faz, inclusive para o conhecimento.

Serão transpostos para a forma como explica racionalmente o mundo, buscando superar a ilusão, o desconhecido, o imediato; buscando compreender de forma fundamentada as leis gerais que regem os fenômenos. Essas tentativas de propor explicações racionais tornam o próprio conhecer

do mundo questão sobre a qual o homem reflete.



A Escola do Crime

Eduardo Galeano

Economia de importação, cultura de importação, reino da frescura: somos todos obrigados a embarcar no cruzeiro da modernização. Nas águas do mercado, a maioria dos navegantes está condenada ao naufrágio: mas a dívida externa paga - por conta de todos - as passagens da minoria que viaja em primeira classe. Os empréstimos da banca mundial, que permitem abarrotar a minoria consumidora com coisas inúteis, atuam a serviço da bacanice de nossas classes altas; e a televisão se encarrega de transformar em necessidades reais as demandas artificiais que o norte do mundo inventa incansavelmente, despejando-os com sucesso sobre o sul e o leste.

Mas o que acontece com os milhões e milhões de jovens latino-americanos condenados ao desemprego ou aos salários de fome? Entre eles, a publicidade não estimula a compra e sim a violência: entre elas, estimula a prostituição. Os anúncios proclamam: quem não tem, nada é. Quem não tem carro, ou sapatos importados, ou perfumes importados, é um zé-ninguém, um lixo; e assim, a cultura do consumo dá aulas à multidão de alunos da Escola do Crime.



Ao se apoderar dos fetiches que atestam existência às pessoas, cada assaltante quer ser como a sua vítima. A TV oferece o serviço completo: não somente ensina a confundir a qualidade de vida com a quantidade de coisas, como também oferece diariamente cursos audiovisuais de violência, complementados pelos videogames. O crime é o programa de maior sucesso da telinha. Bata antes que te batam, aconselham os professores eletrônicos de crianças e jovens. Você está só, não pode con-

tar com ninguém. Carros que voam, pessoas que explodem: você também pode matar.

Crescem as cidades - as cidades latino-americanas já são as maiores do mundo - e junto com as cidades, a um ritmo

apavorante, cresce o delito. Cidades insones: uns não dormem tentando conseguir as coisas que não têm, outros não dormem por medo de perder o que já têm.

A ansiedade consumista não é a única professora na Escola do Crime. Ela atua em parceria com a injustiça social, mestre eficientíssima em sociedades onde a opulência ofende escandalosamente a fome: além delas, também contribui a impunidade do poder, que

passa lições de mau exemplo em sociedades onde os mandatários matam e roubam sem remorso, nem castigo.

Este mundo de fim de século, que a todos convida para o banquete, porém bate a porta na cara da maioria, é ao mesmo tempo igualador e desigual. Nunca antes o mundo foi tão igualador nas idéias e costumes que impõe. O igualamento obrigatório, que atua contra a diversidade cultural do bicho humano, impõe um totalitarismo simétrico ao totalitarismo da desigualdade da economia, imposto pelo Banco Mundial, pelo Fundo Monetário Internacional e por outros fundamentalistas da liberdade do dinheiro. No mundo sem alma que somos obrigados a aceitar como o único possível, não existem povos e sim mercados; não existem cidadãos e sim consumidores; não existem nações e sim empresas; não existem cidades e sim aglomerações; não existem relações humanas e sim competição mercantil.

Nunca antes foi tão pouco democrática a economia mundial, nunca antes foi o mundo tão escandalosamente injusto. A desigualdade duplicou em 30 anos. Em 1960, 20% da humanidade - os que mais tinham - era 30 vezes mais rica do que os 20% mais necessitados. Em 1990, a diferença entre a prosperidade e o desamparo havia dobrado para 60 vezes. E nos extremos dos extremos, entre os ricos riquíssimos e os pobres pobríssimos, o abismo é bem mais profundo. Somando-se as fortunas privadas que desfilam obscenamente pelas páginas pornofinanceiras das revistas Forbes e Fortunes, chegamos à conclusão de que 100 multimilionários dispõem atualmente da mesma riqueza de 1,5 bilhão de pessoas.

Há quem meça o desigualamento. O Banco Mundial, que tanto faz para multiplicá-lo, chega a admiti-lo, por exemplo, em seu World Development Report, de 1993. E as Nações Unidas também confirmam (United Nations Development Programme, Human Development Report, 1994). O igualamento cultural, ao contrário, não pode ser medido. Seus demolidores progressos, no entanto, saltam aos olhos. Os meios de comunicação da era eletrônica, em sua maioria a serviço da incomunicação humana, nos dão o direito de escolher entre o mesmo e o mesmo, num tempo esvaziado de história e num espaço universal que procura negar às suas partes o direito à identidade. É cada vez mais unânime a adoração dos valores da sociedade do consumo.

A economia mundial precisa de um mercado de consumo em constante expansão para não derrubar suas margens de lucro, mas ao mesmo tempo precisa, pela mesma razão, de braços que trabalhem a preço de banana nos países do sul e do leste do planeta. O segundo paradoxo é filho do primeiro; o norte dita ordens de consumo cada vez mais impositivas, dirigidas ao sul e ao leste, no sentido de multiplicarem seus consumidores, mas terminam multiplicando, numa medida bem maior, seus delinqüentes. O convite ao consumo é um convite ao delito. Lendo as páginas policiais dos jornais aprende-se mais sobre as contradições sociais do que nas páginas sindicais ou políticas. Nelas se encontram as alegres mensagens de morte emitidas pela sociedade de consumo.



Cultura de massa e cultura popular

Alfredo Bosi*

O poder econômico expansivo dos meios de comunicação parece ter abolido, em vários momentos e lugares, as manifestações da cultura popular, reduzindo-as à função de folclore para turismo. Tal é a penetração de certos programas de rádio e TV junto às classes pobres, tal é a aparência de modernização que cobre a vida do povo em todo o território brasileiro, que, à primeira vista, parece não ter sobrado mais nenhum espaço próprio para os modos de ser, pensar e falar, em suma, viver, tradicional-populares. O que seria uma fatalidade do neocapitalismo introjetado em todos os países de extração colonial.

A cultura de massa entra na casa do caboclo e do trabalhador da periferia, ocupando-lhe as horas de lazer em que poderia desenvolver alguma forma criativa de auto-expressão: eis o seu primeiro tento. Em outro plano, a cultura de massa aproveita-se dos aspectos diferenciados da vida popular e os

explora sob a categoria de reportagem popularesca e de turismo. O vampirismo é assim duplo e crescente: destrói-se por dentro o tempo próprio da cultura popular e exhibe-se, para consumo do telespectador, o que restou desse tempo, no artesanato, nas festas, nos ritos. Poderíamos, aqui, configurar com mais clareza uma relação de aparelhos econômicos industriais e comerciais que exploram, e a cultura popular, que é explorada. Não se pode, de resto, fugir à luta fundamental: é o capital à procura de matéria-prima e de mão-de-obra para manipular, elaborar e vender. A macumba na televisão, a escola de samba no Carnaval estipendiado para o turista são exemplos de conhecimento geral.

No entanto, a dialética é uma verdade mais séria do que supõe a nossa vã filosofia. A exploração, o uso abusivo que a cultura de

*BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 329-330

massa faz das manifestações populares, não foi ainda capaz de interromper para todo o sempre o dinamismo lento, mas seguro e poderoso, da vida arcaico-popular, que se reproduz quase organicamente em microescalas, no interior da rede familiar e comunitária, apoiada pela socialização do parentesco, do vicinato e dos grupos religiosos.

O povo assimila, a seu modo, algumas imagens da televisão, alguns cantos e palavras do rádio, traduzindo os significantes no seu sistema de significados. Há um filtro, com rejeições maciças da matéria impertinente, e adaptações sensíveis da matéria assimilável. De resto, a propaganda não consegue vender a quem não tem dinheiro. Ela acaba fazendo o que menos quer: dando imagens, espalhando palavras, desenvolvendo ritmos, que são incorporados ou re-incorporados pela generosa gratuidade do imaginário popular.

O torcedor do Corinthians poderá ter adquirido, à custa de suadas prestações, um televisor último-tipo com controle remoto ou mudança digital, mas nem por isso deixará de acender a sua vela a Nossa Senhora Aparecida, ou mesmo a uma das muitas entidades da macumba, para conseguir a vitória do seu time.

Ou que importa que nos arrasta-pés suburbanos se dance o último iê-iê-iê lançado pelo comércio musical yankee, se o comportamen-



to dos jovens no baileco ou no namoro correspondente a uma relação quase ritual entre os sexos, que reproduz uma secular educação moral sertaneja?

Esse esquema de reação peculiar ao meio receptor vai vinculando, até certo ponto, os conteúdos e as formas dos próprios meios de comunicação de massa,

que procuram ir ao encontro dos gostos do povo, tornando-se então popularescos ou pseudotradicionalistas (já que não lhe é dado ser autenticamente tradicionais), como o fazem alguns programas de rádio e não poucas fotonovelas meio sentimentais, meio modernizantes. O típico popular, com todas as suas tendências para a caricatura, é um modo pelo qual a indústria cultural projeta o povo como o outro. O outro é o povo ao mesmo tempo explorado e intocado.

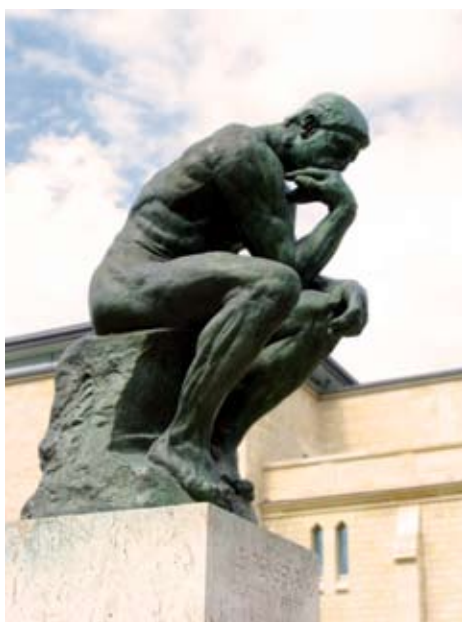
São, portanto, muito delicadas as relações entre cultura de massa e cultura popular. Do ponto de vista do dinamismo capitalista, a flecha parece sempre ir no sentido de uma desagregação da segunda pela primeira. Esse fenômeno existe, quer no plano moral, quer no plano estético, mas, como a destribilização do índio, é fruto mais de uma investida técnico-econômica violenta do sistema capitalista do que de uma eventual exposição do primitivo ou do rústico a certas formas de cultura de massa.

A Ideologia

Marilena Chauí

A alienação social se exprime numa “teoria” do conhecimento espontânea, formando o senso comum da sociedade. Por seu intermédio, são imaginadas explicações e justificativas para a realidade tal como é diretamente percebida e vivida.

Um exemplo desse senso comum aparece no caso da “explicação” da pobreza, em que o pobre é pobre por sua própria culpa (preguiça, ignorância) ou por vontade divina ou por inferioridade natural. Esse senso comum social, na verdade, é o resultado de uma elaboração intelectual sobre a realidade, feita pelos pensadores ou intelectuais da sociedade — sacerdotes, filósofos, cientistas, professores, escritores, jornalistas, artistas —, que descrevem e explicam o mundo a partir do ponto de vista da classe a que pertencem, e que é a classe dominante de sua sociedade. Essa elaboração intelectual incorporada pelo senso comum social é a ideologia. Por meio dela, o ponto de vista, as opiniões e as idéias de uma das classes sociais — a dominante e dirigente — tornam-se o ponto de vista e a opinião de todas as classes e de toda a sociedade.



A função principal da ideologia é ocultar e dissimular as divisões sociais e políticas, dar-lhes a aparência de indivisão e de diferenças naturais entre os seres humanos. Indivisão: apesar da divisão social das classes, somos levados a crer que somos todos iguais porque participamos da idéia de “humanidade”, ou da idéia de “nação” e “pátria”, ou da idéia de “raça” etc. Diferenças naturais: somos levados a crer que as desigualdades sociais, econômicas e políticas não são produzidas pela divisão social das classes, mas por diferenças individuais dos talentos e das capacidades, da inteligência, da força de vontade maior ou menor etc.

A produção ideológica da ilusão social tem como finalidade fazer com que todas as classes sociais aceitem as condições em que vivem, julgando-as naturais, normais, corretas, justas, sem pretender transformá-las ou conhecê-las realmente, sem levar em conta que há uma contradição profunda entre as condições reais em que vivemos e as idéias.

Por exemplo, a ideologia afirma que somos todos cidadãos e, portanto, temos todos os mesmos direitos sociais, econômicos,

políticos e culturais. No entanto, sabemos que isso não acontece de fato: as crianças de rua não têm direitos; os idosos não têm direitos; os direitos culturais das crianças nas escolas públicas é inferior aos das crianças que estão em escolas particulares, pois o ensino não é de mesma qualidade em ambas; os negros e índios são discriminados como inferiores; os homossexuais são perseguidos como pervertidos etc.

A maioria, porém, acredita que o fato de ser eleitor, pagar as dívidas e contribuir com os impostos já nos faz cidadãos, sem considerar as condições concretas que fazem alguns serem mais cidadãos do que outros. A função da ideologia é impedir-nos de pensar nessas coisas.

Os procedimentos da ideologia

Como procede a ideologia para obter esse fantástico resultado? Em primeiro lugar, opera por inversão, isto é, coloca os efeitos no lugar das causas e transforma estas últimas em efeitos. Ela opera como o inconsciente: este fabrica imagens e sintomas; aquela fabrica idéias e falsas causalidades.

Por exemplo, o senso comum social afirma que a mulher é um ser frágil, sensitivo, intuitivo, feito para as doçuras do lar e da maternidade, e que, por isso, foi destinada, por natureza, para a vida doméstica, o cuidado do marido e da família. Assim, o “ser feminino” é colocado como causa da “função social feminina”.

Ora, historicamente, o que ocorreu foi exatamente o contrário: na divisão sexual-social do trabalho e na divisão dos poderes no

interior da família, atribuiu-se à mulher um lugar levando-se em conta o lugar masculino; como este era o lugar do domínio, da autoridade e do poder, deu-se à mulher o lugar subordinado e auxiliar, a função complementar e, visto que o número de braços para o trabalho e para a guerra aumentava o poderio do chefe da família e chefe militar, a função reprodutora da mulher tornou-se imprescindível, trazendo como conseqüência sua designação prioritária para a maternidade.

Estabelecidas essas condições sociais, era preciso persuadir as mulheres de que seu lugar e sua função não provinham do modo de organização social, mas da Natureza, e eram excelentes e desejáveis. Para isso, montou-se a ideologia do “ser feminino” e da “função feminina” como naturais e não como históricos e sociais. Como se observa, uma vez implantada uma ideologia, passamos a tomar os efeitos pelas causas.

A segunda maneira de operar da ideologia é a produção do imaginário social, através da imaginação reprodutora. Recolhendo as imagens diretas e imediatas da experiência social (isto é, do modo como vivemos as relações sociais), a ideologia as reproduz, mas transformando-as num conjunto coerente, lógico e sistemático de idéias que funcionam em dois registros: como representações da realidade (sistema explicativo ou teórico) e como normas e regras de conduta e comportamento (sistema prescritivo de normas e valores). Representações, normas e valores formam um tecido de imagens que explicam toda a realidade e prescrevem para toda a sociedade o que ela deve e como deve pensar, falar,

sentir e agir. A ideologia assegura, a todos, modos de entender a realidade e de se comportar nela ou diante dela, eliminando dúvidas, ansiedades, angústias, admirações, oculta as contradições da vida social, bem como as contradições entre esta e as idéias que supostamente a explicam e controlam.

Enfim, uma terceira maneira de operação da ideologia é o silêncio. Um imaginário social se parece com uma frase onde nem tudo é dito, nem pode ser dito, porque, se tudo fosse dito, a frase perderia a coerência, tornar-se-ia incoerente e contraditória, e ninguém acreditaria nela. A coerência e a unidade do imaginário social ou ideologia vêm, portanto, do que é silenciado (e, sob esse aspecto, a ideologia opera exatamente como o inconsciente descrito pela psicanálise).

Por exemplo, a ideologia afirma que o adultério é crime (tanto assim que homens que matam suas esposas e os amantes delas são considerados inocentes porque praticaram um ato em nome da honra), que a virgindade feminina é preciosa e que o homossexualismo é uma perversão e uma doença grave (tão grave que, para alguns, Deus resolveu punir os homossexuais enviando a peste, isto é, a Aids).

O que está sendo silenciado pela ideologia? Os motivos pelos quais, em nossa sociedade, o vínculo entre sexo e procriação é tão importante (coisa que não acontece em todas as sociedades, mas apenas em algumas, como a nossa). Nossa sociedade exige a procriação legítima e legal — a que se realiza pelos laços do casamento —, porque ela garante, para a classe dominante, a transmissão do capital aos herdeiros. Assim sendo, o adultério e a perda da virgindade são perigosos para o capital e para a transmissão legal da riqueza; por isso, o primeiro se torna crime e a segunda é valorizada como virtude suprema das mulheres jovens.

Em nossa sociedade, a reprodução da força de trabalho se faz pelo aumento do número de trabalhadores e, portanto, a procriação é considerada fundamental para o aumento do capital que precisa da mão-de-obra. Por esse motivo, toda sexualidade que não se realizar com finalidade reprodutiva será considerada anormal, perversa e doentia, donde a condenação do homossexualismo. A ideologia, porém, perderia sua força e coerência se dissesse essas coisas, e por isso as silencia.

Trecho extraído de Convite à Filosofia. Ed. Ática, S.Paulo, 1994, páginas 174-175

O Homem Novo

Ernesto Guevara de La Serna



As leis do capitalismo, invisíveis para as pessoas comuns e cegas, atuam sobre o indivíduo sem que este perceba. Só vê a amplitude de um horizonte que parece infinito. O prêmio se avista à distância; o caminho é solitário. Além disso, é uma corrida de lobos: somente pode-se vencer sobre o fracasso dos outros.

Tentarei agora definir o indivíduo, ator desse estranho e apaixonante drama que é a construção do homem novo, em sua dupla existência, de ser único e membro da comunidade.

Creio que o mais simples é reconhecer sua qualidade de não feito, de produto não acabado. As taras do passado se transpõem para

o presente na consciência individual e tem-se que fazer um trabalho contínuo para erradicá-las. O processo é duplo, por um lado atua a sociedade com sua educação direta e indireta, por outro, o indivíduo se submete a um processo consciente de autoeducação.

A nova educação em formação tem que competir muito duramente com o passado. Isto se faz sentir não só na consciência individual, na que pesam os resíduos de uma educação sistematicamente orientada para o isolamento do indivíduo, mas também pelo caráter mesmo deste período no qual persistem as relações mercantilistas.

Del Rio(Rius), Eduardo. Conheça Che. São Paulo: Proposta Editorial, p. 104-105.

A qualidade total e a produção do descartável

Rosana Miyashiro*



Quem nunca ouviu, numa roda de conversa informal, alguém dizendo:

- A minha televisão (ou um outro eletrodoméstico qualquer) parou de funcionar.

E surge alguém lembrando com nostalgia:

- No tempo da minha bisavó as coisas duravam uma eternidade, passavam de pai para filho, resistiam ao tempo. Mas hoje é muito diferente, adquirimos um eletrodoméstico e sua vida útil é muito pequena.

Aqueles objetos que tempos atrás faziam parte das lembranças de infância, atualmente deixam de existir. A noção de velocidade e a sensação de que o mundo gira mais rápido permeiam a sociedade contemporânea.

Ao mesmo tempo em que convivemos com uma certa nostalgia do tempo lento do passado, saudamos com entusiasmo as “maravilhas” produzidas no momento atual, com

o dito avanço das tecnologias. Palavras que ouvimos com frequência, como novas tecnologias, qualidade total e produtividade, atualização permanente e outras semelhantes, o que significam?

Por que isso acontece? Será que os homens e mulheres de hoje são mais criativos do que no passado? Ou existe uma lógica maior para que isso aconteça?

Bem, para discutirmos essas questões é preciso lembrar que vivemos no modo de produção capitalista. De um lado, os trabalhadores produzindo a riqueza social; de outro, os capitalistas, que querem incessantemente o lucro por meio da exploração do trabalhador, a partir da apropriação dessa riqueza social produzida.

*É coordenadora pedagógica da ETHCI/CUT e mestranda em Educação pela UFSC.

Objetiva-se, cada vez mais, o aumento da produção em um tempo cada vez mais curto e com menor custo. Para que isso aconteça, é essencial o desenvolvimento das forças produtivas, isto é, das máquinas e equipamentos (tecnologia), das formas de produzir (como o trabalho é realizado) e da força de trabalho (o trabalhador).

Por isso sempre ouvimos que é preciso aumentar a produtividade, isto é, produzir mais, em um tempo menor, a um menor custo. Aí se insere a idéia de que é preciso inovar tecnologicamente. E a tal da qualidade total tem como objetivo adequar o sistema de produção para que as mercadorias produzidas tenham um tempo menor de vida útil.

O professor Ricardo Antunes é um dos estudiosos do assunto. Ele diz que a marca da nossa sociedade é a produção decrescente do valor de uso das mercadorias, o que quer dizer o seguinte: tudo se torna obsoleto e desatualizado num tempo muito curto, obrigando o consumidor a adquirir novas versões do mesmo produto. A produção do descartável faz parte da estratégia do capital para garantir a sua reprodução e, portanto, o seu lucro. Essa lógica está voltada para a acumulação capitalista e não para a melhoria das condições de vida da população.

Ouvimos também, constantemente, os empresários dizerem que é preciso ter competitividade, ou seja, levam vantagem

as empresas que produzirem novidades (que nem sempre nos ajudam a viver melhor) com o menor custo de produção e em maior quantidade.

Sobre isso, um importante filósofo, chamado Mezsáros, reflete o seguinte: há limite para essa lógica, pois é destrutiva não somente do meio ambiente, mas dos próprios seres humanos. Vivemos em uma sociedade que está em função da produção incessante de mercadorias e não da produção da vida.

É necessário lembrar que as coisas nem sempre foram assim. Houve na história da humanidade diversas formas de organização social. Vivemos numa organização social específica que divide a sociedade em duas classes fundamentais (trabalhadores e capitalistas) e se apóia na propriedade privada dos meios de produção de uma determinada classe, os capitalistas. Esse modo de produção foi construído socialmente e, portanto, não é natural e muito menos a única possibilidade de vivermos em sociedade.

Porém, a sua transformação e a ruptura dependem da organização da classe que é explorada (diga-se de passagem, a maioria da população) para construir uma outra lógica de (re) produção da vida.

É preciso refletir melhor sobre as implicações que haverá se continuarmos a viver sob esta lógica. Quem ganha com isso? E como poderia ser diferente?



Paratodos

Chico Buarque de Holanda

O meu pai era paulista
meu avô, pernambucano
o meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
meu maestro soberano
foi Antônio Brasileiro

Foi Antônio Brasileiro
quem soprou esta toada
que cobri de redondilhas
pra seguir minha jornada
E com a vista enevoadada
ver o inferno e maravilhas

Nessas tortuosas trilhas
a viola me redime
Cria, ilustre cavalheiro
contra fel, moléstia, crime
use Dorival Caymmi
vá de Jackson do Pandeiro

Vi cidades, vi dinheiro
bandoleiros, vi hospícios
moças feito passarinho

avoando de edifícios
fume Ari, cheire Vinícius
beba Nelson Cavaquinho

Para um coração mesquinho
contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo
Pixinguinha é incontestado
tome Noel, Cartola, Orestes
Caetano e João Gilberto

Viva Erasmo, Ben, Roberto
Gil e Hermeto, palmas para
todos os instrumentistas
Salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethânia, Rita, Clara
Evoé, jovens a vista

O meu pai era paulista
meu avô pernambucano
o meu bisavô, mineiro
meu tataravô baiano
Vou na estrada há muitos anos
sou um artista brasileiro



Condições de trabalho e saúde do trabalhador: casos de LER

Você já ouviu falar em “LER”? Não é o ato de leitura, não. LER é uma sigla que dá nome a uma doença dos tempos moder-

nos: “Lesão por Esforços Repetitivos”. Leia o texto abaixo, para saber como ela se manifesta, como as pessoas a adquirem.

CASOS DE LER

A maquiadora de bonecas

Antônia trabalhou quatro anos em uma fábrica pintando boquinhas e sobranceiras em bonecas. Seu posto era uma cabine estreita com pistolas de tinta e produtos químicos. Não via as companheiras de trabalho, às quais estava ligada pela esteira por onde passam as bonecas pintadas.

Dois anos maquiando 400 bonecas por

dia e Antônia pifou. Passou a sentir uma dor horrível nos braços e sensação de um choque elétrico. “Começava no pulso e ia até os ombros”, ela diz.

Logo piorou. Suas mãos perderam a mobilidade. Deu de dormir mal, com dor. O médico da empresa diagnosticou tendinite – inflamação dos tendões – nos pulsos e antebraços.

E tenossinovite, estreitamento doloroso

no revestimento dos tendões nos polegares.

A maquiadora foi encostada no INSS, ganhando dois salários mínimos, 80% do que recebia.

E ficou ainda sem benefícios, cesta básica ou seguro-saúde.

A contadora de dinheiro

Bartira foi por 18 anos caixa de um grande banco. Nos dias piores, fazia até 500 atendimentos. Há três anos começou a ter formigamento e sensação de peso e calor nos braços. A seguir, perdeu sensibilidade e forças nas mãos, teve de abandonar as tarefas domésticas. Num dia de janeiro do ano passado, ao contar cédulas, o pior: a mão direita paralisou. “A dor era insuportável”, lembra.

O diagnóstico: tendinite do supra-espinal, inflamação no revestimento da junção do braço com o ombro. E inflamação nos revestimentos dos tendões dos músculos que estendem os dedos, localizados no dorso da mão. Afastada do serviço, ficou com R\$ 1 mil e 100 de salário pelo INSS – perdeu R\$

300 da gratificação de caixa. Agora está no centro de recuperação da seguridade social.

O acabador de chicotes

Um dia, Francisco estava no banho, passando sabão no braço esquerdo, quando o direito caiu e ficou aprumado para baixo, sem obedecer. “Senti que tinha chegado ao final”. Chamou a mulher: “Filha, vem me ajudar”. Francisco, 32 anos, vinha escondendo da mulher dores e paralisias repentinas na mão, que tinham aparecido quando era acabador manual de chicotes – a fiação que conduz eletricidade nos carros - para a Delphi Packard Electric Sielim, em Betim, perto de Belo Horizonte. Francisco tem caroços no braço direito, na parte oposta ao cotovelo e na palma da mão, à altura dos encaixes dos dedos. Afastou-se do trabalho por meio do sindicato dos metalúrgicos, e há quatro meses espera que o INSS lhe faça os primeiros pagamentos que compensarão, em parte, os R\$ 307 reais mensais que recebia.

Transcrito de Atenção!, São Paulo, n.5, abr.1996

Antônia e Bartira são nomes fictícios de pessoas com LER, lesões por esforços repetitivos. A revista Atenção! entrevistou 65 trabalhadores com a doença. A maioria, como as duas, não quer aparecer em público. Pretendem voltar ao trabalho e têm medo de serem vistas como imprestáveis. Francisco é um nome real. As vítimas da LER contam a mesma história: não existe um dos sonhos dos tempos modernos, o do novo ambiente de trabalho, limpo e feliz.



Meu Maio

Vladimir Maiakovski

A todos
Que saíram às ruas
De corpo-máquina cansado,
A todos
Que imploram feriado
Às costas que a terra extenua –
Primeiro de Maio!
Meu mundo, em primaveras,
Derrete a neve com sol gaio.
Sou operário –
Este é o meu maio!
Sou camponês - Este é o meu mês.
Sou ferro –
Eis o maio que eu quero!
Sou terra –
O maio é minha era!

Lixo, consumo e a questão ambiental



Texto 1: A produção de resíduos é inerente à condição humana e inexorável

Mas a lata de lixo não é um desintegrador mágico de matéria! O lixo continua existindo depois que o jogamos na lixeira. Não há como não produzir lixo, mas podemos diminuir essa produção. Reduzindo o desperdício, reutilizando sempre que possível e separando os materiais recicláveis para a co-

leta seletiva. Tem coisas que a gente só não faz por não saber como. (...) A idéia é construirmos um mundo melhor, certo? Cremos que um futuro melhor seja o resultado de um presente mais responsável. Individualmente responsável.

Extraído do site: <http://www.lixo.com.br>

Texto 2: A sociedade de consumo é irreversível?

A sociedade contemporânea está doente. homens e mulheres, descontroladamente, são levados a comprar, sem necessidade. Fazem do consumo uma opção de lazer e uma forma de libertação. Os shopping centers se

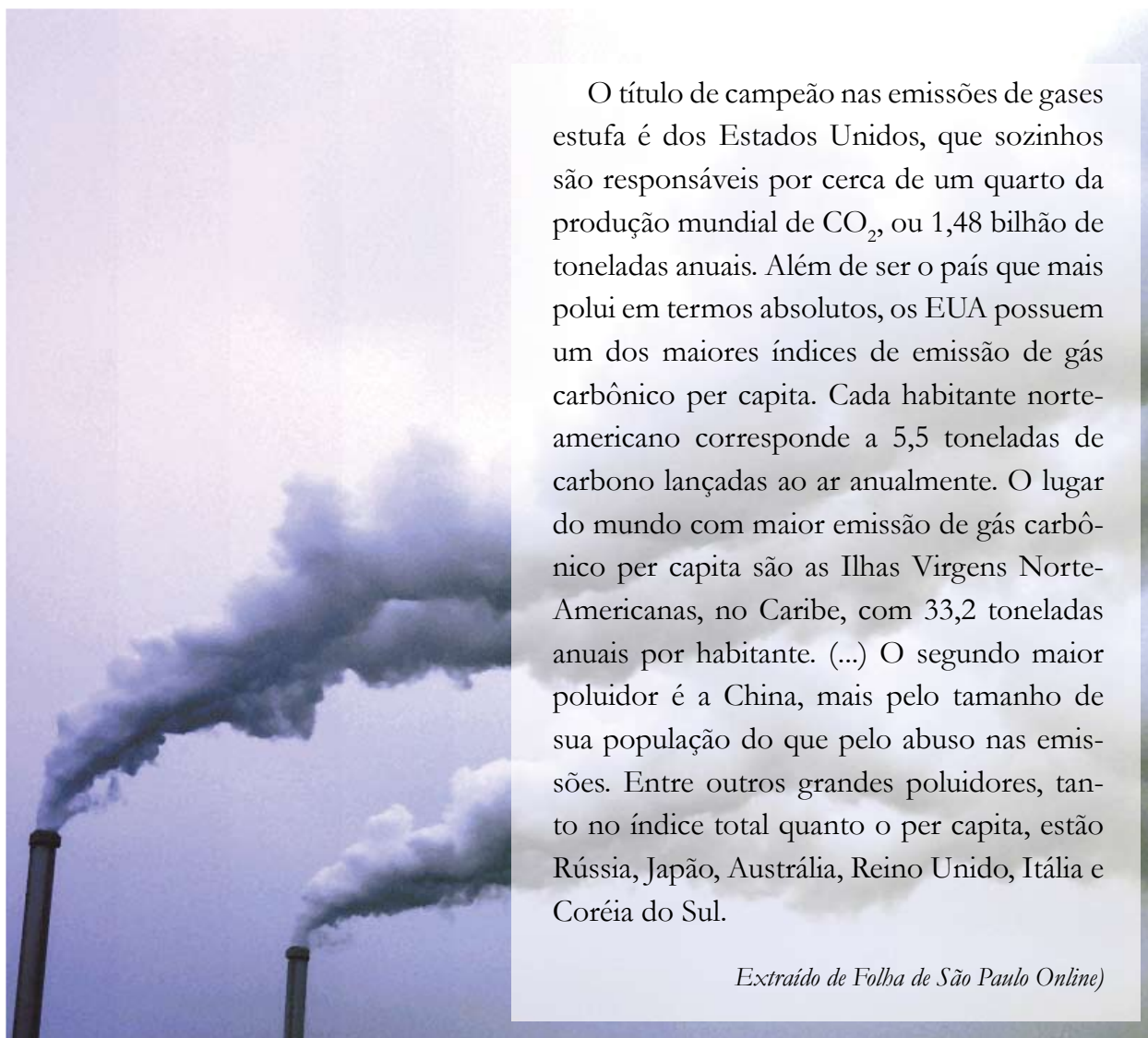
tornaram os templos dessa sociedade - doente - de consumo. (...) O primeiro e mais importante limite dessa cultura do consumo, que estamos testemunhando hoje, são os próprios limites ambientais. O planeta não

suportaria se cada habitante tivesse um automóvel, por exemplo. Há também o sério problema do lixo produzido pela sociedade. Onde os países desenvolvidos estão despejando seu lixo? Li que jogam nos mares de países com alta dívida externa, como o Brasil. Psicológica e sociologicamente também não será suportável por muito mais tempo essa

lógica de produção e consumo destrutivos a que estamos sujeitos hoje.

Trecho de entrevista com Valquíria Padilha, professora doutora na Universidade de São Paulo - Depto. de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FEA de Ribeirão Preto/SP; extraído do jornal Brasil de Fato, 28/04/2006.

Texto 3: Quem polui mais



O título de campeão nas emissões de gases estufa é dos Estados Unidos, que sozinhos são responsáveis por cerca de um quarto da produção mundial de CO₂, ou 1,48 bilhão de toneladas anuais. Além de ser o país que mais polui em termos absolutos, os EUA possuem um dos maiores índices de emissão de gás carbônico per capita. Cada habitante norte-americano corresponde a 5,5 toneladas de carbono lançadas ao ar anualmente. O lugar do mundo com maior emissão de gás carbônico per capita são as Ilhas Virgens Norte-Americanas, no Caribe, com 33,2 toneladas anuais por habitante. (...) O segundo maior poluidor é a China, mais pelo tamanho de sua população do que pelo abuso nas emissões. Entre outros grandes poluidores, tanto no índice total quanto o per capita, estão Rússia, Japão, Austrália, Reino Unido, Itália e Coréia do Sul.

Extraído de Folha de São Paulo Online)

Os trabalhos e os dias*



Plim-plim. Vassoura e pano nas mãos, toda terça-feira aparece a Marinete na telinha esfregando um pouco, lavando um pouco, ao som da música-tema que repete “ela é dona do jogo”, a personagem principal da Rede Globo: uma diarista. Não é coisa pouca, nem tampouco muita coisa, é coisa pra ser notada, embora seu cenário seja limpo demais, geométrico demais, seus “colegas” brancos demais. Daí a idéia, ser faxineira na vida. Ver como é a rotina das mais de 5,3 milhões de pessoas, 93% mulheres, que vivem de organizar, varrer, limpar, esfregar o que outros, sem tempo, com preguiça ou dinheiro demais para se dedicar a fazer, deixam pra trás. Fui procurar trabalho.

O templo sagrado da peregrinação pelo emprego de baixa renda, aqui em São Paulo, é a rua Barão de Itapetininga, centrão

da cidade. Chego lá numa sexta-feira, 5 de novembro, manhã cedo, pra ver os cerca de 20 homens-sanduíche exibindo anúncios de trabalho, muitos deles com caixas de papelão aos pés, onde todo dia centenas de pessoas – homens e mulheres, eles de camisa, elas de calça jeans, blusa social – atiram seus currículos. Eu, desavisada, sem currículo nem nada, não tenho o que oferecer. A solução vem em pouquíssimo tempo: “Fazemos currículo a 1,50”, “Xerox a 10 centavos a folha”, “Fazemos currículo com foto”, são muitas placas, um enxame, de todas as cores. Sem um tostão no bolso, a primeira lição: procurar trabalho exige dinheiro.

*A repórter Natalia Viana (da Revista Caros Amigos) viveu na pele a saga das mulheres que procuram subemprego, muito diferente da vida glamurosa de A Diarista, da Globo.

As agências de emprego, das mais picaretas às mais sérias, se espremem nas ruas que cercam a Barão, junto com oficinas de xerox e “composição” de currículo, fotos 3x4, médicos laborais, advogados trabalhistas e agências de empréstimo (“Sem dinheiro? Resolva já o seu problema! Não precisa de fiador” etc). Meio zozona pela enxurrada de “oportunidades”, paro diante de uma parede forrada de anúncios de emprego, a maioria escrito à mão, pedindo vendedoras, operadoras de telemarketing, secretárias bilíngües, motoristas. Faxineira, nada.

Um senhor, aparentemente o “guardador dos cartazes”, calvo e barrigudinho, anda de um lado para outro, dizendo a quem quiser ouvir: “Tem muita coisa aí que não é séria, eles cobram para pegar seu currículo, vai nessa que é séria, vai nessa, eu conheço”. Confio no homem quando ele vem perguntar o que estou procurando.

– Faxineira.

– Tem experiência?

– Tenho, ô!

– Eu tenho um trabalho pra você. Um amigo meu tem um escritório aqui perto, mas é só pra o fim de semana, tudo bem?

– Tudo bem, eu preciso trabalhar.

– Então espera aqui que eu vou pegar a chave com ele, te levo lá pra você ver...

Vou? Não vou? A falta de anúncios procurando diarista e a necessidade de arrumar um trabalho me deixam refém dele, que volta já pegando no meu braço:

– Vamos?

É quando aparece, não sei de onde, uma negra corpulenta, elegante, toda vestida de

azul, cabelo bem preso num rabo-de-cavalo. Pula na minha frente:

– Então eu vô junto.

– ?!?!

– Não é trabalho de faxineira? Eu também tô procurando, se você vai levar ela, me leva junto.

Ele se afasta resmungando, e nisso ela diz pra mim, baixinho: “Vamo vê se ele não vai te levar pra algum canto, tá te enganando!”. E estava. Desapareceu na multidão.

A heroína, Patrícia, me dá a próxima lição: “Todo mundo que se aproveitá, fia, olho aberto!”. Agradeço demais e ela se despede: “A gente se cruza por aqui”. “Tomara que não, né?”

Mas domingo tem classificados, e eu coloco um anúncio no Estadão que, mais por fidelidade à verdade do que por exibicionismo, sai meio esdrúxulo: “Diarista bilíngüe com experiência internacional. Preço a combinar. Tel. ...”. Sonho com patroas podres de ricas e gringos solteirões que me chamarão para limpar seus palácios no Morumbi. E, afinal, na abertura de A Diarista, não é por meio de um classificado que a Marinete oferece sua força de trabalho?

Sonho meu: outra novela da Globo. Chovem ligações, sim, de gente interessada pelo classificado. Só que são mulheres, algumas desesperadas, procurando trabalho. Uma delas: “Nóis tá precisando de serviço com urgência, me liga, Deus te abençoe”. Os recados não param de chegar na caixa postal, e o que bate à porta não é trabalho, mas o desemprego em carne e osso. Não, essa reportagem não vai ser sobre “a vida de uma

diarista”. Não tem escapatória: é sobre desemprego.

Segunda-feira volto à Barão, não sem antes ligar para dezenas de agências de serviço doméstico para ouvir, de muitas bocas, que já não há trabalho de diarista. Os patrões sumiram. Hoje, todo mundo quer empregada para dormir na casa. Em uma delas recebo um tiquinho de esperança. Só um detalhe: “...aparece aqui com currículo, RG, CPF, comprovante de residência e atestado de antecedentes criminais”. É assim: se quiser ser uma empregada “empregável” tem de provar que não é bandida, o que é no mínimo humilhante (o Congresso Nacional aprovou em dezembro projeto de lei do deputado federal Luiz Alberto, do PT da Bahia, proibindo a exigência; agora está no Senado), além de levar um tempo do diabo em filas da burocracia. Fazer o quê?

Na Barão, sigo as instruções da Patrícia, de me colocar “à disposição da agência” e pegar o trabalho que aparecer. Atiro currículos em todas as caixas e começo a peregrinação nas salinhas, uma por uma, para ouvir jovens recepcionistas repetindo: “Mora onde? Fuma? É casada? Tem filhos?”. E a vontade é fazer igual à personagem de uma anedota que, diante da pergunta, encarou o potencial patrão: “Sou mulher sim. Tenho filhos. E o senhor, é capitalista? Então, eu sou a reprodução da mão-de-obra, mas não precisa agradecer!”. Sigo na Barão e arredores até os pés doerem e a coxinha que almocei sustentar o meu corpo. Seis horas, volto para casa. Arrasada. O cansaço é enorme, é físico e é mental também. A terceira lição, muito útil nos dias

que seguem: não dá pra pensar direito quando o corpo está exausto.

Aquela semana foi de muito sol sobre a Barão de Itapetininga e sobre a gente, a mesma gente que eu reconheço em cada agência, atrás das mesmas vagas – copeira, auxiliar de cozinha, operadora de telemarketing, motorista. Ouço estarrecida a oferta humilhante de trabalhadores que, como disse Viviane Forrester no seu livro *O Horror Econômico*, pedem a simples licença para existir, o que no capitalismo significa “dar lucro a alguém”.

– Meu senhor, a gente está procurando alguém que more na zona norte!

– Mas eu moro em Pirituba, eu me viro, não tem problema!

– E qual a sua pretensão salarial?

– Oitocentos.

– Ah, mas o salário é 450...

– Tudo bem, eu aceito...

Fora os milhares que, como eu, são dispensados já na porta da agência pela pergunta maquiavélica: “Tem experiência de dois anos registrada em carteira?”.

Não tenho muita simpatia por estatísticas. Elas tentam colocar um sem-número de angústias, vergonhas, desesperos, em números. Em junho, pesquisa do Ibope apontou que a maior preocupação dos eleitores paulistanos, 66%, era o desemprego. No mesmo mês, pesquisa do CNT/Census revelou que 41,3% dos 2000 entrevistados consideram o desemprego o maior desafio do presidente Lula, contra 36% da violência. Forrester, uma francesa que nem botou os pés por aqui, coloca de forma melhor: pesa sobre os ombros de cada desempregado a vergonha pelo

próprio desemprego. E, irônica: “A vergonha deveria ter cotação na bolsa: ela é um elemento importante do lucro”.

A vergonha bate na semana como resaca. De agência em agência, a esperança bate ou foge, dependendo de um sorriso ou uma grosseria maior. O desespero – “não vou conseguir” – pra mim, que quero só escrever uma matéria, ainda é infinitamente menor. E a pergunta de Forrester, “há angústia maior que a esperança?”, ecoa e se multiplica em cada “não” que recebo. E reflete no rosto de Eliana, uma baixinha morena de belos olhos verdes que conheço numa agência de serviços domésticos. Ela, despedida do serviço de acompanhante de uma idosa porque foi morar com o namorado – a velhinha não gosta disso. Envergonhada, diz que também “não é tão mau assim”: até conseguiu serviço em outra casa, mas saiu sem olhar para trás quando, depois de dias fazendo vezes de faxineira, copeira, cozinheira e arrumadeira – o emprego oferecido era apenas arrumadeira –, foi mordida pelo cachorro, que “abriu um tanto da minha perna”. A patroa deu risada.

Na saída toca o celular: é de uma agência de empregos. Do outro lado da linha, alguém dispara:

– Você se interessa por uma vaga de operadora de telemarketing? São mais de 100 vagas, pagam de 380 a 600 reais, dependendo da firma.

– Claro que topo!

– Bom, você foi selecionada. Agora é só trazer amanhã o seu RG, CPF, carteira de trabalho, comprovante de residência e o valor da primeira parcela para o curso de treina-

mento, no valor de 49 reais.

– Como assim, primeira parcela?

– É para o curso, que dura cinco dias, no valor de duas parcelas de 49 reais, a segunda descontada já do primeiro salário.

– Como assim? Tem que pagar para ter um emprego?

– Olha, a vaga já está garantida, mas o curso vai estar dando todas as ferramentas...

– Esquece.

– Certeza?

Certeza. Pensando bem, nunca estive na tal agência. Agora sei, pelo menos, para onde vão os currículos atirados nos caixotes de papelão na Barão. O desânimo aumenta com a chuva que molha, lava, derruba e pára a cidade. É quando toca o telefone, uma luz: currículo selecionado, auxiliar de cozinha, amanhã às 9, com documentos.

No bufê espero num balcão, quando sai da entrevista uma mulata, cabelo alisado e sorriso satisfeito. No início antipatizo com minha rival, mas depois, ora!, afinal, quem é essa mulher? Ela é Denise, 27 anos, ali pela vaga de passadeira na lavanderia (450 reais), embora metalúrgica por formação. “Então é colega do presidente?”, brinco. “Tá bem de vida.” “Nada. Foi o tempo em que metalúrgico era respeitado. Agora, a gente ganha 380, 400 reais.” Do último trabalho, na carteira como temporária, foi mandada embora na primeira crise de produção, junto com dezenas de colegas. Agora é se virar, e danem-se mais de sete anos de experiência nas costas. (A tendência é explicada por Ricardo Antunes, professor da Unicamp, como a “nova cara do trabalho: a indústria contrata cada

vez menos e produz cada vez mais; a produção se flexibiliza, incorporando desempregados, que voltam para a rua assim que cai a produção”). Bem-humorada, ela brinca com o fato de ser considerada velha demais aos 27: “Agora, nem pra vender eu sirvo mais, eles querem meninas de 18 até 25 anos!”.

Na cozinha, uma moça loira, gordinha e decidida, diz que não precisa ter experiência, basta vontade de aprender e disposição de ficar até tarde, porque no fim do ano as encomendas dobram: “Muitas festas, sabe, e a gente tem de dar conta do serviço”. O esquema é 6x1, o que significa que só folgamos no domingo, enquanto as horas extras são amontoadas num “banco de horas”, que dá direito a folga, depois. O salário, 400 reais – 330 com os descontos. Agradeço a oportunidade.

Terça seguinte, acordo às 6h30. Um ônibus só, se bem que leva mais de hora e meia, e aproveito para dormir. O mesmo fazem os outros passageiros nessa terça pós-feriado da República. Chego ao trabalho, visto avental e touca branca no banheiro dos empregados, um pardieiro: roupas penduradas, o chão lodoso, a privada suja, o armário de ferro entulhado de aventais. Tudo fede a mofo, urina, umidade. Debruçada sobre uma pia pequena e mirando-se no espelho quebrado, encontro uma belíssima Maristela, 30 anos, branca de belos olhos castanhos, que tenta a custo enfiar os cachos negros na touca. Está atrasada e irritada. Contratada há três meses, só pensa em sair dali.

– Isso aqui é escravidão, ninguém tem hora de ir embora, não. Demorou um mês

com dor no corpo todo até eu acostumar a ficar de pé o dia todinho...

– Quando o corpo acostuma – pergunto – é que a gente ficou mais forte ou mais fraca?

– Mais fraca, fia, mais fraca.

Destoando do nosso “cantinho”, a cozinha é linda e limpíssima, toda azulejos brancos e mesas de madeira, pilhas e pilhas de fôrmas de bolo, assadeiras, potes, panelas, mais fornos e geladeiras industriais. Cinco mulheres vestidas exatamente como eu (Fernando Braga, o psicólogo que realiza uma pesquisa na USP trabalhando como gari uma vez por semana, observa que “o uniforme uniformiza”, tira a individualidade para transformar todos em “funcionários”), entretidas em sovar a massa, conversam pouco. Me atrapalho na primeira tarefa, peneirar uma bacia enorme de farinha de rosca, que leva duas horas e algumas câimbras para terminar. E a simpática Néia me ensina o próximo serviço, fazer mil-folhados de presunto (na verdade, apresuntado), abrindo o rolo de massa, espalhando o recheio, fechando apertado para não vazar, cortando em cubos e levando ao forno. E repetir, repetir, repetir.

O suor escorre pelo rosto, os braços doem e as histórias de Néia me embalam. O filho de 3 anos, cujo pai “assumi e sumiu”, fica com a mãe enquanto ela trabalha até as 10 horas, às vezes até perde o trem. Filha de baianos, o sotaque nordestino que se confunde com o das outras, já trabalhou na cozinha de um restaurante por quilo, já foi faxineira, fez de tudo um pouco. Mas ficar longe do filho tão pequeno dói. As outras, também, cada uma

dá um jeito com os filhos – são cunhadas, avós, tias, parentes, os filhos mais velhos cuidando dos mais novos – e a saudade é unânime naquela cozinha.

Em pouco tempo, a mesa central vai sendo coberta por travessas cheias de enrolados, esfihas, folhados, docinhos, salgados, pães, tudo douradinho e cheirando um absurdo, e a fome é maior porque não podemos comer nenhum. Pior: nosso almoço é uma marmitta fria e murcha – arroz, feijão, frango, polenta. O almoço feito na hora foi banido porque as cozinheiras estavam “mimando demais” os funcionários, fazendo um menu diferente a cada dia. Não há humilhação maior, penso, do que terem de engolir essa gororoba sendo, justamente, cozinheiras de mão-cheia.

Nem 20 minutos depois, retomamos o serviço. Quando afinal batem 6 horas, já não me agüento em pé e mal consigo disfarçar. Maristela brinca comigo: “Ih, tu é fraquinha, não agüenta ficar até 10 horas da noite, não”. Mas a supervisora diz que eu posso voltar amanhã, é só antes passar na agência e assinar contrato, levando a minha carteira de trabalho. Não volto.

De novo na rua, chama a atenção um cartaz escrito à mão: “Precisa-se moças com ou sem experiência”. Ligo para o número, e um carioca me explica que é pra fazer bijuteria na casa dele: “Já tenho muitas moças trabalhando pra mim”. É na Liberdade, a “Chinatown” paulistana, próxima à Baixada do Glicério, no centrão da cidade. No número 13: mau presságio.

Chego lá e o tal me recebe de camisa aberta e corrente no pescoço, olha de cima a bai-

xo e chama o menino: “Leva ela até a montagem”. E pra mim: “Diz pra patroa que eu mandei ela pegar você”. Atravessamos a rua até um predinho baixo, de corredor escuro, pintura descascando e lixo por todo canto. Uma placa avisa: “Favor não cuspir no chão”. No primeiro andar, a porta está rabiscada: “Favor não arrombar, se esqueceu a chave bata e espere”. Mas é no segundo andar que uma porta de madeira esconde mulheres sobre mesas improvisadas, forradas de colares, peças coloridas de plástico, fios. A patroa – é assim que todas a chamam – vem me receber, os cabelos desgrenhados, calça florida e uma camiseta branca, baforando um cigarro. “Ah, ele te mandou? Então vem, fia. O trabalho é fácil, começa às 8 da manhã e eu vou precisar que fique até tarde. Domingo tem folga...”. As janelas fechadas, tacos soltos no chão, as paredes rabiscadas por lápis de cor, e entramos num quartinho onde seis rostos de meninas me olham, curiosos. É onde vou trabalhar. Elas são negras, mulatas, os cabelos crespos, as mãos rápidas, os rostos jovens. A janela que dá para a rua está coberta por um papelão e a fumaça de muitos cigarros nubla o ambiente.

A patroa explica que no fim do ano tem muita encomenda (é a tal “dinamização da economia” que festejam os jornais), então vai ter muito trabalho. Ela paga condução, mas tem de levar marmitta. Pra cada dúzia de conjunto (12 colares e 24 brincos), ela paga 1,50 real.

Dia seguinte chego cedo, entro no apartamento, que está um carnaval de contas, pedras, pingentes, fios coloridos no chão, que

uma menina varre rapidamente. Meu lugar é ao lado de uma negra baixinha e gordinha, a Raquel, “Negona”, minha companheira de cigarros e de histórias. A patroa – “mulher, baiana e leonina, com orgulho” – está irritadíssima, faltam ainda 200 colares para fechar uma encomenda pra meio-dia. Quem me ensina o serviço é Shirley, com dois brincos enormes de semente, camiseta justinha, batom, uma princesa de 21 anos. Cortar os fios de selonite, amolecer em água quente, prender o fecho com alicate, e seguir a ordem, bolinha prateada, pedrinha verde, caninho verde, mais uma pedrinha, mais um caninho, pingente, pedrinha, caninho, bolinha. Vou seguindo como posso, é verdade que sou bem mais devagar que as outras e minha mesa é uma bagunça. Ao som dos berros da patroa:

– Suas lerdas!

Quando termino a primeira dúzia de colares e brincos verdes, já são 10 e meia: 1 real e 50 ganhos. Desisto totalmente de contar o êxito à patroa porque acaba de chegar uma funcionária:

– Sua vaca peituda! Isso é hora?!?! Fazer isso comigo justo hoje, sua vagabunda! Te mato! Já te xinguei tanto aqui! Me deixar na mão assim...

Vilma conta que dormiu no ônibus, acordou no ponto final:

– Tô muito cansada, ontem a gente saiu daqui era mais de 11 hora!

A patroa cala, mas bufa. E eu decido ficar de boca bem fechada, que a menor frase minha já destoa, como: “Por favor, me passa um pouquinho de pedras verdes?”. Em vez de: “Ô, na humildade, arranja umas pedra

ai”. Não que eu seja mais ou menos educada: são aprendizados diferentes, o do asfalto e o da favela.

De todas, eu sou a mais velha. Raquel, ao meu lado, tem 24 anos; na minha frente estão as irmãs Milca, 21, e Bitcha, 17; de costas para a janela fica Naiara, a sobrinha da patroa, de 14 anos; do outro lado, Karen, de touca da Gaviões da Fiel e “sangue nos óio”, tem 21. No primeiro contato, ela me aperta:

– Vem cá, tu já puxou cadeia, né?

– Não, mas conheço – arrisco.

– Tem cara.

Terminada a encomenda, sai a patroa, ligamos o som. Alguém trouxe um saco de pão e me ofereço para comprar margarina. Manteiga, nem pensar. Cada real é economizado, pra gente não acabar gastando o que ganha – dia de gastar é domingo; semana é dia de ganhar. Tomamos água da torneira, o cigarro, Kent, é dividido, o cartão telefônico também. Quando batem 6 da tarde minha cabeça dói por causa dos muitos cigarros; a palma da mão dói por causa do alicate, os ombros, principalmente, e as costas. Consegui fazer quatro dúzias: 6 reais. É com alívio que ouço o berro da patroa:

– Manda a Natalia ir pra casa, que eu tô com a passagem dela.

Raquel, sempre bem-humorada:

– Só ela?

Dia seguinte é tudo diferente. A patroa não está e a casa fica nas nossas mãos. Ouvimos, volume máximo, a Rádio Sucesso, que repete o refrão de Zeca Pagodinho: “Você sabe o que é caviar? Nunca vi nem comi, eu só ouço falar”. Perfeito para embalar o

almoço que a Shirley divide comigo – cozinhou um tanto demais na noite anterior, foi o sono. O menu: arroz, feijão e macarrão, tudo misturado. Caviar?

Negona nos entretém contando como foi “pega pelos homi”, quando trabalhava para o “partido”. Numa central do PCC, ela, duas meninas e muito pó, enquadradas pelos policiais, teve de desembolsar 7.000 pra se livrar.

– Parei com o crime ali.

Mas ainda flerta: mora com a sobrinha, traficante por formação – na Febem dos 4 aos 12 –, a “bicha”, que por algum se prostitui, o namorado, funcionário de um fast-food, que “faz uns corres” de vez em quando.

Vou fazendo meus colares, rosa, vermelho, azul, e ouvindo. Naiara, a cabeça cheia de cachaça e vinho San Tomé, fala sem parar:

– Mó brisa, mano, tô brisada!

Ela conta que a mãe costumava bater a sua cabeça na parede quando ela dedurava ao pai as escapadas noturnas – a mãe se prostituía escondido. Como naquela noite em que entregou a filha a um homem: “Faz o que ele mandar”. Naiara tinha 8 anos. Na lembrança, ela grita, ri, gesticula nervosamente. Promete que vai matar a mãe. Está “brisada”. Quase todas cumpriram o primeiro grau, já tiveram outros empregos. Milca foi auxiliar administrativa, Negona era acompanhante de idosos, Vilma trabalhava no Extra. Procurar trabalho, antes de encontrar a “patroa”, foi difícil: ninguém queria pagar condução, o que significa um gasto a mais de no mínimo 70 reais por mês. A patroa explora – cada conjunto é vendido a 1 real em pontos na 25 de Março e na Santa Ifigênia, no centro da cidade –, mas

pelo menos paga a ida e volta.

É no terceiro dia que decido ir embora. Mais especificamente às 11 horas, quando chega a patroa e avisa que seremos todas revistadas diariamente, além do que trabalharemos “de domingo a domingo”. Mais especificamente quando, depois disso tudo, ela encontra uma porção de fios que eu cortei mais curtos do que devia:

– Quem foi que cortou esse monte de selô errado, que eu tô com vontade de comer o cu!!!!

– Olha, patroa, espero que a senhora não coma o meu cu, mas fui eu – respondo, e de alguma maneira a minha fala deve ter impressionado, porque ela não retruca agora nem quando aviso que consegui outro trabalho, numa loja de calçados.

– Bom pra você, minha filha.

Nem fui chamada de vaca nem nada, e ainda ela me diz para voltar outro dia, buscar meu dinheiro. O total - 22,50 reais, que no terceiro dia consegui fazer cinco dúzias – jamais foi resgatado, e é com pena que digo que ficou com ela. Meu gosto era ter dado para a Negona, que se despediu emocionada:

– Não esquece das irmãs bijutera aqui não, se tiver uma vaga na loja...

Quando contei a saga das “irmãs bijuteiras” para Ricardo Antunes, ele não teve outra palavra senão “escravidão moderna” para classificar o serviço. Assim: “É tão brutal a precarização do trabalho em escala global, que o trabalho assalariado volta ao patamar que tinha antes da Revolução Industrial”. O salário baixíssimo – a que mais ganha não passa dos 350 reais, fazendo no máximo nove

dúzias por dia –, as condições insalubres, o fato de elas não decidirem quando descansam, nem até que horas ficam. Tirando uma ou duas com passagem na polícia, não entendo por que elas continuam ali. Nenhuma resposta me convence. “Isso, pra mim, é uma terapia”, diz a Milca. “Me encontrei aqui”, lança a Vilma.

A resposta, mesmo, só vem mais tarde, quando me despeço falando do trabalho assinado em carteira. A surpresa geral, o silêncio, tudo indica que aquilo é algo mais distante delas do que previra. A sentença final vem da boca da Vilma:

– Mas tem certeza que é trabalho mesmo? Será que eles não querem só o seu currículo? Olha lá, depois a patroa não vai te querer mais.

Medo. Lição número quatro. O relatório “Perfil da Juventude Brasileira”, parceria entre o Instituto Cidadania, Instituto de Hospitalidade e Sebrae, publicado em junho, quantifica: 52% dos entrevistados (3.500 jovens entre 15 e 24 anos de todo o Brasil) temem seu futuro profissional. Para 64%, trabalhar é apenas uma necessidade, questão de sobrevivência. O medo reflete uma realidade: 32% dos que trabalham estão desempregados, um terço deles há mais de um ano. Para as minhas colegas bijuteiras, medo que acorrenta a uma salinha fechada, escura e fedorenta, mais de 12 horas por dia.

Nesses dias não parei de procurar, aqui e ali, um trabalho temporário para o Natal. O comércio fervia – foram 35.000 postos criados desde setembro – e me sorria com um cartaz que dizia: “Você quer vencer na vida?

Venha fazer parte da nossa equipe!”. A loja de sapatos da Teodoro Sampaio, agitada rua comercial da cidade, pagava 5% sobre o que eu vendesse, e mais nada. Nem o transporte.

Começo numa sexta-feira de sol, 29 de novembro, quando todos os jornais trazem a boa notícia que o desemprego atingiu em outubro o menor índice em três anos – 10,9%, ou 2,3 milhões de pessoas –, o que não me inclui, claro, nem aqueles que não estão procurando trabalho por “desalento”, taxa que permaneceu em 1,7%, nem aqueles atirados ao trabalho precário por culpa justamente do desemprego, taxa que aumentou de 4,8% para 5,1%, segundo o Dieese. Ah, e a renda média caiu 1,6%, mas isso é detalhe. Enfim, chego à vitrine cheia de variados sapatos, tênis, chinelos, botas, e sou mandada para o fundo da loja, esperar ao lado de duas meninas tão ansiosas como eu. Que o supervisor vai falar com a gente, já está a caminho. Dentro da loja é um corre-corre, dezenas de vendedores com a camiseta verde, uniforme da loja. Os dois gerentes continuam nos ignorando, vez ou outra passam, confabulando. Pesco uma frase: “Ah, é assim? Então boa sorte pra ele, tem um monte de gente querendo a vaga dele...”. Esperamos. Esperamos. Esperamos.

Até as 16 horas, quando finalmente o tal do superior dá o ar da graça. Explica tudo de novo – 5%, das 8 às 18, marmita, temporário, entusiasmo etc – em cinco minutos, preciosos simplesmente porque ele é um supervisor, portanto, superior aos nossos superiores. E nos manda para o estoque. Que é um pesadelo.

Na sobreloja, uma estreita sala, com uma

mesa de madeira, serve de refeitório, enquanto o banheiro sujo, com só um vaso, é a área privativa onde os vendedores se trocam. Um grande filtro fornece água – que é descontada dos salários, 2 reais de cada vendedor por semana. Nas salas ao lado, o estoque: um enorme labirinto escuro de caixas, amassadas, abertas, coloridas, velhas, novas, empilhadas pelo caminho, onde couberem, o cheiro de sapato novo ardendo o nariz. Tênis, sandálias, sapatos sociais, infantis: o desafio, aqui, é saber onde está cada sapato, e pegar rápido o número certo antes que o cliente se aborreça. Por isso, ficamos horas ali, decorando a posição de cada marca. Antes de ir embora, nossas bolsas são revistadas.

A regra da gerência é incentivar a competição: os vendedores têm de ficar na calçada, “cantando” os potenciais clientes. “Quem chegar primeiro, o cliente é dele.” Palavras do supervisor.

Dia seguinte, último fim de semana de novembro, deve vender bem. Chegamos 7 e meia porque tem reunião. Os dois gerentes só chegam às 8h15, mas ninguém ousa reclamar porque vem chumbo grosso: encontraram três pares de tênis no saco de lixo, ontem. O menorzinho, de gel, começa:

– Tem um ladrão entre nós.

E tira do balcão pares de Nike, Topper, Kolosh, as marcas mais caras. O larápio pretendia recolher assim que o lixo fosse para a rua, e por isso: – Vou ter que descontar do salário de todo mundo!

Os sapatos ali, na nossa frente. Protestamos.

– Só porque eu achei, então deixa de ser

roubo? Não! Vou descontar! – ele grita, e a soma é de 14 reais para cada, um dia de trabalho.

Mas o pior ainda vem: os tênis, ele diz, vão ser cortados ali, na frente de todo mundo, e queimados. Parece que é a regra da empresa, confesso que ainda não entendi bem o raciocínio. Mas, quando começo a falar que isso não tem outro nome que injustiça, recebo um cala-boca:

– Olha, vocês três são novas, não vão ser descontadas.

Assim, o menino de gel mostrava como abraçara a lógica do patrão como forma de ganhar um salário pouco menos de fome que os outros, na condição de gerente. Fiquei quieta. Fiquei quieta, ainda, quando pouco depois o gerente nos contou que esqueceu de pegar as nossas camisetas no escritório, e assim não poderíamos trabalhar. Fiquei quieta, ficamos quietas as três, e fomos embora, sem ganhar nada pelo segundo dia consecutivo e, ainda, tendo as minhas duas companheiras pago pelo transporte. Um funcionário mineiro nos consola, que essa semana ganhou 36 reais e gastou 50, quer voltar pra Minas:

– Aqui em São Paulo, você não veve, passa a vida.

Segunda-feira seguinte, mais uma boa nova: o desemprego caiu pelo sexto mês consecutivo na cidade, chegando a 17,6%, ou 1,77 milhão de pessoas, segundo o Dieese. Chego na loja, marmita na mão, mas sou barrada. O gerente me chama de canto: lá no escritório não aprovaram meus documentos. Como assim, se estão todos em dia? Por quê? Nada. A única resposta repetida e repetida

era que eles, no escritório, são assim mesmo. Esbravejei que ia ao escritório saber o porquê daquilo tudo, e ele ainda me avisa que não adianta, eles não iam me receber. Eu fui, o escritório ficava apenas do outro lado da rua, e de fato não me receberam.

Derrota. Em que eu errei? Foi porque protestei sobre os tênis roubados? Será que alguém percebeu que eu era jornalista? Será que estava mal vestida? Mas a verdade é que eu era, como milhões, absolutamente descartável, nada mais. E é por isso, e vem disso, a quinta lição: quando você é demitida, ninguém se preocupa em explicar o porquê.

Como não explicam porque você não é selecionada, o que foi me acontecer dois dias em seguida, quando, depois de longa peregrinação pela rua José Paulino, consegui fazer um teste como auxiliar de vendedora de uma loja, e como vendedora em outra.

A sede administrativa da primeira fica perto da estação Armênia do metrô, na zona norte da cidade. É um prédio grande, todo cinza, com enormes portas de metal atrás das quais vejo rolos de tecido, sacos cheios de roupa e algumas mulheres – funciona aqui, também, a fábrica de roupas. A encarregada explica que o serviço é de assistente de vendedora, para dobrar roupas até o Natal. O pagamento, 20 reais por dia, mais condução, e o teste seria feito ali mesmo: “Agora, só depende de você”. Vou para o andar de cima, onde num galpão 50 mulheres, de pé, dobram roupas coloridas, floridas, sobre mesas de madeira. No lado direito, outras tantas passam as roupas; no esquerdo, mais outras “revisam” cada peça, olhando detalhes, aca-

bamento. Trabalho na fileira do meio, onde Rose, 33 anos, dobra cada peça e a coloca em sacos plásticos, daqueles que a gente abre nas lojas. Nunca tinha pensado que alguém era obrigado a fazer esse serviço.

Serviço que dobra em época de Natal, conta a capixaba, na fábrica há seis anos. Ela chegou a ser demitida, mas teve de voltar:

– O patrão não queria pagar a multa, né?

Magra, brincos de argola e rabo-de-cavalo, diz que a hora extra, avisada sempre no último minuto, estende a labuta até as 7 da noite, fazendo com que chegue em casa “pra lá das 9”. O barulho dos ferros a vapor é incessante, e a conversa é pouca. Algumas cantam. Depois de horas estou zonzona, e Vanusa, ao meu lado, garante:

– É assim mesmo, depois você acostuma.

Chega perto das 5 horas, e ninguém sabe se haverá hora extra; perguntam umas às outras, nervosas, se o patrão falou alguma coisa. Quando soa o apito, é um corre-corre. Elas agarram suas bolsas, no subsolo, batem o cartão e são revistadas em fila. Eu fico. Uma baixinha de rabo-de-cavalo crespo avisa que eles “vão me ligar”. Nem um agradecimento pelas quinhentas peças dobradas.

Na segunda loja – dessa vez, o teste foi na José Paulino –, a mesma história: depois de esfregar o chão; depois de me esconder no banheiro quando chega a fiscal do trabalho; depois de agüentar as mais variadas peruas o dia todo; depois de vender 650 reais em blusas de oncinha, saias com argolas douradas e tops cor-de-rosa; o que eu ganho é um “obrigado, a gente te liga”.

É verdade que nem tudo estava negro na-

queles dias. Afinal, eu também dispensara um promissor posto de trabalho, numa clínica de massoterapia onde a recepcionista, educada, me explicou com a maior ciência:

– Trabalhamos com massagem terapêutica, em que você vai estar massageando o corpo do cliente. Ela é antiestresse, relaxante, antinervosismo. E também fazemos a massagem tailandesa, conhece?

– Não.

– Também é massagem no corpo do cliente, só que na tailandesa você vai estar usando partes do seu corpo, coxas, nádegas, seios, para a massagem. Só de calcinha.

Diante do meu constrangimento, ela avisa que a tailandesa é obrigatória, não pode fazer só da outra. Não paga condução, mas dá refeição.

– Ah, e no final da massagem nós trabalhamos com relaxamento manual.

– Como assim? – não consegui segurar.

Ela faz o gesto: punheta. O pagamento, por sessão, é de 10 reais por meia hora (o cliente paga 80) e 20 reais para uma hora (o cliente paga 110). Digo que vou ligar depois. Sem perspectivas, sigo para a última alternativa: empresa de promoções.

Primeiro sábado de dezembro, sento às 7 da manhã na frente de um sobrado branco, junto a uma centena de meninas, sonolentas, na calçada. Miúdas, morenas, cabelos presos, short e camisetas coloridas, elas vêm de todos os cantos da cidade para aguardar a sua vez de serem chamadas. Gisele, a coordenadora, explica que o trabalho é só para os fins de semana, e o pagamento, 20 reais, sai no dia 15 do mês seguinte.

– Topa?

– Topo.

Subo a escada até uma pequena sala onde quarenta meninas se espremem de frente para um homem de meia-idade. Ele anda, impaciente, de um lado para outro, vez ou outra se vira para o grupo assustado e aponta:

– Você, você, você e você.

O silêncio é total. Elas evitam olhar para o homem: a possibilidade de não ser escolhida é terrível, significa 20 reais a menos no fim do mês. Não demoro a ser chamada, vou formar fila junto às outras para receber o uniforme – calça justa azul, camisa branca de gola, boné azul. Sigo para outra salinha, onde pilhas e pilhas de folhetos se misturam a outra dezena de meninas, atrapalhadas, tentando vestir o uniforme. Como a porta não fecha de tanta gente, nos trocamos sob os olhares dos motoristas.

Na perua, nove meninas entre 14 e 16 anos se espremem no banco de trás. Nívea conta que tem que acordar às 4h30 para vir do Capão Redondo, na periferia, zona sul. Vale a pena, ela garante, o dinheiro é bom. A conversa morre. Sono. Quarenta minutos depois chegamos a São Bernardo, município que faz fronteira ao sul de São Paulo. Nossa tarefa, descubro com surpresa, vai ser vigiar um banner. Isso mesmo: ficamos o dia todo, cada uma em uma esquina, paradas, olhando uma placa. Para a fiscalização não levar, já que é proibido pendurar banners naquela cidade. Sozinhas, o sol forte na cabeça, de pé. Sentar, nem pensar, nem ao menos encostar num muro: são as regras.

– Se você passar mal, liga pra central – avi-

sa o motorista antes de me deixar, abandonada, na minha esquina, e ali fico.

Forrester diz que a falta absoluta de postos de trabalho gera uma quantidade de “ocupações imbecis”, que são apenas “caricaturas de trabalho”. Muita gente sobrando dá vazão a idéias estapafúrdias, como, ora essa!, ser vigia de placa. Do outro lado da rua, uma outra coitada, a negra Marcela, 15 anos, de São Mateus, na zona leste, faz o mesmo por 15 reais para outra “empresa”. Esperamos. Passam carros. Pessoas. Vem o vento. Nuvens. Que passam. Mais gente. Bicicletas. Uma carreta propagandeia algum feirão de imóveis. Minha placa propagandeia um edifício com o nome de um pintor famoso, de três suítes, duas ou três vagas na garagem, 130 metros quadrados de área privativa, “mude em junho de 2005!”.

Reparo que ninguém me olha. Os olhares passeiam pela placa, param no número de telefone, e simplesmente me pulam. Sem exceção. Na paisagem urbana, não existo; o uniforme me torna, de fato, invisível – é a “invisibilidade pública”, fenômeno que o psicólogo Fernando Braga observou ao trabalhar junto com os garis da USP.

Domingo, 5 de dezembro, subo na Kombi para o último dia dessa jornada. Vou distribuir panfletos com duas alegres meninas, ambas de 17 anos. De novo, as regras são gritadas dentro da Kombi: não sentar nem encostar nem espalhar panfleto nem dar dois por vez nem furar o sinal nem prender o cabelo.

Paramos numa esquina da avenida Rudge e nos dividimos por faixa. Invisíveis pelo efeito mágico do uniforme, por vezes quase

somos atropeladas. Mais ainda, metade dos motoristas não percebe a nossa mão estendida, nem o nosso educado “bom dia”. Uns fecham o vidro, outros seguem olhando fixo para o farol, outros abanam levemente a cabeça. Engraçado: os ricos, bem aqueles que podiam comprar um apartamento caro. Enquanto os pobres, aqueles que passam de Brasília velha, a porta amarrada com tiras de borracha, pegam com gosto, o sorriso aberto. Os motoristas de ônibus, acostumados, pegam sempre mais que um: “Pra ajudar a menina”.

Veza ou outra passa o supervisor de Kombi, mais das vezes papeamos entre um farol e outro. Ali, no farol, quem faz a propaganda dos condomínios de luxo é a Thaís, do Capão Redondo, que dorme num cômodo com os sete irmãos mais novos; é a Tatiane, de Paraisópolis, que também divide o quarto com os irmãos, quatro, num andar erguido sobre a laje da casa da mãe. É Tatiane que, sem experiência nem idade pra trabalhar em loja de sapato, cozinha de bufê, fábrica de roupas, tem de levar dinheiro para casa. É Thaís que sonha fazer curso de operadora de telemarketing e está juntando dinheiro para isso. É Tatiane, que deita comigo num pedaço escondido e fresco de calçada na hora do almoço. É Thaís, que canta comigo Chove Chuva, do Benjor, quando aparecem as primeiras nuvens no céu.

Chove torrencialmente, e na cidade centenas de meninas como nós nem se agüentam de felicidade porque podem parar para descansar em algum abrigo. Nós nos escondemos no banheiro do Sam’s Club, e é ali

que eu descobro que as duas são evangélicas – Tatiane é da Assembléia de Deus, e Thaís da Comunidade Evangélica Pleno – quando gritam, emocionadas, “aleluia!”, para a chuva que lava tudo à nossa volta. Hora depois, o sol volta pra nos acompanhar no resto da tarde. Que demora a passar.

Na perua de volta elas dormem, cansadas. Eu seguro: quero ouvir Maria, 15 anos, muito empolgada, contar como se divertiu com os meninos que faziam malabarismo no farol.

– Eles ganharam tanta coisa, bolacha, pão, pirulito, refrigerante... e dividiram

tudo com a gente!

Só isso pra melhorar o dia mesmo, depois de ela ter dado de cara com a professora de matemática.

– Nem sei a cor que fiquei, não sabia onde enfiar a cara. Que vergonha!

Saindo da Kombi, as pernas bambas, volto para casa devagar, na cabeça a música-chiclete do programa de televisão: “ela é dona do jogo...”. Ela, ela quem?

Natalia Viana é jornalista. Extraído da revista Caros Amigos, ano VIII, n.94, jan.2005

Mito da democracia: Um Brasil de desigualdades



A chegada da democracia no Brasil, na década de 1980, acontece em conjunto com um período de forte recessão econômica. A crise criou um ambiente de incertezas, que dificultou a retomada de investimentos e provocou o aumento das desigualdades sociais. Forma-se uma sociedade ambígua, na qual alguns direitos se expandem e outros se retraem. Um país onde, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a renda por habitante, em 1990, é menor do que a da década anterior. A democratização brasileira, pelo modo como se desenvolveu, convive com acentuadas diferenças entre setores sociais. Dentre os pobres, 42% da população, segundo a Fundação Getúlio Vargas, os que mais sofrem são as mulheres e os negros. Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) e do Fundo das Nações Unidas para a Mulher

(Unifem) revela que têm menos acesso a serviços e direitos essenciais.

A discriminação aumenta no caso de mulheres negras, pois elas enfrentam o que os pesquisadores chamam de dupla discriminação. No Brasil, 21% destas são empregadas domésticas, e apenas 23% delas têm Carteira de Trabalho assinada. As mulheres brancas representam 12,5% desse mercado de trabalho, porém 30% delas têm registro em Carteira de Trabalho. A renda média mensal das mulheres negras no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, do IBGE (PNAD 2003), é de aproximadamente R\$ 280, enquanto as mulheres brancas conseguem ter uma renda de R\$ 554. Para o sexo masculino essas diferenças também são impostas pela cor da pele. Homens negros recebem aproximadamente R\$ 428, homens brancos, R\$ 931.

Desvantagens Antigas

Segundo o estudo, intitulado “Retrato das Desigualdades”, as diferenças entre setores sociais não são recentes, tanto que fizeram com que o Estado brasileiro, na década de 90, reconhecesse formalmente, perante a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a existência de racismo e discriminações baseadas na cor da pele ou na origem étnica dos indivíduos. O estudo também comprova que as mulheres estão em desvantagem quando o assunto é mercado de trabalho, acesso à saúde, remuneração, entre outros. A distribuição desigual pouco se altera entre 1996 e 2003.

As mulheres, com a Constituição de 1988, tiveram fortalecidos e aprimorados

seus direitos políticos. Estabeleceu-se pela primeira vez na história do país a igualdade entre os gêneros como direito fundamental. Os dados do estudo constataam que as leis não foram respeitadas.

“O debate e o reconhecimento da discriminação é muito recente. Inicia-se com a preparação da Conferência Internacional das Nações Unidas sobre as questões de racismo, que aconteceu em 2001. O governo brasileiro avançou criando uma secretaria que cuida disso especificamente. Você traz à tona este debate. Inclusive o debate, que é um pouco complicado, mas necessário, sobre as cotas”, diz Vera Soares, coordenadora do programa Igualdade, Gênero e Raça, do Unifem.

Números da Desigualdade

- As mulheres trabalhadoras têm mais anos de estudo do que os homens, mas ganham, em média, 30% a menos do que eles.
- As mulheres negras recebem, em média, a metade do rendimento das mulheres brancas e pouco mais de um terço do que os homens brancos.
- Quatro mulheres são espancadas a cada minuto, a maioria por seu marido ou parceiro.
- Por ser considerado crime, cerca de 1,2 milhão de abortos são realizados por ano na clandestinidade, causando 9% das mortes maternas e 25% das esterilidades.
- Quase metade das mulheres que está no mercado de trabalho ganha um salário mínimo.
- Nos primeiros cinco meses de 2004, foram registrados 132 mil casos de violência contra a mulher no Estado de São Paulo.

Fonte: Marcha Mundial de Mulheres; Fundação Perseu Abramo; OAB.

Sem Participação

Apesar das conquistas no campo legal, a representação das mulheres nos quadros dos poderes públicos e nas instâncias decisórias está muito aquém dos 50% de participação feminina na população do país. A mesma situação ocorre com os negros. Isso dificulta a redução dessas desigualdades. A representação dos setores discriminados no Congresso Nacional, outro meio de inserir representantes políticos, é muito pequena, em torno de 30%. Segundo a pesquisadora do Ipea, Luana Pinheiro, o regime democrático não consegue garantir ainda a participação dos grupos desfavorecidos. Ela acredita que o caminho para as transformações é ditado

mais pela pressão dos movimentos sociais organizados do que por intermédio do processo eleitoral, em que, segundo ela, há crise instalada.

Luana considera que a política de cotas pode contribuir para a diminuição das diferenças. “São um caminho para alguns temas nos quais a desigualdade é muito importante, mas não bastam. No caso da saúde, por exemplo, não se trata de ter cotas. Os dados mostram que mulheres negras têm muito menos acesso a serviços muito simples de atendimento. Neste caso, faz-se necessário ter uma compreensão das razões da exclusão”, analisa Luana.

Ensino Fundamental

Para os negros, o processo da desigualdade começa no sistema educacional. Apesar do crescimento na média de anos de estudo da população em geral (aproximadamente 1,5 ano) entre 1993-2003, a diferença entre anos de escolaridade para negros e brancos caiu muito pouco no período. Em 1993, essa diferença era de 2,1 anos para os brancos; em 2003, caiu apenas para 1,9 ano. Enquanto 16,8% dos negros maiores de 15 anos eram analfabetos, em 2003 esse valor era de “apenas” 7,1% para os brancos.

“A evasão escolar é maior para negros do que para brancos. Os negros, em geral, estão

em idade mais avançada do que a série que deveriam cursar. Então, há um problema, que começa no ensino educacional e repercute no mercado de trabalho. Por terem menor escolaridade, os negros vão para o mercado de trabalho em condições mais precárias, como a informalidade, com menor proteção social. Isso repercute na aposentadoria, a qual não terão direito porque não conseguiram trabalhar durante seu período produtivo”, explica Luana.

*Extraído do Jornal Brasil de Fato
19/10/2006 e 11/03/2006.*

Paraíso?



Propaganda de um Hotel em Natal-RN

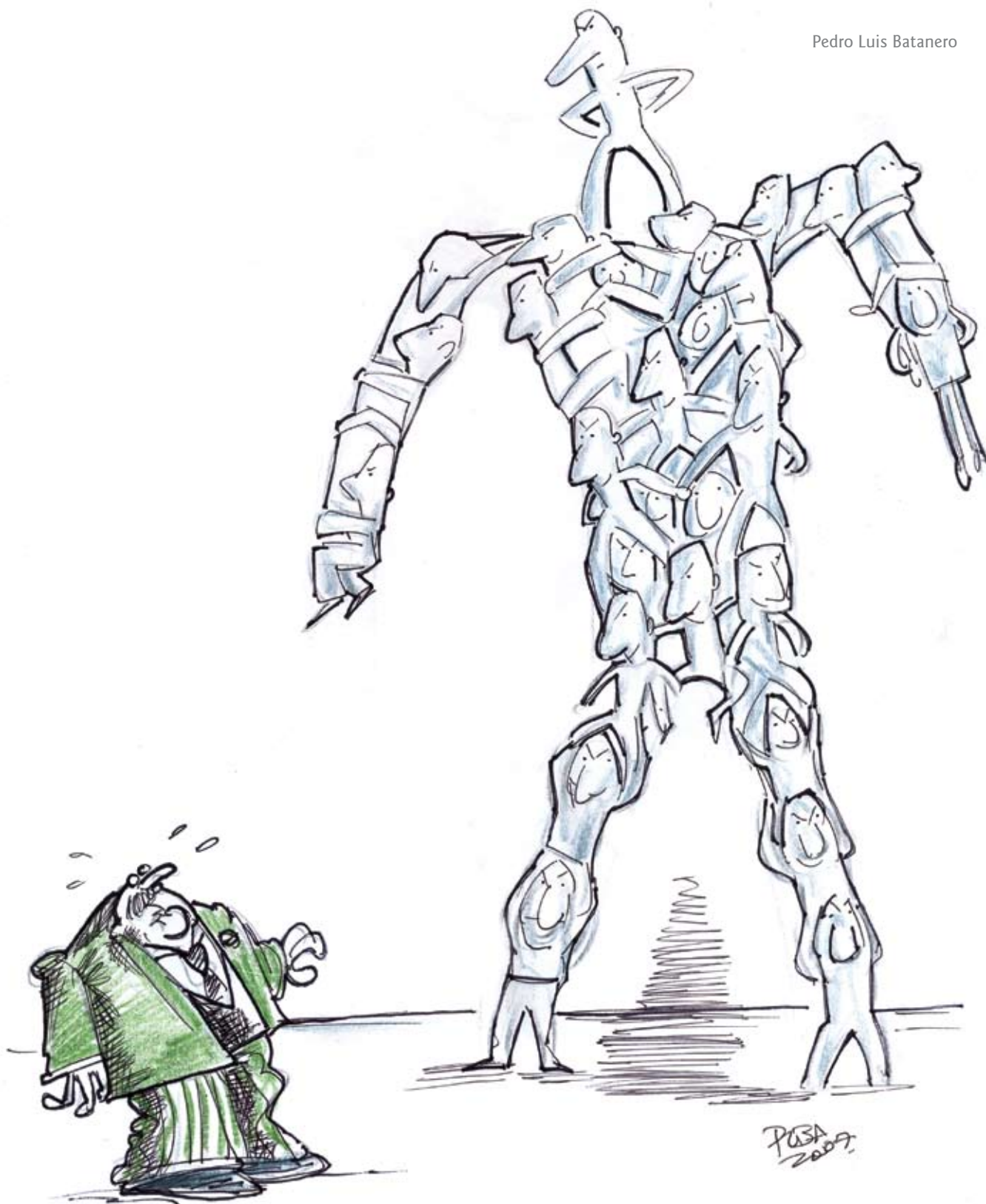
Fábrica de jogos

Pedro Luis Batanero



Gigante coletivo

Pedro Luis Batanero





INFORMÁTICA E
MUNDO DO TRABALHO

Sumário

1. Uma breve história do computador - Hanen Sarkis Kanaan
2. Partes do computador
3. Tecnologia: uma criação humana - Luiz Gabriel Angenot
4. Vizinhos internautas - Carlos Heitor Cony
5. A máquina da Canabrava - Mário Prata
6. Evolução dos meios de comunicação - Adriano Larentes da Silva
7. Pela Internet - Gilberto Gil
8. Qualificação e requalificação: a serviço de quem? - Maristela Miranda Barbara
9. Imagem: Afinado - Pedro Luis Batanero
10. Dificuldades para a busca da verdade - Marilena Chauí
11. A informática como ferramenta na organização do conhecimento
 - Organizando seus arquivos
 - O editor de texto
12. Trabalhando com Planilhas
13. Sistematizando suas idéias com o Powerpoint
14. Conectando-se ao mundo pela Internet

Uma breve história do computador

Hanan Sarkis Kanaan*

Este trabalho apresenta uma pequena introdução sobre a história do computador. Veremos que a evolução desta máquina está relacionada com o desenvolvimento humano e a necessidade crescente de ter uma ferramenta para auxiliar nos cálculos matemáticos e também no gerenciamento de grande quantidade de informações. Isso pode ser percebido com o surgimento dos primeiros instrumentos de cálculo manuais.

Muito antes da invenção das “engenhocas” que são os computadores, ainda na pré-história, quando o Homem deixa de ser nômade e passa a adquirir hábitos sedentários, fixando-se em tribos e aldeias, foi preciso criar um método para a contagem do tempo. Seria possível definir a época do plantio e da colheita, e posteriormente controlar o armazenamento dos grãos.

Descobertas arqueológicas revelaram que por volta de 1700 a.C., no Oriente Médio, próximo à Babilônia, o homem já efetuava operações e cálculos matemáticos utilizando tabuadas de multiplicação feitas em argila.

Com o aumento das relações de comércio e a necessidade crescente em lidar com cálculos matemáticos maiores e mais complexos, o Homem criou instrumentos que o auxiliassem nos cálculos. Algumas calculadoras primitivas foram bastante populares no Oriente, e a mais famosa delas foi o ábaco, desenvolvido aproximadamente em 1200 d. C na Chi-



na. O ábaco era formado por fios paralelos e contas ou arruelas deslizantes que, conforme a sua posição, representavam a quantidade a ser calculada. O ábaco também teve outras versões, tais como o ábaco russo e o ábaco japonês, denominado Soroban.

Aproximadamente meio milênio depois, em 1614, o matemático escocês John Napier,

*Hanan Sarkis Kanaan é educadora na ETHCI/CUT e formada em História.

inventor dos logaritmos, criou um conjunto de bastões que transformavam a multiplicação de dois números em uma soma. Em 1633, o sacerdote inglês Oughtred aperfeiçoou os bastões de Napier, representando os logaritmos em escalas feitas de madeira ou marfim, chamando-as de Círculos de Proporção. Esses dispositivos deram origem à régua de cálculos, que permitia realizar rapidamente operações com logaritmos que levariam horas. A régua foi muito popular entre engenheiros e cientistas, e era tão útil que só foi aposentada muito recentemente, com a chegada das calculadoras eletrônicas de bolso. A régua de cálculo é considerada o primeiro computador analógico da história.

O primeiro dispositivo mecânico para realizar cálculos foi feito em 1642, pelo matemático e filósofo francês Blaise Pascal. A máquina de calcular de Pascal consistia de um sistema de engrenagens cujo movimento permitia realizar somas e subtrações quase instantaneamente. Esse princípio de funcionamento também foi utilizado até recentemente, nos primeiros contadores do tipo taxímetro. Pascal recebeu uma patente do rei da França para comercializar a máquina. No entanto, o resultado obtido por meio da Pascalina, como ficou conhecida a máquina, não era confiável, e Pascal chegou a desenvolver 50 versões diferentes para a máquina.

O invento seguinte coube ao matemático e filósofo alemão Von Leibnitz (1646-1716). Baseado na máquina de Pascal, construiu outra, mais aperfeiçoada. Além de somar e subtrair, multiplicava e dividia a partir de somas e subtrações sucessivas. A operação da

máquina de Leibnitz era, no entanto, complicada e também sujeita a erros.

Em 1820, Charles Xavier Thomas projetou e desenvolveu máquina capaz de efetuar as quatro operações matemáticas básicas, denominada Arithmometer. Foi a primeira calculadora comercializada com sucesso.

Todas as máquinas desenvolvidas até esse período realizavam apenas as quatro operações matemáticas básicas, e de maneira independente. A cada novo cálculo o operador da máquina deveria intervir, determinando as novas operações. Não eram máquinas programáveis.

As máquinas programáveis

No começo do século XIX, em plena revolução industrial inglesa, o matemático e engenheiro inglês Charles Babbage projetou uma máquina de calcular bem diferente das conhecidas até aquele momento. Sua máquina inovava: ela tinha cartões perfurados que davam instruções à máquina. Pela primeira vez as máquinas podiam ser programadas para dar um resultado, e o resultado podia ser guardado para futuras operações.

A máquina de Babbage não conseguiu financiamento público para ser construída. No final de dez anos ele conseguiu desenvolver uma pequena máquina, que representava apenas parte do projeto. Naquela época, o projeto de Babbage não atendia aos interesses econômicos dos capitalistas ingleses. Ainda não eram claras a utilidade real do computador na indústria e nem a possibilidade de lucrar com o alto investi-

mento. A figura abaixo apresenta a máquina projetada e idealizada por Babbage.

A companheira de Babbage, Ada Lovelace, criou programas para a máquina de Babbage, e é considerada a primeira programadora de computador do mundo.

Aproveitando a idéia da máquina analítica de Babbage, Herman Hollerith, em 1880, desenvolveu um projeto para processar dados do censo, e o vendeu ao governo norte-americano. A máquina de Hollerith levou sete anos para processar os dados do primeiro censo. O segundo censo levou apenas dois anos para ser processado, o que mostra avanço na tecnologia da época, resultado de investimentos em pesquisas na área de computadores.

A Inglaterra e os EUA se tornaram pioneiros no desenvolvimento de computadores. Ao longo do século XX, universidades e governos financiaram pesquisas para o desenvolvimento e aprimoramento das máquinas,

criando mais funções para elas. As primeiras aplicações foram em centros de pesquisa e nos serviços de inteligência dos governos, principalmente em tempos de guerra. O computador podia

ser utilizado para desenvolver estratégias militares e até rastrear exércitos inimigos.

O computador no século XX

O Eniac, desenvolvido na primeira metade do século XX, pode ser considerado o primeiro computador moderno. Ele funcionava por meio de válvulas e relês. Seu sistema continha aproximadamente 19 mil válvulas e consumia enorme quantidade de energia elétrica. O Eniac era capaz de realizar 500 multiplicações por segundo, mas ocupava muito espaço e gerava intenso calor.

O Eniac atraiu a atenção do matemático John Neumann (que desenvolveu o projeto da primeira bomba atômica). Neumann imaginou que poderia introduzir novas instruções no computador sem alterar as suas ligações físicas. Em seguida, empenhou-se em instalar no interior do computador Mark I algumas instruções fixas (programas), que poderiam ser acionadas quando desejado. O feito pode ser considerado o início da computação.

No ano seguinte à construção do Eniac, as válvulas foram substituídas pelos transistores, bem menores e muito mais confiáveis. Vários transistores podiam ser reunidos em única pastilha, formando os chamados circuitos integrados.

Em meados da década de 70 vieram os primeiros microcomputadores. Sua construção só foi possível por causa do invento do minúsculo componente chamado microprocessador. Essa peça, do tamanho de um selo, era capaz de simular um grande computador, pois permitia a entrada de dados, o proces-



samento e a saída. O microprocessador era acoplado a um conjunto de chips (pastilhas de silício passivas, que apenas armazenam informações na forma de sinais elétricos) e revolucionaram o mundo dos grandes computadores.

Na segunda metade do século XX, começam a ser desenvolvidos os computadores pessoais. Paralelamente, a internet, rede de comunicação que atendia inicialmente apenas aos serviços de inteligência militar de países como EUA, Inglaterra, passa a se expandir. A própria internet é resultado de pesquisas na área de inteligência militar.

Em 1975 foi desenvolvido o Basic, a primeira linguagem para computadores. No ano seguinte, era concluído o projeto do Apple I, o primeiro microcomputador feito para ser vendido em grande escala.

O computador teve papel importante no processo de modernização do sistema produtivo e de prestação de serviços. Os capitalistas viam na nova invenção a possibilidade de aumentar ainda mais os lucros. O objetivo era inserir, na cadeia produtiva, “máquinas inteligentes” programadas por computadores. A ideia era substituir pessoas pelas máquinas, o que poderia aumentar o ritmo da produção, reduzir o número de funcionários e aumentar os lucros.

Os bancos foram pioneiros a adotar a máquina eletrônica na prestação de serviços aos seus clientes. O resultado foi devastador para os níveis de emprego. Milhares de bancários foram substituídos pelos serviços de autoatendimento oferecidos pelos bancos.

O mundo por um fio

Atualmente, participamos de uma revolução tecnológica no sistema de comunicações. Os computadores podem agora sair do isolamento e se comunicar por meio de uma rede mundial de computadores, chamada internet. A internet era, até a metade de década de 1980, restrita aos centros de pesquisa, a serviços de inteligência e departamentos de grandes corporações empresariais. Estimativas mostram que em 1995, ano de disseminação da rede no mundo, apenas 16 milhões de pessoas estavam conectadas. Segundo previsões, em 2005, estiveram conectadas 1 bilhão de pessoas.

A internet permite que qualquer pessoa que disponha de computador e linha telefônica tenha contato com qualquer outra pessoa conectada, em qualquer parte do mundo, em tempo real. Isso tem causado mudança radical nas relações pessoais, profissionais e de comércio. Tornou possível, entre outras coisas, a criação de empresas “virtuais”, realização de conferências e reuniões com pessoas distantes e acesso a bancos de dados de qualquer parte do mundo.

No entanto, bilhões de pessoas no mundo todo ainda não se beneficiam da rede de comunicação global. O acesso se concentra em algumas partes do mundo, como Europa, Oceania, regiões dos continentes americanos e asiáticos. A África é o continente que possui o menor número de pessoas conectadas na rede, e também é a região mais pobre economicamente do planeta.

Partes do computador

O que é um computador?

Os computadores estão cada vez mais presentes em nossa vida, direta ou indiretamente: nos bancos, nas eleições, no noticiário, nas telenovelas etc. O que não significa que entendemos ou sabemos como funcionam. Mas em muitos casos nos despertam a curiosidade... Ou não?

O computador e seus componentes

O conjunto computacional consiste de duas partes: hardware e software. Hardware é a parte física do computador. Os principais componentes são processador, memória e dispositivos de entrada/saída. Software é a parte lógica responsável pelo funcionamento do computador, constituída basicamente por programas.

PROCESSADOR: “cérebro” do computador. Executa as instruções responsáveis para a realização de uma tarefa. É a parte que sabe somar, subtrair e realizar operações lógicas simples. Outra denominação para o processador é CPU ou UCP: Unidade Central de Processamento.

MEMÓRIA: área de trabalho do computador na qual ocorrem as atividades. O tamanho da memória delimita o tipo de serviço que o computador pode realizar, motivo pelo qual um computador também é avaliado pela quantidade de memória que possui. A palavra bytes é a unidade de medida da memória.

ENTRADA/SAÍDA: é o que o computador usa para receber ou enviar dados por meio dos dispositivos periféricos. Os principais dispositivos de entrada são o teclado e o mouse; os principais dispositivos de saída são a impressora e o monitor. Os discos, também denominados winchester, são considerados dispositivos de entrada e/ou saída. Neles são armazenadas as informações. Uma vez desligado o computador, quando for ligado novamente tudo o que foi salvo no disco estará disponível. Principais dispositivos:

- Teclado
- Mouse
- Monitor
- Impressora

Outros dispositivos de entrada/saída são:

KIT MULTIMÍDIA: conjunto de dispositivos contendo microfone, alto-falante, leitores de CD (discos compactados) e câmera de vídeo. O microfone é utilizado para gravar sons; o alto-falante tem a finalidade inversa, permite ouvir sons armazenados no computador. A câmera de vídeo possibilita capturar imagens e fotos que são armazenadas no computador.

DRIVE DE CD: há dois tipos de drive de CD: somente Leitura - permite ler informações dos cds (ou ouvir músicas, acessar dados como textos e imagens); e gravável – conhecido como gravador de CD, permite co-

piar informações do computador como se faz com um disquete. A grande diferença entre o CD e o disquete é que o primeiro possui capacidade de armazenamento infinitamente superior ao segundo. Além dos gravadores de cd padrão, existem também os gravadores de DVD.

DRIVE DE DISCO FLEXÍVEL: usado para fazer a leitura de disquetes. Os disquetes permitem copiar e transportar pequenos arquivos de um computador para outro. O limite de armazenamento é 1,44 MB.

PEN DRIVES: muito utilizado nos dias atuais, o pen drive é memória rápida que se acopla ao computador pela entrada USB, permitindo acessar e copiar arquivos. Sua capacidade de armazenamento pode ser superior a 1GB.

MODEM: apesar de ser dispositivo não muito recente, tem sido um dos mais comercializados, porque permite ligar o computador à grande rede mundial (internet) via linha telefônica.

SCANNER: dispositivo de varredura ótica utilizado em aplicações gráficas. Digitaliza imagens, ou seja, passa do papel para o

computador, transformando o conteúdo do papel em um arquivo.

PROGRAMAS: fazem o computador funcionar por meio da execução de um conjunto de instruções (comandos) e de declaração de dados processados pela máquina.

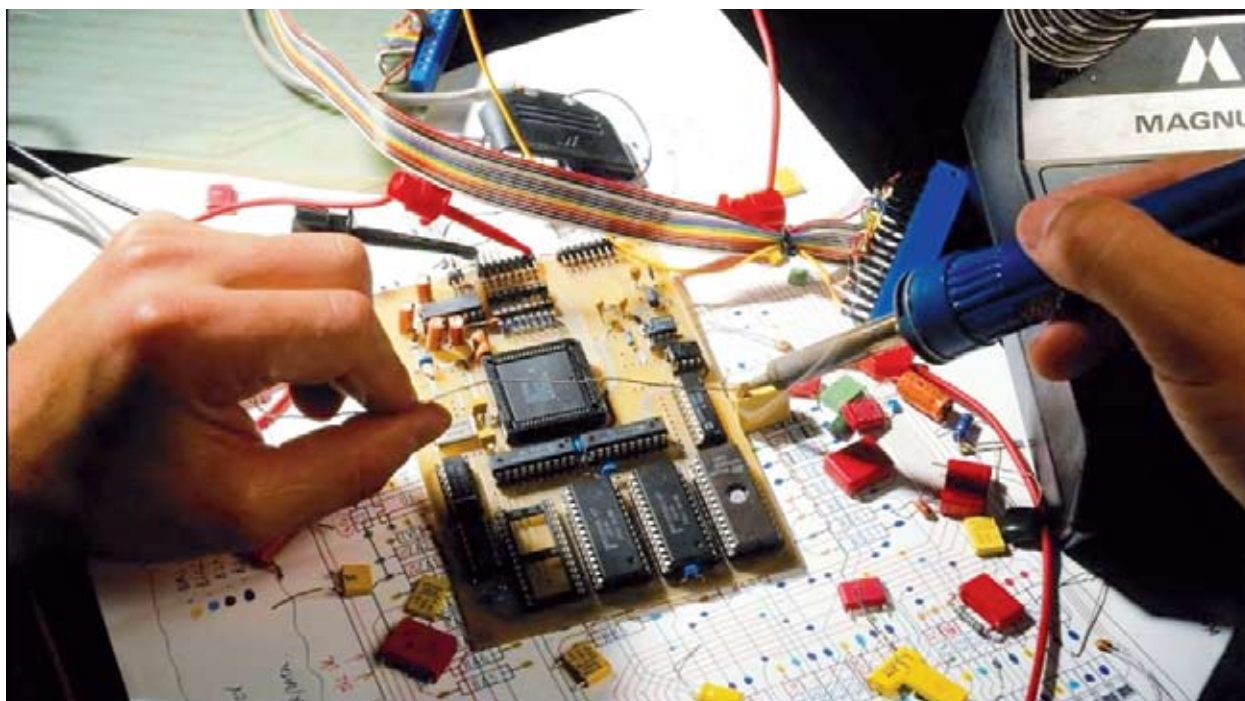
Programas de sistemas ou software básico ou sistema operacional

Ajudam a operar e gerenciar o computador. O funcionamento interno do computador é complexo e só pode ser realizado a partir do sistema operacional.

Programas de aplicações ou software aplicativo

Executam tarefas específicas, por exemplo: calculadora, editor de textos, editor de desenhos etc.

SOFTWARE LIVRE: qualquer programa de computador que pode ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído com algumas restrições. A liberdade de tais restrições é central ao conceito, o qual se apóia ao software proprietário, mas não ao software que é vendido, almejando lucro.



Tecnologia: uma criação humana

Luiz Gabriel Angenot*

O objetivo deste texto é desconstruir o mito de superioridade do computador em relação à inteligência humana. E, ainda, ampliar a visão de tecnologia além dos aparelhos eletroeletrônicos, como também perceber o ser humano como produtor de tecnologias.

Para ajudar a nossa reflexão há uma pequena história.

Certa vez, uma pessoa foi à repartição pública de cadastramento de imóveis verificar a situação da regulamentação do terreno e da casa dos quais era proprietária. Durante o atendimento, o funcionário foi conferindo as dimensões e características exatas da propriedade, acessando a base de dados do compu-

tador. A pessoa ficou muito impressionada como podia o funcionário saber tudo aquilo sem nunca ter ido ao local averiguar. Quando o funcionário perguntou à pessoa se havia alguma dúvida, ela não pensou duas vezes e disse: “O senhor poderia me dizer, olhando aí no computador, de quem é a bicicleta que deixaram hoje em frente à minha casa?”.

A tecnologia tem poderes mágicos?

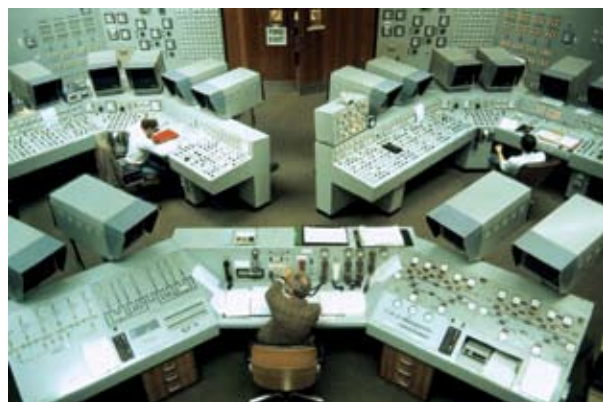
O pequeno fato evidencia que muitas pessoas ainda atribuem poderes sobrenaturais aos computadores, como bola de cristal ou fonte infinita de conhecimento. Mas não têm

*Luiz Gabriel Angenot é educador da ETHCI/CUT e geógrafo pela UFSC.

nenhuma obrigação de saber o que realmente são os computadores, equipamento desnecessário no seu cotidiano. O problema está quando se assume posição de inferioridade em relação à máquina, chegando a divinizá-la.

O computador é máquina inventada pela sociedade, resultado da acumulação de conhecimento produzido no decorrer da sua história. Ele funciona articulando placas formadas com circuitos complexos e peças de pequeníssimo tamanho. Ao combinar e calcular números, forma um código que aparece no visor, simbolizado por letra ou imagem. Assim, o que se vê na tela do computador são símbolos que têm por trás vários números. E as informações contidas no computador, como as ditas pelo funcionário, são colocadas pela pessoa que o programou.

Os primeiros computadores, criados na primeira metade do séc. XX, eram imensas máquinas, que ocupavam o espaço equivalente a algumas salas de aula. Com o passar do tempo surgiram novas formas de construí-lo. Seu tamanho foi sendo diminuído até chegar ao da máquina que se vê atualmente, por exemplo, nas repartições públicas: um microcomputador. A palavra micro quer di-



zer pequeníssimo, e computador é aquele ou aquilo que computa. Computar quer dizer contar, calcular.

O microcomputador é isso, explicado de forma resumida. Pequena máquina de computar, se comparado aos primeiros modelos de computadores. E não um objeto de adivinhação. Mas a mais avançada máquina criada pela humanidade, que realiza rapidamente complicadas operações matemáticas. Ele foi inventado para armazenar dados e transmiti-los a outros computadores, quando conectados entre si. O computador pode ser fonte de informação - não infinita, é bom frisar - como também transmissor de informação ou meio de comunicação, desde que se tenha a estrutura necessária para realizar a comunicação.

A tecnologia é criação humana para determinado fim. Computador, criação humana, tecnologia destinada ao processamento de dados. Chamamos de tecnologia a apropriação do conhecimento sobre o processo de imaginar uma coisa, construí-la e saber usá-la para produzir a vida humana.

O microcomputador é um dos vários exemplos de tecnologia. Mas o que parece

ser rudimentar para a produção da vida de uma sociedade talvez não seja para outras. A tecnologia pode ser ultrapassada dependendo do local, condições de sua utilização, como também da finalidade a que se destina: produção da subsistência ou enriquecimento. Se para o enriquecimento, a tecnologia empregada na produção deverá ser a mais avançada para obter resultados lucrativos.

Se um agricultor produz para a sua subsistência e da família, a enxada, a foice, o machado e o arado movido a tração animal provavelmente serão aparato tecnológico suficiente. Mas caso queira produzir para acumular riqueza, precisará de tecnologia que proporcione maior produção, como tratores, caminhões, mais terras e a contratação de outras pessoas.

Normalmente, quando se fala em tecnologia, lembra-se de diversos aparelhos eletrônicos; das grandes e complexas máquinas robóticas utilizadas nas fábricas; computadores; foguetes; satélites; carros modernos; laser; naves espaciais; robôs etc. Mas o ato de escrever usando a simples folha de papel e o lápis é utilizar tecnologia que revolucionou a comunicação e o registro, na história da humanidade.

Se atualmente, para parte da sociedade, essa tecnologia não é mais a única ferramenta utilizada na comunicação, há outra parcela que ainda não aprendeu a ler nem escrever,

situação que impossibilita o acesso à tecnologia. Para isso precisa ser ensinada, ou seja, alfabetizada. Com o computador ocorre o mesmo: é essencial o ensino específico. Exatamente como a auto-escola para ensinar a dirigir carros e motos, e a escola de aviação para pilotar avião. Mas há tecnologias as quais se aprende a usar no cotidiano, no ambiente do trabalho, que não exigem curso, e nem nos damos conta disso.

Toda pessoa tem a possibilidade de aprender qualquer coisa, desde que tenha condições e oportunidades. Em qualquer lugar do mundo, cada pessoa aprende coisas, se apropria de tecnologias necessárias à sua sobrevivência: no campo, cidade, na selva, regiões geladas ou desérticas. Não só tem a capacidade de aprender a usar tecnologias como também criar novas tecnologias.

O computador é, portanto, uma tecnologia, criação humana utilizada como ferramenta de trabalho aplicada a inúmeros fins, menos para adivinhar coisas...

Todo conhecimento sobre qualquer tecnologia tem seu grau de importância na construção da estrutura da sociedade, possibilitando também a produção da civilização humana. Quem sabe usar o computador pode não saber a renda de bilro, fazer funcionar o engenho movido a tração animal para produzir farinha ou açúcar, a sarabatana, arco-e-flecha, navegar num barco a vela ou a motor etc.



Vizinhos Internautas

Carlos Heitor Cony

Estudiosos do comportamento humano na vida moderna constatam que um dos males de nossa época é a incomunicabilidade das pessoas. Já foi tempo em que, mesmo nas grandes cidades, nos bairros residenciais, ao cair da tarde era costume entre os vizinhos se darem boa noite, levarem as cadeiras de vime para as calçadas e ficar falando da vida, da própria e da dos outros.

A densidade demográfica, os apartamentos, a violência urbana, o rádio e mais tarde a TV, ilharam cada indivíduo no casulo doméstico. Moro há dezoito anos num prédio da Lagoa; tirante os raros e inevitáveis cumprimentos de praxe no elevador ou na garagem, não falo com eles nem eles comigo. Não sou exceção. Nesse lastimável departamento, sou regra.

Daí que não entendo a pressão que volta e meia me fazem para navegar na Internet. Um dos argumentos que me dão é que posso falar com pessoas na Indonésia, saber como vão as colheitas de arroz na China e como estão os melões na Espanha.

Uma das minhas filhas vangloria-se de ser internauta. Tem amigos na Pensilvânia e arranjou um admirador em Dublin, terra do Joyce, do Bernard Shaw e do Oscar Wilde. Para convencê-la de seus méritos, ele mandou uma foto em cor que foi impressa em alta resolução. É um jovem simpático, de bigode, cara honesta. Pode ser que tenha man-



dado a foto de um outro.

Lembro a correspondência sentimental das velhas revistas de antanho. Havia sempre a promessa: “Troco fotos na primeira carta”. Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido um resultado aproveitável.

Para vencer a incomunicabilidade, acredito que o internauta deva primeiro aprender a se comunicar com o vizinho de porta, do prédio, de rua. Passamos uns pelos outros com o desdém do nosso silêncio, de nossa cara amarrada. Os suicidas se realizam porque, na hora do desespero, falta o vizinho que lhe deseja sinceramente uma boa noite.

A máquina da Canabrava

Mário Prata



No primeiro dia de aula, a professora de História da Economia, na velha USP da rua Doutor Vilanova, Alice Canabrava, escreveu no quadro negro o nome de um livro sobre o mercantilismo e disse, seríssima:

- Na próxima aula (dali a uma semana), prova sobre o livro.

Era o estilo dela, que eu já havia enfrentado no exame oral (é, tinha oral) do vestibular para economia em 1967. Ela me perguntou qual era a diferença entre uma nau e uma caravela. Na época, eu sabia.

Mas o mundo é pequeno e 30 anos depois vim a descobrir que a Canabrava era tia da minha amiga escritora-arquiteta Lúcia Carvalho, aquela mesma que já andou por aqui falando de privadas e congêneres.

Era tia. Morreu há um mês, já velhinha, aposentada e lúcida. Deixou sua casa - com tudo que tinha lá dentro, incluindo uma genial biblioteca - para a Lúcia.

E a Lúcia acaba de me mandar um e-mail que eu transcrevo na íntegra, sobre uma velha máquina da catedrática tia. Vamos lá. "Ouve só. A gente esvaziando a casa da tia neste carnaval. Móvel, roupa de cama, louça, quadro, livro. Aquela confusão, quando ouço dois dos meus filhos me chamarem.

- Mãe!

- Faaala.

- A gente achou uma coisa incrível. Se ninguém quiser, pode ficar para a gente? Hein?

- Depende. Que é?

Os dois falavam juntos, animadíssimos.

- Ééé... Uma máquina, mãe.

- É só uma máquina meio velha.

- É, mas funciona, está ótima!

Minha filha interrompeu o irmão mais novo, dando uma explicação melhor.

- Deixa que eu falo: é assim, é uma máquina, tipo um... Teclado de computador, sabe só o teclado? Só o lugar que escreve?

- Sei.

- Então. Essa máquina tem assim, tipo... Uma impressora, ligada nesse teclado, mas assim, ligada direto. Sem fio. Bem, a gente vai, digita, digita...

Ela ia se animando, os olhos brilhando.

- ...e a máquina imprime direto na folha de papel que a gente coloca ali mesmo! É muuuito legal! Direto, na mesma hora, eu juro!

Eu não sabia o que falar. Eu juro que não sabia o que falar diante de uma explicação dessas, de menina de 12 anos, sobre uma máquina de escrever.

Era isso mesmo?

- ... Entendeu, mãe?... Zupt, a gente escreve e imprime, a gente até vê a impressão tipo na hora, e não precisa essa coisa chata de entrar no computador, ligar, esperar hóóóras, entrar no word, de escrever olhando na tela, mandar para a impressora, esse monte de máquina, de ter que ter até estabilizador, comprar cartucho caro, de nada, mãe! É muuuito legal, e nem precisa de colocar na tomada! Funciona sem energia e escreve direto na folha da impressora!

- Nossa, filha...

- ... Só tem duas coisas: não dá para trocar a fonte nem aumentar a letra, mas não tem problema. Vem, que a gente vai te mostrar. Vem...

Eu parei e olhei, pasma, a máquina velha. Eles davam pulinhos de alegria.

- Mãe. Será que alguém da família vai querer? Hein? Ah, a gente vai ficar torcendo, torcendo para ninguém querer para a gente poder levar lá para casa, isso é o máximo! O máximo!

Bem, enquanto estou aqui, neste 'teclado', estou ouvindo o plec-plec da tal máquina, que, claro, ninguém da família quis, mas que aqui em casa já deu até briga, de tanto que já foi usada. Está no meio da sala de estar, em lugar nobre, rodeada de folhas e folhas de textos 'impressos na hora' por eles. Incrível, eles dizem, plec-plec-plec, muito legal, plec-plec-plec.

Eu e o Zé estamos até pensando em comprar outras, uma para cada filho.

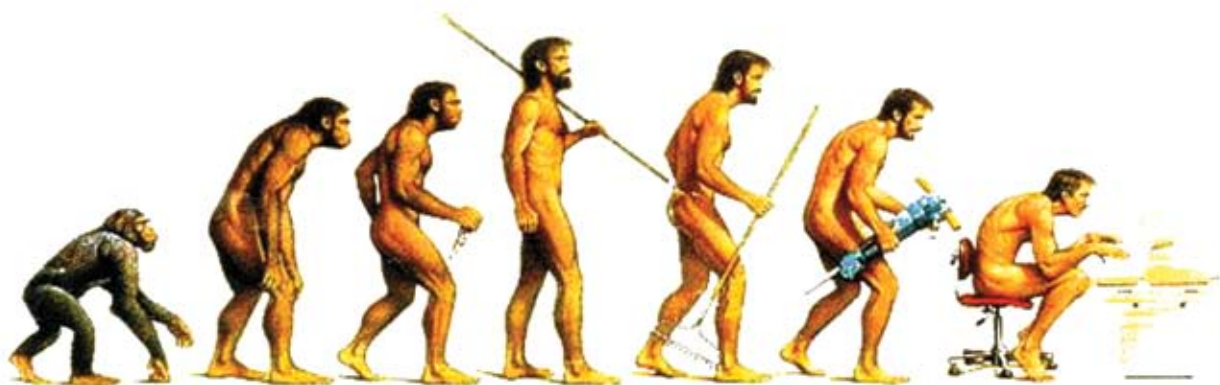
Mas pensa bem se não é incrível mesmo para os dias de hoje: sai direto, do teclado para o papel, e sem tomada! Céus. Que coisa. Um beijo grande, Lúcia."

É, Lúcia, a nossa querida Alice Canabrava deve estar descansando em paz e rindo muito. E dê uns beijos nos filhos e agradeça a crônica pronta-pronta, plec-plec-plec, que eu ofereço aos meus leitores. E leitoras.

Publicada no Estado de S. Paulo, 12/03/2003

Evolução dos meios de comunicação

Adriano Larentes da Silva*



Fonte: http://www.geocities.com/Athens/Sparta/1350/evolucao_comunic.htm

Ao longo de milhares de anos, homens e mulheres construíram diferentes formas de comunicar-se entre si e com o mundo à sua volta.

Inicialmente, a oralidade foi um dos principais meios usados para transmissão de conhecimentos e informações e também maneira eficiente de muitas comunidades registrarem os principais acontecimentos do cotidiano. Nestes casos, como ocorre até hoje em várias partes do mundo, os membros mais velhos do grupo desempenhavam a importante função de guardiões da memória do seu povo, repassando-a às novas gerações.

Com o tempo, paralelamente ao uso da fala, o Homem foi desenvolvendo outras maneiras de se comunicar, como desenhos em rochas e utensílios (pictografias), bem como escrita mais elaborada, com o desenvolvimento do alfabeto, o que possibilitou o registro maior e mais detalhado das atividades do dia-a-dia.

Ao fazer seus registros em argila, em papiro, pergaminhos e outros tipos de materiais, o Homem abriu caminho para as informações serem levadas de um canto ao outro sem a necessidade da presença física dos antigos guardadores de história. No entanto, mesmo com a mudança, a comunicação entre os grupos humanos, principalmente os mais distantes, dependia diretamente de inúmeros trabalhadores, responsáveis por fazer as mensagens chegarem ao destino.

Na Grécia antiga, por volta do ano 490 a.C., o mensageiro Pheidíppides teria sacrificado sua vida ao percorrer a pé os 40 quilômetros entre as cidades de Maratona e Atenas, a fim de levar a notícia da vitória grega sobre os persas. Esse episódio acabou dando origem à Maratona, presente nos Jogos

*Adriano Larentes da Silva é coordenador pedagógico da ETHCI/CUT e doutorando em História pela UFSC.

Olímpicos desde o final do século 19.

Já na China, desde o século primeiro a.C., havia sistema muito eficiente de comunicação graças à construção de estradas e acessos, bem como postos de coleta e distribuição de cartas. O sistema evoluiu de tal maneira que séculos mais tarde os correios chineses dividiam-se em três categorias: a pé, a cavalo e expresso. “As cartas enviadas a pé e a cavalo percorriam em geral 70 quilômetros diariamente; as cartas expressas adotavam sistema semelhante à corrida de revezamento de hoje em dia: o carteiro a cavalo corria sem parar, dia e noite, com tempo bom ou ruim. E em cada estação postal trocavam-se os carteiros e os cavalos.”¹ Os carteiros do correio expresso levavam chocalhos com sinos pendurados durante o dia e uma tocha à noite, para que todos os passantes, viajantes comuns ou soldados do exército, abrissem caminho o mais rapidamente possível. Estima-se que uma carta expressa podia percorrer até 300 quilômetros por dia.

Portanto, a agilidade na comunicação entre os grupos humanos dependia diretamente das características geográficas de cada região, das condições das estradas, dos meios de transporte e demais condições materiais existentes em cada sociedade. Da mesma forma, eram extremamente importantes o aperfeiçoamento de meios de comunicação já existentes e o desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias.

Um grande salto para a difusão de informações e conhecimentos foi dado no século 15, final do período medieval, pelo alemão João Gutenberg. Ele aperfeiçoou a técnica

de impressão com tipos móveis, inventando e desenvolvendo máquina de fundição de tipos, os tipos vazados em caracteres individuais de cobre. Após a invenção de Gutenberg, considerado o pai da imprensa moderna, textos e documentos que levavam meses para serem manuscritos ou copiados, tarefa desempenhada por grupo restrito de pessoas, podiam agora ser impressos com maior rapidez. Além disso, os textos passaram a ser impressos em línguas locais, rompendo o monopólio do latim e dos letrados sobre a cultura escrita.

No mesmo período, outro acontecimento que colaborou para o encurtamento das distâncias e do tempo foram as Grandes Navegações. Colocaram frente a frente sociedades bastante diferentes entre si, em contato no qual prevaleceram, a ferro e a fogo, a voz e a cultura dos dominadores. Essa lógica predominou nas relações estabelecidas entre os povos do Novo Mundo e do Velho Mundo durante mais de cinco séculos de história. Com isso, coube aos do Velho Mundo desenvolver tecnologias, enquanto boa parte do Novo Mundo apenas as importava, pagando muito caro. Foi o que ocorreu na área de telecomunicações desde a invenção do telégrafo, telefone, rádio e, mais tarde, televisão, satélite e computador. O mesmo também se deu na área dos transportes, com a construção de estradas e ferrovias, e a utilização de modernos aviões.

¹ LING, Wei. Desenvolvimento do Correio na China antiga. In: Rádio Internacional da China. Disponível em: <http://portugues.cri.com.cn/portugal/2003/Feb/113074.htm>. Consulta feita em março de 2005.

As comunicações no Brasil

No Brasil, as inovações tecnológicas que possibilitaram maior agilidade nas comunicações só se tornaram realidade após a vinda da família real, no início do século 19. A partir de então o país, especialmente a cidade do Rio de Janeiro, passou a ter jornais impressos que circulavam com periodicidade regular, bem como serviço postal mais eficiente. Mesmo assim, uma carta enviada à Europa podia demorar meses para chegar a seu destino.

A circulação das informações nas áreas mais distantes e em todo o interior do país continuou extremamente lenta até o início do século 20, quando o cinema e mais tarde o rádio tornaram-se veículos importantes de comunicação. Até aquele período, a igreja e a cidade eram os principais lugares onde a população buscava saber o que se passava na sociedade.

A abertura de salas de cinema em várias cidades e a implantação do rádio no Brasil, a partir da década de 1920, permitiram que as informações circulassem mais rapidamente. Nos cinemas, as notícias dos últimos acontecimentos eram transmitidas geralmente antes do início de cada sessão. Pelo rádio ouviam-se notícias do mundo todo e, em alguns casos, até captar o sinal de emissoras instaladas em outros países. Nos primeiros tempos, porém, somente as famílias com maior poder aquisitivo adquiriam os aparelhos receptores, por causa do seu alto custo. A solução encontrada pelas camadas populares era dirigir-se a estabelecimentos comerciais ou à casa

de amigos e conhecidos para ouvir notícias e novelas. Essa realidade só mudaria décadas mais tarde com o processo de urbanização, o aparecimento dos rádios portáteis e a instalação das primeiras emissoras de televisão no Brasil.

Na televisão, as notícias, novelas e outros programas radiofônicos seriam agora visualizados pela população. No entanto, assim como ocorreu com o rádio, a televisão só se popularizou muitos anos após o seu surgimento. Inicialmente, nos anos 50 e 60, as transmissões eram em preto e branco, e só nos anos 70 passaram a ser em cores. Hoje, a televisão é, com o rádio, o maior veículo de comunicação de massa do país, com milhões de telespectadores em todo o território nacional.

A partir dos anos 80 e principalmente os anos 90, outro meio de comunicação que começou a tornar-se popular no Brasil foi o computador. Usado inicialmente por empresas e órgãos públicos, o aparelho hoje virou bem de consumo, desejado por muitas famílias, presente em milhares de lares em todo o país. Com a ajuda do computador e também graças ao desenvolvimento da internet, as comunicações tornaram-se ainda mais ágeis e capazes de interligar, em segundos, regiões distintas do planeta.

Todas as transformações das tecnologias e das comunicações, portanto, foram fundamentais para a aceleração do tempo e o encurtamento dos espaços na sociedade. Apesar disso, ainda se está muito longe de haver meios de comunicação verdadeiramente a serviço da grande maioria da população.

Pela Internet

Gilberto Gil

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomará
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomará
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar

Qualificação e requalificação: a serviço de quem?

Maristela Miranda Barbara*



O discurso de que as novas formas de produção exigem um trabalhador cada vez “mais instruído”, “mais qualificado”, “superior”, é afirmação quase universalmente aceita no discurso popular e acadêmico. Apesar de serem termos vagos e imprecisos, são utilizados como se houvesse consenso na compreensão do que significam.

O tempo necessário para um trabalhador aprender a operar uma máquina sofisticada pode ser de algumas poucas semanas, e o trabalhador passa a ser considerado mais qualificado que outro que possui saberes distintos, construídos ao longo da vida. Isto porque a valorização da qualificação está sempre atrelada às necessidades momentâneas do mercado. Portanto, não implica qualquer garantia de emprego para o trabalhador que tenta

acompanhar as evoluções.

A cambiante definição do que é estar qualificado deixa o trabalhador sem referência sobre o que é preciso fazer para garantir seu lugar. “O que se deixa aos trabalhadores é um conceito reinterpretado e dolorosamente inadequado de qualificação: uma habilidade específica, uma operação limitada e repetitiva, ‘a velocidade como qualificação’. Hoje o trabalhador é considerado como possuindo uma ‘qualificação’ se ele ou ela desempenham funções que exigem uns poucos dias ou semanas de preparo” (Braverman, 1987, p.375).

O desemprego cresce em todas as faixas de escolaridade. Entretanto, o discurso dominante prega que a causa é falta de qualificação (formal

*É assessora da Secretaria Nacional de Formação da CUT e coordenadora do Projeto Todas as Letras



ou técnica) do trabalhador, vinculando assim a falta de trabalho à escolaridade deficiente.

Acreditando nesse discurso, o trabalhador atribui a si a responsabilidade pela situação de desemprego, ou ameaça dele, e passa a procurar em sua história de vida explicações para sua condição, considerando-se com estudo insuficiente, ou sem alguma habilidade específica.

“Nesse contexto, é possível perceber qual o trabalho específico do discurso ideológico: realizar a lógica do poder fazendo com que as divisões e as diferenças apareçam como simples diversidade das condições de vida de cada um” (Chauí, 1982, p. 21).

O aperfeiçoamento do trabalhador é importante e necessário, pode ser condição primeira para qualquer trabalhador almejar disputar um posto de trabalho, mas não é por si só suficiente para acabar com o desemprego e a exclusão social. O desemprego mais do que nunca faz parte da estrutura da forma

capitalista; deixou de ser eventual ou expressão de crise conjuntural. O trabalhador, com a responsabilidade de qualificar-se e, ao mesmo tempo, sem referência do que é qualificação, quando demitido, ou diante da ameaça de demissão, sente-se culpado por não ter estudado mais. Independentemente do quanto tenha estudado até então. E sofre. “São levados a se considerar indignos da sociedade e, sobretudo, responsáveis pela própria situação, que julgam degradante (pois degrada) e até censurável. Eles se acusam daquilo de que são vítimas” (Forrester, 1997, p.11).

A verdadeira democratização do conhecimento permitirá que cada um possa analisar de forma mais crítica e ampla seus determinantes históricos/sociais, chegando a um maior grau de consciência de si mesmo. Cada um, a partir daí, terá então maior possibilidade de ação sobre o mundo, melhores condições para transformá-lo, pois “uma classe não pode existir na sociedade sem manifestar em algum grau uma consciência de si mesma como um grupo com problemas, interesses e expectativas comuns” (Braverman, 1987, p. 36).

Sem uma análise que leve em conta que as relações de produção são estas, mas poderão ser outras, o trabalhador sofre duas vezes: uma pelas privações materiais, e outra por colocar-se responsável por seu próprio desemprego.

Referências bibliográficas

- BRAVERMAN, H, 1987. *Trabalho e Capital Monopolista*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- CHAUÍ, M., 1982. *Cultura e Democracia*. São Paulo: Moderna.
- FORRESTER, V. 1997. *O Horror Econômico*. São Paulo: Ed. Unesp.

Trabalhadores afinados

Pedro Luis Batanero

CUANDO NUESTROS
EMPLEADOS ESTEN REALMENTE
AFINADOS, AHÍ VEREMOS
LOS RESULTADOS DESEADOS



Dificuldades para a busca da verdade

Marilena Chauí

Em nossa sociedade, é muito difícil despertar nas pessoas o desejo de buscar a verdade. Pode parecer paradoxal que assim seja, pois parecemos viver numa sociedade que acredita nas ciências, que luta por escolas, que recebe durante 24 horas diárias informações vindas de jornais, rádios e televisões, que possui editoras, livrarias, bibliotecas, museus, salas de cinema e de teatro, vídeos, fotografias e computadores.

Ora, é justamente essa enorme quantidade de veículos e formas de informação que acaba tornando tão difícil a busca da verdade, pois todo mundo acredita que está recebendo, de modos variados e diferentes, informações científicas, filosóficas, políticas, artísticas, e que tais informações são verdadeiras, sobretudo porque tal quantidade informativa ultrapassa a experiência vivida pelas pessoas, que, por isso, não têm meios para avaliar o que recebem.

Bastaria, no entanto, que uma mesma pessoa, durante uma semana, lesse de manhã quatro jornais diferentes e ouvisse três noticiários de rádio diferentes; à tarde, frequentasse duas escolas diferentes, onde os mesmos cursos estariam sendo ministrados; e, à noite, visse os noticiários de quatro canais diferentes de televisão, para que, comparando todas as informações recebidas, descobrisse que elas “não batem” umas

com as outras, que há vários “mundos” e várias “sociedades” diferentes, dependendo da fonte de informação.

Uma experiência como essa criaria perplexidade, dúvida e incerteza. Mas as pessoas não fazem ou não podem fazer tal experiência e por isso não percebem que, em lugar de receber informações, estão sendo desinformadas. E, sobretudo, como há outras pessoas (o jornalista, o radialista, o professor, o médico, o policial, o repórter) dizendo a elas o que devem saber, o que podem saber, o que podem e devem fazer ou sentir, confiando na palavra desses “emissores de mensagens”, as pessoas se sentem seguras e confiantes, e não há incerteza porque há ignorância.

Uma outra dificuldade para fazer surgir o desejo da busca da verdade, em nossa sociedade, vem da propaganda.

A propaganda trata todas as pessoas, crianças, jovens, adultos e idosos, como crianças extremamente ingênuas e crédulas. O mundo é sempre um mundo “de faz-de-conta”: nele a margarina fresca faz a família bonita, alegre, unida e feliz; o automóvel faz o homem confiante, inteligente, belo, sedutor, bem-sucedido nos negócios, cheio de namoradas lindas; o desodorante faz a moça bonita, atraente, bem empregada, bem vestida, com um belo apartamento e lindos namorados; o cigarro leva as pessoas para belíssimas paisagens

exóticas, cheias de aventura e de negócios coroados de sucesso que terminam com lindos jantares à luz de velas.

A propaganda nunca vende um produto dizendo o que ele é e para que serve. Ela vende o produto rodeando-o de magias, belezas, dando-lhe qualidades que são de outras coisas (a criança saudável, o jovem bonito, o adulto inteligente, o idoso feliz, a casa agradável etc), produzindo um eterno “faz-de-conta”.

Outra dificuldade para o desejo da busca da verdade vem da atitude dos políticos nos quais as pessoas confiam, ouvindo programas, propostas e projetos enfim, dando-lhes o voto e vendo-se depois ludibriadas, não só porque não são cumpridas as promessas, mas também porque há corrupção, mau uso do dinheiro público, crescimento das desigualdades e das injustiças, miséria e violência.

A tendência é julgar ser impossível a verdade na política, passando a desconfiar do valor e da necessidade da democracia, aceitando “vender” seu voto por alguma vanta-

gem imediata e pessoal, ou cair na descrença e no ceticismo.

No entanto, essas dificuldades podem ter o efeito oposto, isto é, suscitar, nas pessoas, dúvidas, incertezas, desconfianças e desilusões que as façam desejar conhecer a realidade, a sociedade, a ciência, as artes, a política. Muitos começam a não aceitar o que lhes é dito. A não acreditar no que lhes é mostrado. E, como Sócrates em Atenas, a fazer perguntas, indagar sobre fatos e pessoas, coisas e situações, exigir explicações, exigir liberdade de pensamento e de conhecimento.

Para essas pessoas, surgem o desejo e a necessidade da busca da verdade. Essa busca nasce não só da dúvida e da incerteza, mas também da ação deliberada contra os preconceitos, contra as idéias e opiniões estabelecidas, contra crenças que paralisam a capacidade de pensar e de agir livremente.

Texto extraído do livro Convite à Filosofia, de Marilena Chauí. São Paulo: Editora Ática, 1994.



A informática como ferramenta na organização do conhecimento

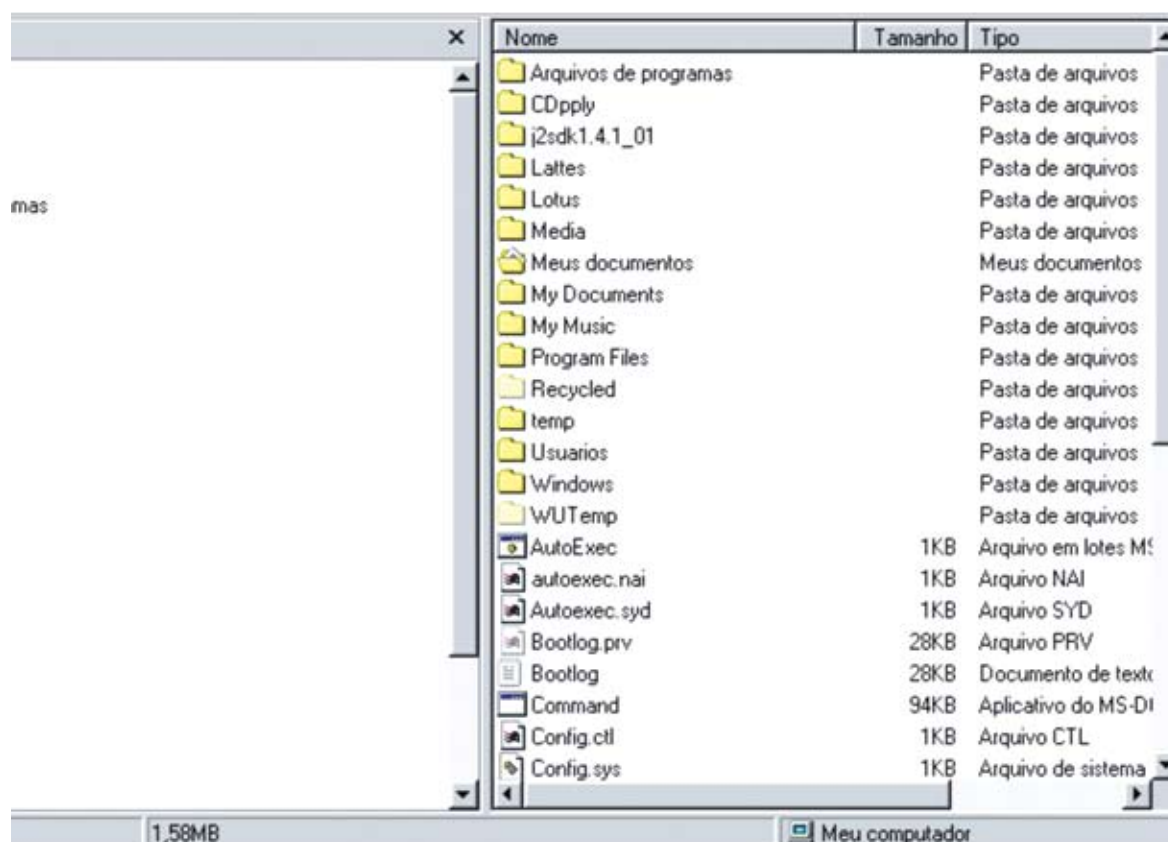
Organizando seus arquivos

No sistema de arquivos do Windows, cada unidade de disco - disquete, disco rígido (winchester) ou CD-ROM - é dividida em pastas. Cada pasta pode conter subpastas e arquivos. Cada subpasta pode conter outras, e assim sucessivamente. Esta é uma forma como o sistema operacional organiza os arquivos em um disco, permitindo que os arquivos de programas e os

documentos do usuário sejam organizados de forma lógica e fácil de administrar.

Se um novo programa é instalado, nova pasta será criada para os arquivos serem guardados. Da mesma forma, o usuário pode criar pastas para guardar os arquivos e o trabalho.

O gerenciamento dos arquivos e pastas é feito por meio do Windows Explorer.



Imagine que você tem um arquivo em um armário e lá seus documentos estão organizados por setores, pastas e assuntos, feito assim para facilitar a localização dos documentos que for utilizar. Assim é o Windows Explorer, pois por meio dele podemos guardar arquivos importantes em pastas com diferentes nomes, localizar pastas e diretórios com mais facilidade, além de obter informações sobre os drives do computador. Por exemplo, ao clicar sobre o ícone do Drive C: serão mostrados os diretórios existentes em forma de pastas e todos os arquivos que estão na raiz.

Clicando sobre as pastas é possível visualizar todos os arquivos, sejam eles textos, planilhas, imagens ou outros documentos.

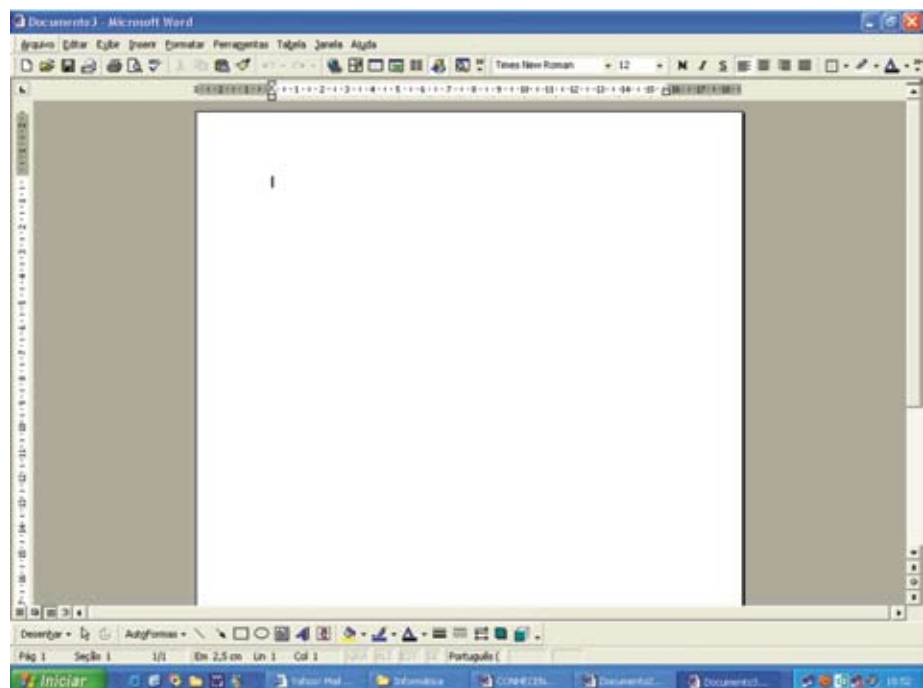
O Windows Explorer ou “explorador de janelas” é, portanto, um gerenciador de arquivos e pastas do sistema Windows. Ou seja, é utilizado para a cópia, exclusão, organização, movimentação e todas as atividades de gerenciamento de arquivos, podendo também ser utilizado para a instalação de programas e acesso a recursos de outros computadores interligados em rede local.

Uma das pastas-padrão mais utilizadas do windows explorer é denominada Meus Documentos.

O editor de texto

Um Editor de Textos é ferramenta importante para nos auxiliar na elaboração de textos diversos. Ele pode ser comparado a um caderno ou uma máquina de escrever. Mas para o editor ter de fato uma função é preciso da ação do Homem, para transformar nossas idéias em textos, bilhetes, frases etc. Ele possibilita que formatemos de diversas maneiras os mais variados estilos de textos como, por exemplo, cartas, ofícios, tabelas, mensagens com e sem imagens, currículos.

No caso, utilizaremos o Word. Apre-



sentamos algumas dicas para facilitar o seu manuseio.

Quando abrimos o editor logo aparece a tela principal. Lá encontramos uma folha em branco, como se estivéssemos abrindo um caderno com um cursor. A partir daí podemos iniciar o processo de digitação.

O cursor funciona como a ponta de um lápis movimentando as linhas para baixo, para os lados direito e esquerdo e para cima, além de ser a ferramenta que operacionaliza a execução das outras funções do teclado, como exemplo a acentuação das palavras e

das frases, as letras maiúsculas e a utilização da barra de ferramentas. Com ele selecionamos palavras, frases, textos e imagens.

O Word possui figuras que podem ser utilizadas para nos auxiliar na expressão das idéias. O nome do recurso é Clip-Art, e ele tem um conjunto de figuras que podem ser utilizadas para esse fim. Outros recursos disponíveis para tratamento de figuras, caixas de texto, linhas e cores são acessados por meio da barra de ferramentas - desenho.

Dica: durante a digitação de um texto o primeiro passo para que você não perca suas idéias é salvar seu trabalho. Afinal, acidentes acontecem e podemos desligar o computador sem querer, ou a rede de energia simplesmente cai. E aí o que não está salvo talvez se perca. Como podemos então evitar que isso aconteça?

Para salvar um documento se deve escolher o local no qual será gravado. Ex: meus documentos, área de trabalho etc. Depois de ir para esse local e escolher o nome do documento, é só clicar em salvar. Quando o documento foi salvo pela primeira vez, basta ir clicando no disquete que aparece na barra de ferramentas para atualizar e salvar o arquivo.

Formatando um texto

As ferramentas de formatação têm várias funções, entre delas a de dar opções de estilo de como arrumar o texto. Como um lápis e uma borracha em nosso caderno. Afinal, com frequência precisamos apagar alguma coisa da qual não gostamos, ou simplesmente esquecemos de colocar o parágrafo ou gostaríamos de trocar o estilo da letra, ou ainda ter escrito com outra cor. Se prestarmos atenção

à opção Formatar, da barra de ferramentas, é possível conhecer suas várias funções.

CONFIGURANDO PÁGINAS: para cada tipo de trabalho há diferentes tipos de configuração. Por exemplo, quando criamos um cartaz, a folha pode estar na opção Paisagem; quando for um texto ou poema podemos utilizar a configuração Retrato.

Dica:

o Word possui uma configuração de página-padrão associada a cada novo documento.

BARRAS DE ROLAGEM: essa ferramenta permite movimentar o texto para cima, para baixo e para os lados – direito e esquerdo.

IMPRIMINDO DOCUMENTO: Para imprimir documento é necessário que a impressora esteja configurada corretamente. Estando configurada, clique no menu Arquivo, opção Imprimir, ou use a tecla de atalho CTRL +P ou utilize o ícone da barra de ferramentas-padrão.

Dica:

Antes de imprimir é importante visualizar o documento, para se ter noção de como ficou a formatação.

Saindo do Word

Para sair do Word clique no menu Arquivo, opção Sair, ou feche a janela clicando sobre o botão X.

Trabalhando com Planilhas

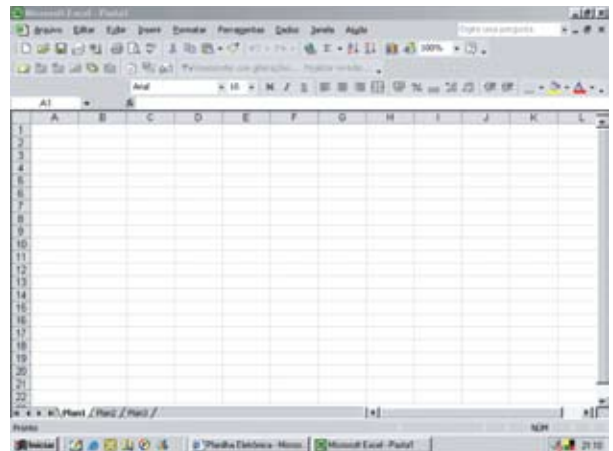
O Excel é um aplicativo utilizado para calcular, armazenar e trabalhar com lista de dados, criar relatórios e gráficos, sendo recomendado para planejamentos, previsões, análises estatísticas e financeiras, simulações e manipulação numérica em geral.

Pode ser utilizado em diversas áreas:

- Em Casa: orçamento familiar, lista de compras para o supermercado, material escolar e outras compras, projeção de gastos mensais e anuais, planejamento de férias e novos investimentos.
- Nas Organizações Sociais: projeção de custos de eventos, montagem de gráficos identificando áreas de atuação; acompanhamento dos salários pagos aos trabalhadores de cada categoria, entradas e saídas de recursos financeiros; memória de cálculo para projetos; distribuição dos recursos humanos e financeiros por atividades.
- Nas Empresas: folha de pagamento, salários, contabilidade, controle de compras, tabelas de preços, saldos, análise de investimentos, custos, projeção de lucros, fluxo de caixa, controle de captação de recursos, controle de contas a pagar e a receber, simulação de custos, controle de produção, controle de produtividade, controle de estoque, plano de vendas, controle de visitas, análise de mercado, controle de notas fiscais, emissão de listagem de preços.

A Planilha Eletrônica

A planilha eletrônica é um conjunto de colunas e linhas, cuja intersecção denominamos de células. Cada célula possui endereço único



ou referência. Por exemplo, a referência da célula da coluna A com a linha 1 é A1. O Excel possui 256 colunas identificadas por letras de A até IV, e 65536 linhas.

Fórmulas

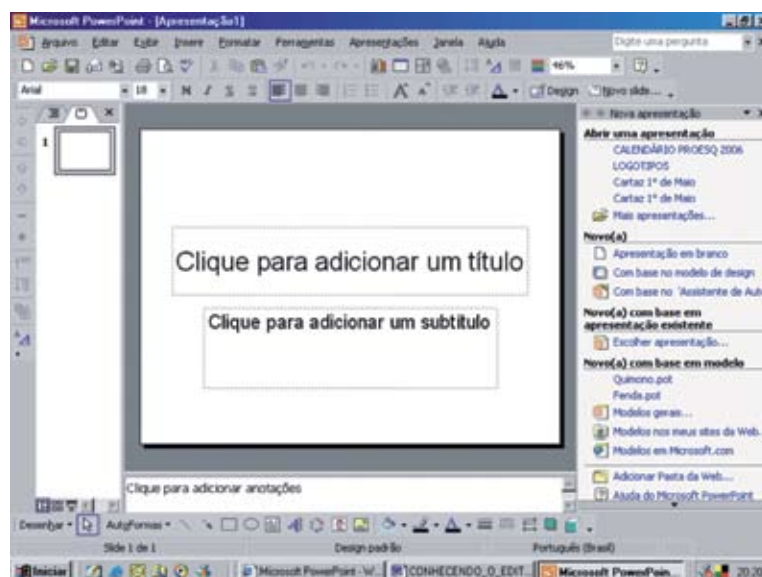
A grande vantagem das planilhas eletrônicas está na capacidade de calcular. Se uma informação da planilha for alterada, o resultado (ou os resultados) que depende dessa informação também será modificado.

Para criar uma fórmula é necessário selecionar uma célula na qual esta deverá ser introduzida. Em seguida, digitar o sinal de igual (=) e, por fim, digitar a fórmula. Por exemplo: =A1+A2+A3.

Importante: todas as fórmulas do Excel começam com o sinal de igual (=). Os princípios de funcionamento do Excel são os mesmos de uma calculadora manual e de operações matemáticas que realizamos no nosso dia-a-dia.

Os operadores mais utilizados são: * Multiplicação, + Soma, / Divisão, - Subtração, ^ Exponenciação.

Sistematizando as idéias com o Powerpoint



O Powerpoint é um dos aplicativos do Office, e permite criar apresentações gráficas. Para isso, dispõe de processamento de textos, estrutura de tópicos, esquemas automáticos, modelos, desenhos, assistentes, gráficos, e vários tipos de ferramentas para expressar idéias nas apresentações. Atualmente o domínio da ferramenta Powerpoint tornou-se fundamental, pois grande parte das apresentações em cursos, escolas, faculdades e reuniões utiliza projetores para

ilustrar melhor as idéias do orador. Ele é ferramenta interessante, pois seus recursos permitem que a pessoa descreva, reflita e organize as idéias em torno de tema a ser exposto. Com o Powerpoint pode-se rapidamente criar uma apresentação e disponibilizá-la em transparência, papel ou no próprio computador, acrescentar anotações e utilizar materiais desenvolvidos em outros aplicativos, tais como Word, Excel e Paint.

Conectando-se ao mundo pela Internet



outras máquinas conectadas à mesma rede. Um computador ligado à internet tem o mundo ao seu alcance, ou seja, a internet permite compartilhar recursos e informações em âmbito mundial. Com ela é possível realizar pesquisas, enviar e receber mensagens de texto, de voz e imagens, ligações telefônicas, participar de grupos de discussão, comunicar-se com amigos e conhecer novas pessoas, saber o que está acontecendo na cidade, no país e no mundo. Se bem utilizada, pode ser importante ferramenta no combate ao racismo, à violência, à xenofobia, ao desvio de verbas públicas, e como mais um instrumento de denúncia e luta contra a exploração dos trabalhadores, a destruição ambiental e a exclusão social.

Componentes que garantem o funcionamento da internet

A melhor forma de entender a internet é pensar nela não apenas como rede de computadores, mas rede de redes, conectadas umas às outras. A internet não tem dono ou comando central. Cada rede individual a ela conectada pode ser administrada por entidade ou instituição pública ou da sociedade civil.

Um computador isolado limita-se a acessar as informações gravadas no disco rígido. Mas o computador ligado a uma rede local consegue compartilhar informações com as

PROTOCOLO TCP/IP (Protocolo de Controle de Transmissão/Protocolo Internet): é o protocolo básico para a comunicação entre as máquinas conectadas à internet, que gerencia toda a parte de transmissão e distribuição dos dados na rede.

SERVIDORES: são computadores equipados com software que permite “servir” a uma rede de computadores. Quanto mais potente o servidor maior e melhor poderá ser a rede

por ele atendida. São máquinas de alta capacidade, com grande poder de processamento e conexões velozes.

ROTEADORES: máquinas que controlam o fluxo de informações na rede, funcionam como “diretores de trânsito”. O roteador lê o endereço de destino de um pedido e o direciona ao lugar correto.

BACKBONES: consideradas as espinhas dorsais da internet, possuem infra-estrutura de alta velocidade que interliga várias redes. Garantem o fluxo da informação entre os provedores e ligam todos os países. A Embratel possui o principal backbone brasileiro.

PROVEDORES DE ACESSO: empresa, universidade ou alguma organização qualquer que fornece acesso à internet. O provedor de acesso é o intermediário entre os usuários e os servidores que existem na rede.

CLIENTE-SERVIDOR: a internet usa um modelo de rede chamado cliente-servidor, baseado em requisições e respostas. O computador cliente requisita informação a outro computador (servidor), que responde à solicitação enviando o que foi pedido. A maioria das aplicações na internet é baseada neste modelo.

Entre elas, as mais usadas são:

- **FTP (Protocolo de transferência de arquivos)** – cliente faz requisição a servidor FTP, que responde enviando o arquivo solicitado.

- **World Wide Web (WWW)** – neste caso, o cliente é um navegador (Internet Explorer, Netscape) que solicita uma página; após receber seu conteúdo do servidor, faz o display para o usuário. A World Wide Web é um conjunto de documentos espalhados pela internet. Esses documentos apresentam característica comum: são escritos em hipertexto (forma especial de navegação dentro de um documento), utilizando linguagem especial, chamada HTML.
- **E-mail** – um programa cliente de e-mails faz contato com um servidor de e-mails para enviar e receber mensagens. Os e-mails são serviços que têm como base um endereço conhecido como e-mail address ou endereço de correio eletrônico, cujo formato é user@host. User representa o identificador de uma caixa postal e Host o nome do domínio do equipamento que pode localizar essa caixa postal.
- **Home Page:** usualmente, Home-Page é um conjunto de arquivos hipertexto apelidados de páginas, disponíveis na WWW, interligados entre si por meio de Links, criadas com objetivo determinado. Algumas vezes, o termo Home-Page também é utilizado para designar a primeira e principal página de um conjunto de documentos. Tal conjunto de páginas também é usualmente chamado de site. Os sites são localizados a partir de seu endereço (exemplo: www.cut.org.br).

COMUNICAÇÃO E CULTURA: LÍNGUA ESPANHOLA



Sumário

1. **Canción con todos** - A. Tejada Gómez – C. Sella
2. **Vamos juntos** - Mario Benedetti
3. **Los Muralistas Mexicanos**
4. **Oh!, ¿qué será?** - Mercedes Sosa y Julia Zenco (letra: Chico Buarque de Holanda)
5. **Los derechos de los trabajadores ¿un tema para arqueólogos?** - Eduardo Galeano
6. **Jardin de Invierno** - Pablo Neruda
7. **Clandestino** - Adriana Calcanhoto (letra: Manu Chao)
8. **La Carta** - Violeta Parra
9. **Burgueses y Proletarios** - Marx e Engels
10. **Todo Cambia** - Julio Numhauser
11. **Gracias a La Vida** - Violeta Parra
12. **Eu não falo português** - Daniel Samper
13. **Duerme, Duerme, Negrito** - Victor Jara
14. **1992** - Arbanois & Carrero (letra: Belchior)
15. **Lo Único que Tengo** - Victor Jara
16. **Canción por La Unidad Latinoamericana** - Pablo Milanés
17. **Escaramujo** - Silvio Rodríguez
18. **Construcción** - Chico Buarque de Holanda
19. **El poder de la televisión** - Adriano Larentes da Silva
20. **América Latina Libre** - Ska-P
21. **Imagem: Empregabilidade** - Pedro Luis Batanero
22. **Imagem: Patrão** - Pedro Luis Batanero

Canción con todos

A .Tejada Gómez – C. Sella

Salgo a camiñar
Por la cintura cósmica del sur
Piso en la región
Más vegetal del tiempo y de la luz
Siento al camiñar
Toda la piel de América en mi piel
Y anda en mi sangre un río
Que libera en mi voz
Su caudal.

Sol de alto Perú
Rostro Bolivia, estaño y soledad
Un verde Brasil besa a mi Chile
Cobre y mineral
Subo desde el sul
Hacia la entraña América y total
Pura raíz de un grito
Destinado a crecer
Y a estallar.

Todas las voces, todas
Todas las manos, todas
Toda la sangre puede
Ser canción en el viento.

Canta conmigo, canta
Hermano americano
Libera tu esperanza
Con un grito en la voz!

Vamos juntos

Mario Benedetti



Foto: Douglas Mansur

La unidad que sirve es
La que nos une en la lucha

Con tu puedo y con mi quiero
Vamos juntos compañero

La historia tañe sonora
Su lección como campana
Para gozar el mañana
Hay que pelear el ahora

Con tu puedo y con mi quiero
Vamos juntos compañero

Ya no somos inocentes
Ni en la mala ni en la buena
Cada cual en su faena
Porque en esto no hay suplentes

Con tu puedo y con mi quiero
Vamos juntos compañero

Compañero te desvela
La misma suerte que a mí
Prometiste y prometí
Encender esta candela

Con tu puedo y con mi quiero
Vamos juntos compañero

La muerte mata y escucha
La vida viene después

Con tu puedo y con mi quiero
Vamos juntos compañero

Algunos cantan victoria
Porque el pueblo paga vidas
Pero esas muertes queridas
Van escribiendo la historia

Con tu puedo y con mi quiero
Vamos juntos compañero.

Los Muralistas Mexicanos



El Agitador, 1927 (Diego Rivera)



*De la conquista a 1930
(Diego Rivera)*



De vuelta al trabajo, 1923-27 (José Clemente Orozco)



La Revolución contra la dictadura porfiriana: El golpe en Cananea, 1952-54 (David Alfaró Sequeiros)

Oh!, ¿qué será?

Mercedes Sosa y Julia Zenco
Letra: Chico Buarque de Holanda

Oh! ¿Qué será, qué será?
Que andan suspirando por las alcobas
Que andan susurrando versos y trovas
Que andan escondiendo bajo las ropas

Que anda en las cabezas y anda
en las bocas

Que va encendiendo velas en los
callejones

Que están hablando alto en los
bodegones

Gritan en el mercado están con
certeza

Es la naturaleza, será que será
Que no tiene certeza ni nunca tendrá
Lo que no tiene arreglo ni nunca
tendrá

Que no tiene tamaño.

Oh! ¿Qué será, qué será?

Que vive en las ideas de los amantes
Que cantan los poetas más delirantes
Que juran los profetas embriagados
Que está en la romería de mutilados
Que está en las fantasías más infelices
Lo sueñan de mañana las meretrices

Lo piensan los bandidos, los
desvalidos

En todos los sentidos, será que será

Que no tiene decencia, ni nunca tendrá
Que no tiene censura, ni nunca tendrá
Que no tiene sentido.

Oh! ¿Qué será, qué será?

Que todos los avisos lo van a evitar
Porque todas las risas van a desafiar
Y todas las campanas van a repicar

Porque todos los himnos van a
consagrar

Porque todos los niños se habrán de
zafar

Y todos los destinos se irán a encontrar
Y el mismo padre eterno
que nunca fue allá

Al ver aquél infierno, lo bendecirá
Que no tiene gobierno ni nunca tendrá
Que no tiene vergüenza ni nunca
tendrá

Lo que no tiene juicio.

Y el mismo padre eterno
que nunca fue allá

Al ver aquél infierno, lo bendecirá
Que no tiene gobierno ni nunca tendrá
Que no tiene vergüenza ni nunca
tendrá

Lo que no tiene juicio.

Los derechos de los trabajadores ¿un tema para arqueólogos?

Eduardo Galeano

Más de noventa millones de clientes acuden, cada semana, a las tiendas Wal-Mart. Sus más de novecientos mil empleados tienen prohibida la afiliación a cualquier sindicato. Cuando a alguno se le ocurre la idea, pasa a ser un desempleado más. La exitosa empresa niega sin disimulo uno de los derechos humanos proclamados por las Naciones Unidas: la libertad de asociación. El fundador de Wal-Mart, Sam Walton, recibió en 1992 la Medalla de la Libertad, una de las más altas condecoraciones de los Estados Unidos.

Uno de cada cuatro adultos norteamericanos, y nueve de cada diez niños, engullen en Mc Donald's la comida plástica que los engorda. Los trabajadores de Mc Donald's son tan desechables como la comida que sirven: los pica la misma máquina. Tampoco ellos tienen el derecho de sindicalizarse.

En Malasia, donde los sindicatos obreros todavía existen y actúan, las empresas Intel, Motorola, Texas Instruments y Hewlett Packard lograron evitar esa molestia. El gobierno de Malasia declaró unión free, libre de sindicatos, el sector electrónico.

Tampoco tenían ninguna posibilidad de agremiarse las ciento noventa obreras que murieron quemadas en Tailandia, en 1993, en el galpón trancado por fuera donde fabricaban los muñecos de Sesame Street, Bart Simpson y los Muppets.



Bush y Gore coincidieron, durante la campaña electoral del año pasado, en la necesidad de seguir imponiendo en el mundo el modelo norteamericano de relaciones laborales. “Nuestro estilo de trabajo”, como ambos lo llamaron, es el que está marcando el paso de la globalización que avanza con botas de siete leguas y entra hasta en los más remotos rincones del planeta.

La tecnología, que ha abolido las distancias, permite ahora que un obrero de Nike

en Indonesia tenga que trabajar cien mil años para ganar lo que gana, en un año, un ejecutivo de Nike en Estados Unidos, y que un obrero de la IBM en Filipinas fabrique computadoras que él no puede comprar.

Es la continuación de la época colonial, en una escala jamás conocida. Los pobres del mundo siguen cumpliendo su función tradicional: proporcionan brazos baratos y productos baratos, aunque ahora produzcan muñecos, zapatos deportivos, computadoras o instrumentos de alta tecnología además de producir, como antes, caucho, arroz, café, azúcar y otras cosas malditas por el mercado mundial.

Desde 1919 se han firmado 183 convenios internacionales que regulan las relaciones de trabajo en el mundo. Según la Organización Internacional del Trabajo, de esos 183 acuerdos Francia ratificó 115, Noruega 106, Alemania 76 y Estados Unidos... 14. El país que encabeza el proceso de globalización sólo obedece sus propias órdenes. Así garantiza suficiente impunidad a sus grandes corporaciones, lanzadas a la cacería de mano de obra barata y a la conquista de territorios que las industrias sucias pueden contaminar a su antojo. Paradójicamente, este país que no reconoce más ley que la ley del trabajo fuera de la ley es el que ahora dice que no habrá más remedio que incluir “cláusulas sociales” y de “protección ambiental” en los acuerdos de libre comercio. ¿Qué sería de la realidad sin la publicidad que la enmascara?

Esas cláusulas son meros impuestos que el vicio paga a la virtud con cargo al rubro relaciones públicas, pero la sola mención de

los derechos obreros pone los pelos de punta a los más fervorosos abogados del salario de hambre, el horario de goma y el despido libre. Desde que Ernesto Zedillo dejó la presidencia de México pasó a integrar los directorios de la Union Pacific Corporation y del consorcio Procter & Gamble, que opera en 140 países. Además, encabeza una comisión de las Naciones Unidas y difunde sus pensamientos en la revista Forbes: en idioma tecnocrátés, se indigna contra “la imposición de estándares laborales homogéneos en los nuevos acuerdos comerciales”. Traducido, eso significa: arrojemos de una buena vez al tacho de la basura toda la legislación internacional que todavía protege a los trabajadores. El presidente jubilado cobra por predicar la esclavitud. Pero el principal director ejecutivo de General Electric lo dice más claro: “Para competir, hay que exprimir los limones”. Los hechos son los hechos.

Ante las denuncias y las protestas, las empresas se lavan las manos: yo no fui. En la industria posmoderna, el trabajo ya no está concentrado. Así es en todas partes, y no sólo en la actividad privada. Los contratistas fabrican las tres cuartas partes de los autos de Toyota. De cada cinco obreros de Volkswagen en Brasil, sólo uno es empleado de la empresa. De los 81 obreros de Petrobras muertos en accidentes de trabajo en los últimos tres años, 66 estaban al servicio de contratistas que no cumplen las normas de seguridad. A través de trescientas empresas contratistas, China produce la mitad de todas las muñecas Barbie para las niñas del mundo. En China sí hay sindicatos, pero obedecen a

un Estado que en nombre del socialismo se ocupa de la disciplina de la mano de obra: “Nosotros combatimos la agitación obrera y la inestabilidad social, para asegurar un clima favorable a los inversores”, explicó recientemente Bo Xilai, secretario general del Partido Comunista en uno de los mayores puertos del país.

El poder económico está más monopolizado que nunca, pero los países y las personas compiten en lo que pueden: a ver quién ofrece más a cambio de menos, a ver quién trabaja el doble a cambio de la mitad. A la vera del camino están quedando los restos de las conquistas arrancadas por dos siglos de luchas obreras en el mundo.

Las plantas maquiladoras de México, Centroamérica y el Caribe, que por algo se llaman sweat shops, talleres del sudor, crecen a un ritmo mucho más acelerado que la industria en su conjunto. Ocho de cada diez nuevos empleos en la Argentina están “en negro”, sin ninguna protección legal. Nueve de cada diez nuevos empleos en toda América Latina corresponden al “sector informal”, un eufemismo para decir que los trabajadores están librados a la buena

de Dios. La estabilidad laboral y los demás derechos de los trabajadores, ¿serán de aquí a poco un tema para arqueólogos? ¿No más que recuerdos de una especie extinguida?

En el mundo al revés, la libertad oprime: la libertad del dinero exige trabajadores presos de la cárcel del miedo, que es la más cárcel de todas las cárceles. El dios del mercado amenaza y castiga; y bien lo sabe cualquier trabajador, en cualquier lugar. El miedo al desempleo, que sirve a los empleadores para reducir sus costos de mano de obra y multiplicar la productividad, es, hoy por hoy, la fuente de angustia más universal. ¿Quién está a salvo del pánico de ser arrojado a las largas colas de los que buscan trabajo? ¿Quién no teme convertirse en un “obstáculo interno”, para decirlo con las palabras del presidente de la Coca-Cola, que hace un año y medio explicó el despido de miles de trabajadores diciendo que “hemos eliminado los obstáculos internos”?

Y en tren de preguntas, la última: ante la globalización del dinero, que divide al mundo en domadores y domados, ¿se podrá internacionalizar la lucha por la dignidad del trabajo? Menudo desafío.

Jardin de Invierno

Pablo Neruda



Llega el invierno. Espléndido dictado
Me dan las lentas hojas
Vestidas de silencio y amarillo.

Soy un libro de nieve,
Una espaciosa mano, una pradera,
Un círculo que espera,
Pertenezco a la tierra y a su invierno.

Creció el rumor del mundo en el follaje,
Ardió después el trigo constelado
Por flores rojas como quemaduras,
Luego llegó el otoño a establecer
La escritura del vino:
Todo pasó, fue cielo pasajero
La copa del estío,
Y se apagó la nube navegante.

Yo esperé en el balcón tan enlutado,

Como ayer con las yedras de mi infancia,
Que la tierra extendiera
Sus alas en mi amor deshabitado.
Yo supe que la rosa caería
Y el hueso del durazno transitorio
Volvería a dormir y a germinar:
Y me embriagué con la copa del aire
Hasta que todo el mar se hizo nocturno
Y el arbol se convirtió en ceniza.

La tierra vive ahora
Tranquilizando su interrogatorio,
Extendida la piel de su silencio.

Yo vuelvo a ser ahora
El taciturno que llegó de lejos
Envuelto en lluvia fría y en campanas:
Debo a la muerte pura de la tierra
La voluntad de mis germinaciones.

Clandestino

Adriana Calcanhoto
(letra Manu Chao)



*En embarcaciones precarias inmigrantes africanos intentan llegar en Europa.
Fuente: www.elsemanaldigital.com/imagenes/fotosdeldia*

Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Para burlar la ley
Perdido en el corazón
De la grande babilón
Me dicen el clandestino
Por no llevar papel
Para una ciudad del norte
Yo me fui a trabajar
Mi vida la deje
Entre Ceuta y Gibraltar
Soy una raya en el mar
Fantasma en la ciudad

Mi vida va prohibida
Dice la autoridad
Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Por no llevar papel
Perdido en el corazón
De la grande babilón
Me dicen el clandestino
Yo soy el quiebra ley
Mano negra clandestina
Peruano clandestino
Africano clandestino
Marihuana ilegal

A Carta

Violeta Parra

Me mandaron una carta
Por el correo temprano,
En esta carta me dicen
Que cayó preso mi hermano
Y sin compasión con grillos
Por las calles lo arrastraron
Sí...

La carta dice el motivo
Que ha cometido Roberto:
Haber apoyado el paro
Que ya se había resuelto
Si acaso esto es un motivo
Preso voy también sargento
Sí...

Yo que me encuentro tan lejos,
Esperando una noticia,
Me viene a decir en la carta
Que en mi patria no hay justicia.
Los hambrientos piden pan,
Los molesta la milicia

Hablase visto insolencia,
Barbarie y alevosía,
De presentar el trabuco
Y matar a sangre fría.
Hay quien defensa no tiene
Con las dos manos vacías.
Sí...

La carta que me mandaron
Me pide contestación:
Yo pido que se propale
Por toda la población
Que el león es un sanguinario
En toda generación
Sí...

Por suerte tengo guitarra
Y también tengo mi voz
También tengo siete hermanos
Fuera del que engrilló
Todos revolucionarios
Con el favor de mi Dios
Sí...

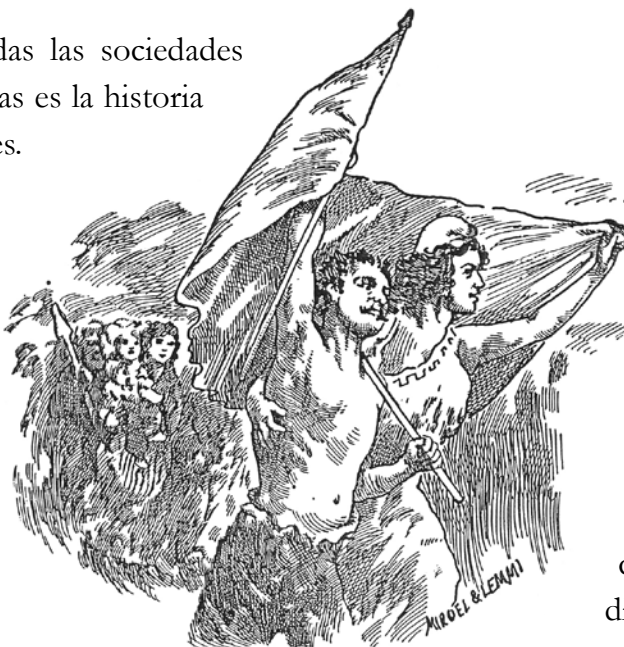
Burgueses y proletarios¹

La historia de todas las sociedades hasta nuestros días es la historia de las luchas de clases.

Hombres libres y esclavos, patricios y plebeyos, señores y siervos, maestros y oficiales, en una palabra: opresores y oprimidos se enfrentaron siempre, mantuvieron una lucha constante, velada unas veces y otras franca y abierta; lucha que terminó siempre con la transformación revolucionaria de toda la sociedad o el hundimiento de las clases en pugna.

En las anteriores épocas históricas encontramos casi por todas partes una completa diferenciación de la sociedad en diversos estamentos, una múltiple escala gradual de condiciones sociales. En la antigua Roma hallamos patricios, caballeros, plebeyos y esclavos; en la Edad Media, señores feudales, vasallos, maestros, oficiales y siervos, y, además, en casi todas estas clases todavía encontramos gradaciones especiales.

La moderna sociedad burguesa, que ha salido de entre las ruinas de la sociedad feudal, no ha abolido las contradicciones de clase.



Únicamente ha substituido las viejas clases, las viejas condiciones de opresión, las viejas formas de lucha por otras nuevas.

Nuestra época, la época de la burguesía, se distingue, sin embargo, por haber simplificado las contradicciones de clase. Toda la sociedad va dividiéndose, cada vez más, en dos grandes campos enemigos, en dos grandes clases, que

se enfrentan directamente: la burguesía y el proletariado.

De los siervos de la Edad Media surgieron los vecinos libres de las primeras ciudades; de este estamento urbano salieron los primeros elementos de la burguesía.

El descubrimiento de América y la circunnavegación de África ofrecieron a la burguesía en ascenso un nuevo campo de actividad. Los mercados de la India y de China, la colonización de América, el intercambio con las colonias, la multiplicación de los medios de cambio y de las mercancías en general im-

¹Parte inicial do Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels (em espanhol)

primieron al comercio, a la navegación y a la industria un impulso hasta entonces desconocido y aceleraron, con ello, el desarrollo del elemento revolucionario de la sociedad feudal en decomposición.

La antigua organización feudal o gremial de la industria ya no podía satisfacer la demanda, que crecía con la apertura de nuevos mercados. Vino a ocupar su puesto la manufactura. El estamento medio industrial suplantó a los maestros de los gremios; la división del trabajo entre las diferentes corporaciones desapareció ante la división del trabajo en el seno del mismo taller.

Pero los mercados crecían sin cesar; la demanda iba siempre en aumento. Ya no bastaba tampoco la manufactura. El vapor y la maquinaria revolucionaron entonces la producción industrial. La gran industria moderna substituyó a la manufactura; el lugar del estamento medio industrial vinieron a ocuparlo los industriales millonarios - jefes

de verdaderos ejércitos industriales -, los burgueses modernos.

La gran industria ha creado el mercado mundial, ya preparado por el descubrimiento de América. El mercado mundial aceleró prodigiosamente el desarrollo del comercio, de la navegación y de los medios de transporte por tierra. Este desarrollo influyó, a su vez, en el auge de la industria, y a medida que se iban extendiendo la industria, el comercio, la navegación y los ferrocarriles, desarrollábase la burguesía, multiplicando sus capitales y relegando a segundo término a todas las clases legadas por la Edad Media.

La burguesía moderna, como vemos, es ya de por sí fruto de un largo proceso de desarrollo, de una serie de revoluciones en el modo de producción y de cambio.

*Marx, K., Engels, F. Manifiesto del Partido Comunista.
Moscou: Editorial Progreso, 1982. Pp. 32 - 34*

Todo cambia

Julio Numhauser

Cambia lo superficial,
Cambia también lo profundo,
Cambia el modo de pensar,
Cambia todo en este mundo.

Cambia el clima con los años,
Cambia el pasto y su rebaño
Y así como todo cambia,
Que yo cambie no es extraño.

Cambia el más fino brillante,
De mano en mano su brillo,
Cambia el nido el pajarillo,
Cambia el sentir un amante.

Cambia el rumbo el caminante,
Aunque esto le cause daño,
Y así como todo cambia,
Que yo cambie no es extraño.

Cambia, todo cambia (4x)

Cambia el sol en su carrera,
Cuando la noche subsiste,
Cambia la planta y se viste
De verde la primavera.

Cambia el pelaje la fiera,
Cambia el cabello el anciano,
Y así como todo cambia,
Que yo cambie no es extraño.

Pero no cambia mi amor,
Por más lejos que me encuentre,
Ni el recuerdo, ni el dolor
De mi pueblo y de mi gente.

Lo que cambió ayer
Tendrá que cambiar mañana,
Así como cambio yo
En estas tierras lejanas.

Gracias a La Vida

Violeta Parra

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio dos luceros que cuando los abro
Perfecto distingo lo negro del blanco
Y en el alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes el hombre que yo amo

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado el sonido y el abecedario
Con él, las palabras que pienso y declaro
Madre, amigo, hermano
Y luz alumbrando la ruta del alma del que estoy amando

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la marcha de mis pies cansados
Con ellos anduve ciudades y charcos
Playas y desiertos, montañas y llanos
Y la casa tuya, tu calle y tu patio

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el corazón que agita su marco
Cuando miro el fruto del cerebro humano
Cuando miro el bueno tan lejos del malo
Cuando miro el fondo de tus ojos claros

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto

Gracias a la vida, gracias a la vida

Eu não falo português

Daniel Samper

A diferencia de la mayoría de las personas - que entienden idiomas pero no los hablan - a mí me sucede con el portugués, que lo hablo pero no lo entiendo. Es decir, aprendí la música pero me falta la letra. Y como saben que adoro a Brasil, aunque nos haya secuestrado a Amparito Grisales, mis amigos me aconsejaban que tomara unas clases para aprenderlo como Deus manda. Yo pensé que era una penedjada pues español y portugués se parecen tanto que no precisaba tomar clases. Sin embargo, para salir de dudas, resolví, preguntárselo a Norma Ramos, una buena amiga brasileña con la que me encontré cierto día en que ambos almorzábamos en una churrasquería rodízio.

- Norma: dime la verdad. Siendo el portugués un dialecto derivado del español, tú crees que necesito tomar clases de portugués? (le pregunté con el mejor portugués que fui capaz).

- Al fondo a la derecha (me contestó Norma, y siguió comiendo).

Fue una experiencia terrible. Allí mismo decidí que no sólo iba a tomar clases de portugués, sino que Norma tendría que ser mi profesora. Ella (que es puro corazón y mechass rubias) aceptó con resignación misericordiosa. Y como yo le insistiera que me hablase en portugués todo el tiempo,

me dijo que desde el lunes nos sentaríamos a estudiar dentro de su escritório. Me pareció bastante estrecho el lugar, pero llegué ese lunes decidido a todo.

Yo creía que el portugués era el idioma más fácil del mundo. Pero la primera lección que saqué es que resulta peligrosísimo justamente por lo que uno cree que se trata tan sólo de español deshuesado. Escritório no quiere decir escritório, sino oficina; en cambio oficina quiere decir taller y talher significa cubiertoa de mesa. No me atrevía a preguntar a Norma cómo se dice escritório (nuestro tradicional escritório de cajones y balda, en el caso de gerentes de medio pelo); pero ella, que es tan inteligente, lo adivinó en mis ojos aterrados.

- Escritório se dice escrivaninha (observó Norma).

- Escriba niña? (comenté desconcertado).

- Así le decimos a las secretarias. (Norma sonrió con benevolência).

Le pedí que decretáramos un rato de descanso. Un rato en portugués es un ratón, respondió inflexible.

- Fíjate lo que pasa por hablar como un loro (traté de disculparme).

- Un louro en portugués es un rubio (dijo ella).

- Y rubio seguramente se dirá “papa-

gayo” (comenté yo tratando de hacer un chiste).

Glacial, Norma aclaró:

- Ruivo es pelirrojo, y papagaio es loro.

- Perdóname, Norma, pero es que yo hablo mucha basura.

- Vassoura no. Lixo. Vassoura quiere decir escoba.

- Y escoba. Significa...?

- Escova significa cepillo.

Era suficiente para el primer día. A la siguiente lección regresé dispuesto a cometer la menor cantidad posible de errores. Le rogué a Norma que me regalara un tinto, a fin de empezar con la cabeza despejada. Me lo trajo de café brasileño, a pesar de lo cual quise ser amable y dije que lo encontraba exquisito.

- No veo por qué te desagrada (me contestó ella).

- Al contrario: lo encuentro exquisito (insistí yo, sin saber que ya había cometido el primer error del día).

- Exquisito quiere decir, en portugués, desagradable, extraño (suspiro Norma).

Confundido, le eche la culpa a la olla.

- La panela (corrigió Norma).

- No le noté endulzado (comenté yo).

- La panela, en portugués, es la olla (dijo Norma).

- Y olla no quiere decir nada? (pregunté yo).

- Olha quiere decir mira (contestó ella).

- Supongo que tendrán alguna palabra para panela (me atreví a decir).

- Panela se dice raspadura (sentenció Norma).

No quise preguntar cómo llamaban a la raspadura. Simplemente le dije que salía un segundo al baño y sólo volví una semana más tarde.

Norma estaba allí, en su escritorio (en su panela, en su lixo?), esperándome con infinita paciencia. Siempre en portugués, le pedí perdón y le dije que me tenía tan abrumado el portugués, que ya no me acordaba ni mi apellido.

- De su sobrenome, dirá (comentó ella).

- Apellido quiere decir apodo.

Intenté sonreír: - Trataré de no ser tan torpe.

Dijo Norma - No exagere, torpe es infame; inábil sí es torpe.

Con este nuevo desliz se me subió la temperatura. Quise tomar un vaso de agua (vaso es florero -corrigió ella- copo es vaso y floco es copo) y me justifiqué diciendo que el viaje hasta su escritorio había sido largo, porque venía de una finca.

- Comprido, no largo; fazenda, no finca (dijo Norma). - Largo quiere decir ancho; así como salsa quiere decir perejil y molho significa salsa.

Me di por vencido. Acepté que el portugués era un idioma difícil y entonces sí se iluminaron los ojos de Norma. La cuestión era de orgullo. De ahí en adelante no me regañó sino que me mostró todas las diferencias que existen entre las palabras homófonas de los idiomas. Caro se dice costoso, porque costoso quiere decir difícil; morado se dice roxo, porque rojo se dice vermelho; encenari se dice palco, porque palco se dice camarote; cadeira no es cadera, sino asien-

to; bilhete no es billete, sino nota; pero en cambio nota sí quiere decir billete; maluco es loco y caprichosa es limpia; distinto es distinguido y presunto es jamón.

- Pero - remató Norma - sobre todo, nunca vas a decir buseta en Brasil, porque buceta en realidad es cuca y cuca quiere decir cabeza, de manera que esta última, aunque no la puedas decir en Cuba, sí puedes mencionarla en el Brasil.

Era demasiado. Pedí permiso para no volver nunca a clases de português, el idio-

ma más difícil del mundo. Norma me preguntó por qué.

- La verdad, Norminha, estoy “mamao”...

- Mamao no (corrigió Norma antes de que yo huyera para siempre), esgotado. Mamão quiere decir papaya. Pero no vas a decirlo nunca en Cuba.

Daniel Samper. In Hacia el Español vol II, São Paulo: Editora Saraiva, 1998, p. 45-46

Duerme, Duerme, Negrito

Victor Jara

Composição: anônimo (letra)
Atahualpa Yupanqui (música)

Duerme, duerme, negrito,
Que tu mama está en el campo
Negrito.

Duerme, duerme, negrito,
Que tu mama está en el campo,
Negrito.

Te va a traer codornices para ti,
Te va a traer mucha cosa para ti,
Te va a traer carne de cerdo para ti,
Te va a traer mucha cosa para ti.

Y si negro no se duerme
Viene diablo blanco
Y ¡zas!
Le come la patita.

Duerme, duerme, negrito,
Que tu mama está en el campo,
Negrito.

Trabajando, trabajando duramente,
Trabajando sí,
Trabajando y no le pagan,
Trabajando sí,
Trabajando y va tosiendo,
Trabajando sí,
Trabajando y va de luto,
Trabajando sí,
Pa'l negrito chiquitito,
Trabajando sí,
No le pagan sí,
Duramente sí,
Va tosiendo sí,
Va de luto sí.

Duerme, duerme, negrito,
Que tu mama está en el campo,
Negrito.

1992

Composição: Belchior
Larbanois & Carrero

Eran tres las carabelas, que llegaron por la mar
La tierra nombrada América, casi casi por azar
No sabía lo que hacía no Don Cristóbal Colón.
Carabelas, hombres, armas en el nombre del Señor.
En el nombre del buen Dios, de España y de la corona.
Carabelas hombres armas por cierto no eran palomas.

Eran tres las carabelas de don Cristóbal Colón
Y los indios que mataron treinta veces un millón.
A esos señores que hicieron, quizás un mundo más grande
Ningún Dios se les opuso ni el cóndor sobre los andes.
Mala civilización, occidental y cristiana
Canto mi duelo en tu herencia esta lengua castellana.

En la América la nuestra de azúcar cobre y café
No hay motivo para fiestas quinientos años de que.

Lo Único que Tengo

Victor Jara

Quién me iba a decir a mí,
Cómo me iba a imaginar
Si yo no tengo un lugar
En la tierra.

Y mis manos son lo único que tengo
Y mis manos son mi amor y mi sustento.

No hay casa donde llegar,
Mi paire y mi maire están
Más lejos de este barrial
Que una estrella.

Quién me iba a decir a mí
Que yo me iba a enamorar
Cuando no tengo un lugar
En la tierra.



Canción por la unidad Latinoamericana

Pablo Milanés

El nacimiento de un mundo
Se aplazó por un momento,
Un breve lapso del tiempo,
Del universo un segundo.

Sin embargo parecía
Que todo se iba a acabar
Con la distancia mortal
Que separó nuestras vidas.

Realizaron la labor
De desunir nuestras manos
Y a pesar de ser hermanos
Nos miramos con temor.

Cuando se pasaron los años
Se acumularon rencores,
Se olvidaron los amores,
Parecíamos extraños.

Qué distancia tan sufrida,
Qué mundo tan separado,
Jamás se hubiera encontrado
Sin aportar nuevas vidas.

Esclavo por una parte,
Servil criado por la otra,
Es lo primero que nota
El último en desatarse.

Explotando esta misión
De verlo todo tan claro
Un día se vio liberado

Por esta revolución.

Esto no fue un buen ejemplo
Para otros por liberar,
La nueva labor fue aislar
Bloqueando toda experiencia.

Lo que brilla con luz propia
Nadie lo puede apagar.
Su brillo puede alcanzar
La oscuridad de otras cosas.

Qué pagará este pesar
Del tiempo que se perdió.
De las vidas que costó,
De las que puede costar.

Lo pagará la unidad
De los pueblos en cuestión,
Y al que niegue esta razón
La Historia condenará.

La Historia lleva su carro
Y a muchos nos montará,
Por encima pasará de aquel
Que quiera negarlo.

Bolívar lanzó una estrella
Que junto a Martí brilló.
Fidel la dignificó

Para andar por estas tierras

Escaramujo

Silvio Rodríguez

¿Por qué la tierra es mi casa?
¿Por qué la noche es oscura?
¿Por qué la luna es blanca
Que engorda como adelgaza?
¿Por qué una estrella se enlaza
Con otra, como un dibujo?
Y ¿por qué el escaramujo
Es de la rosa y el mar?
Yo vivo de preguntar:
Saber no puede ser lujo.

El agua hirviendo en puchero
Suelta un ánima que sube
A disolverse en la nube
Que luego será aguacero.
Niño soy tan preguntero,
Tan comilón del acervo,
Que marchito si le pierdo

Una contesta a mi pecho.
Si saber no es un derecho,
Seguro será un izquierdo.
Yo vine para preguntar
Flor y reflujo.
Soy de la rosa y de la mar,
Como el escaramujo.
Soy aria, endecha, tonada,
Soy Mahoma, soy Lao-Tsé,
Soy Jesucristo y Yahvéh,
Soy la serpiente emplumada,
Soy la pupila asombrada
Que descubre como apunta,
Soy todo lo que se junta
Para vivir y soñar:
Soy el destino del mar:
Soy un niño que pregunta.



Construcción

Chico Buarque de Holanda

Amó aquella vez como si fuese última
Besó a su mujer como si fuese última
Y a cada hijo suyo cual si fuese el único
Y atravesó la calle con su paso tímido

Subió a la construcción
como si fuese máquina

Alzó en el balcón cuatro paredes sólidas
Ladrillo con ladrillo en un diseño mágico
Sus ojos embotados de
cemento y lágrimas

Sentóse a descansar como si fuese sábado
Comió su pan con queso
cual si fuese un príncipe
Bebió y sollozó
como si fuese un náufrago

Danzó y se rió como si oyese música
Y tropezó en el cielo
con su paso alcohólico

Y flotó por el aire cual si fuese un pájaro
Y terminó en el suelo
como un bulto flácido

Y agonizó en el medio del paseo público
Murió a contramano
entorpeciendo el tránsito

Amó aquella vez como si fuese el último
Besó a su mujer como si fuese única
Y a cada hijo suyo cual si fuese el pródigo
Y atravesó la calle con su paso alcohólico
Subió a la construcción
como si fuese sólida

Alzó en el balcón cuatro paredes mágicas
Ladrillo con ladrillo en un diseño lógico
Sus ojos embotados
de cemento y tránsito

Sentóse a descansar
como si fuese un príncipe
Comió su pan con queso
cual si fuese el máximo

Bebió y sollozó como si fuese máquina
Danzó y se rió como si fuese el próximo
Y tropezó en el cielo cual si oyese música

Y flotó por el aire
cual si fuese sábado
Y terminó en el suelo
como un bulto tímido

Agonizó en el medio del paseo náufrago

Murió a contramano
entorpeciendo el público

Amó aquella vez como si fuese máquina
Besó a su mujer como si fuese lógico
Alzó en el balcón cuatro paredes flácidas

Sentóse a descansar
como si fuese un pájaro

Y flotó en el aire cual si fuese un príncipe
Y terminó en el suelo
como un bulto alcohólico

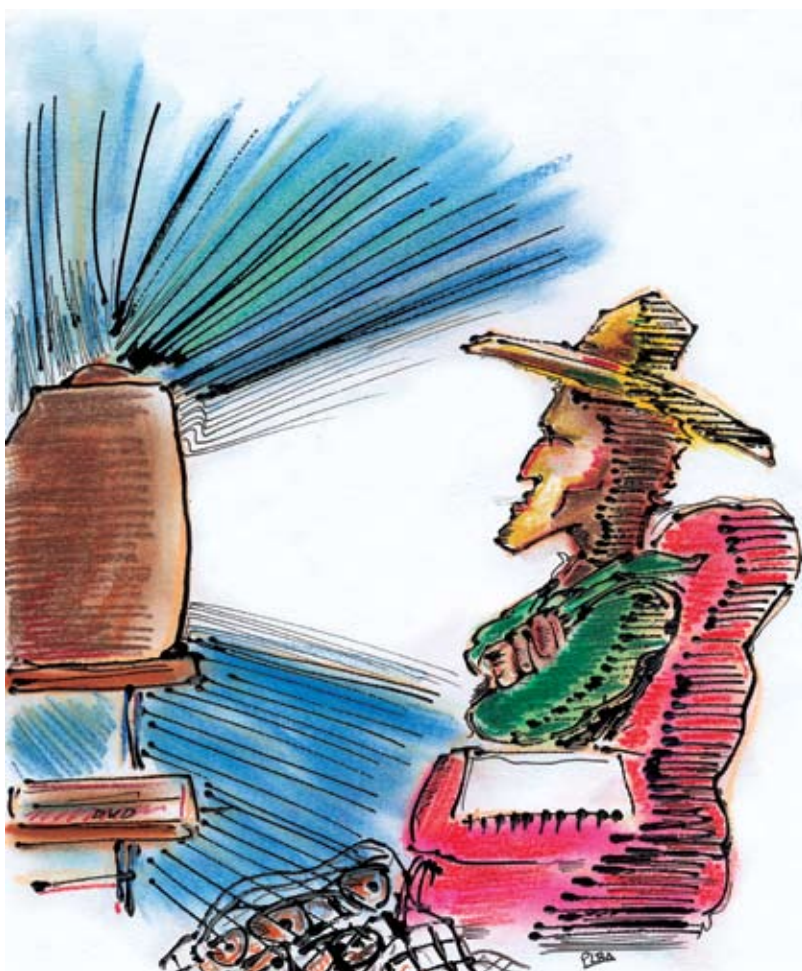
Murió a contromano
entorpeciendo el sábado

El poder de la televisión

Adriano Larentes da Silva*

Desde que surgió por la primera vez en Brasil, en 1951, la televisión ha sido objeto de polémicas. Para algunos fue un avance, pues permitió la visualización de los programas que antes sólo se podría oír a través del radio. Además permitió la integración nacional y el acceso a nuevas informaciones. Para otros, trajo muchos cambios en las costumbres y en la vida comunitaria, porque las personas dejaron de participar de los espacios públicos para quedarse en sus casas para ver los programas presentados por la tele. También pasaron a hablar menos entre si en las familias y en la comunidad y han sido cada vez más influenciadas por las propagandas que estimulan el consumo. Además tiró el encanto y las posibilidades de imaginación que la radio tenía.

Pienso que estas dos visiones sobre la televisión tienen muchos puntos importantes y verdaderos. En primer lugar es innegable que la tele ha traído buenos y malos cambios en la sociedad. Es verdadero que ella trajo la posibilidad de diferentes regiones del país oír



y ver noticias comunes, visualizar su propia imagen a través de sus cámaras y construir un lenguaje universal para todo el país. También es cierto que hubo muchos cambios en las costumbres y en la vida comunitaria y que la televisión cerró las personas en sus casas,

*Doutorando em História pela UFSC e coordenador pedagógico da Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha/CUT.

haciendo con que quedasen cada vez más lejos unas de las otras.

Pero, si muchas cosas cambiaron no fue sólo porque hubo influencia de la televisión, sino porque también la sociedad cambió. La televisión, así como la radio y los periódicos, son productos de la sociedad en que vivimos. No fue sólo en función de la televisión que nuestro país se tornó más urbanizado y que millares de personas dejaron el campo. Tampoco es su culpa que haya pocos o ningunos espacios de diversión y entretenimiento en las áreas urbanas y rurales y que la mayoría de la población no tenga acceso al cinema, al teatro y otras actividades culturales. De la misma manera, no es la televisión que determina que tenemos que trabajar cada vez más y no tener casi tiempo y dinero para hacer otras cosas.

Por lo tanto, la televisión se tornó central

en nuestras vidas no sólo por su propia capacidad de atracción y seducción, pero también porque fue capaz de ocupar los espacios que fueron dejados por la ausencia de políticas públicas en diferentes áreas y trabajar con la individualización, la miseria y la necesidad de consumo generada por la sociedad capitalista. Se convirtió así en un poderoso instrumento de difusión de los ideales de este tipo de sociedad y de aquéllos que la dominan, los cuales usan la televisión para manipular a las masas y hacerlas consumir y conformarse con su realidad.

Lo que parece es que no es más posible una vida sin televisión, ya que hoy ésta en más de 95% de los hogares brasileños, pero es fundamental llevar en cuenta cuál es su papel en nuestra sociedad y que ella no debe sustituir otras actividades y momentos importantes de nuestras vidas.

América Latina Libre

Ska-P

Hermano peruano, Hermano colombiano
Hermano cubano que con tu sangre hiciste
la revolución

Hermano boliviano, Hermano mexicano
Hermano chileno, ríos de sangre que derramo
el dictador

Yo te quiero Nicaragua,
yo te quiero Salvador

Yo te quiero Guatemala,
yo te quiero mogollón

Báilalo mamita este ritmo
sabrosón

Báilalo mamita hasta
que salga el sol

Hay dolor en América
Latina

El clamor de todo un
pueblo por la libertad

La pobreza creó a los
insurrectos

Que mueren en las
montañas por la libertad

Soportando fingidas democracias

Dictaduras que les privan de su libertad

Sometidos al imperialismo yanqui

Al poder del dólar

Lárgate, déjale su tierra elaborar

Lárgate, yanquis imperialistas

Báilalo mamita este ritmo sabrosón

Báilalo mamita hasta que salga el sol

Duerme, mi negrita y suena con la libertad

Duerme, mi negrita y suena con la paz

Al final del camino, la victoria

Las heridas cicatrizan con la libertad

La violencia se llama economía



Que destroza su cultura,
su libertad

Centenarios, malditos
carroneros

Por encima del dinero
está la libertad

Represión en América
Latina

Gringos, hasta cuando
Lárgate, déjale su tierra

elaborar

Lárgate, no le robes sus
riquezas

Lárgate, déjale su tierra
elaborar

Lárgate, malditos yanquis

América Latina, yo te quiero mogollón

América Latina, yo te quiero mogollón

Ecuador, Argentina, Panamá, Venezuela,

Haití, Uruguay

Honduras, Paraguay, Costa Rica, Republica

Dominicana

Brasil, América Latina libre

Empregabilidad

Pedro Luis Batanero



Patrão

Pedro Luis Batanero



GASTRONOMIA E IDENTIDADE CULTURAL



Sumário

1. **Cultura, Natureza e Ação Humana** - João dos Reis da Silva Jr.
2. **A alimentação e as relações sociais na passagem do feudalismo para o capitalismo**
- Rosana Miyashiro
3. **História de lugares** - Paulo César da F. Neves
4. **Pirâmide dos Alimentos**
5. **Mapa da Alimentação Saudável**
6. **Globalização, Gastronomia e Identidade Cultural** - Renata Carvalho de Oliveira e
Rosana Miyashiro
7. **Os alimentos e sua relação com o sagrado em várias culturas** - Renata Carvalho de
Oliveira e Rosana Miyashiro
8. **Quadros:**
 - Principais uvas e vinhos
 - Combinação de vinhos e alimentos
 - Combinação de queijos e vinhos
9. **O Declínio da Comida Regional** - Maria Figueira
10. **Comida** - Titãs
11. **Soberania alimentar, o que é isso?** - João Pedro Stédile
12. **Nutrição e alimentação saudável: a produção e consumo dos alimentos** - Aline Salami
13. **Imagem: Mercado de Trabalho** - Pedro Luis Batanero
14. **Imagem: Queda de Braço** - Pedro Luis Batanero

Cultura, Natureza e Ação Humana

João dos Reis da Silva Jr.*

A cultura se constitui a partir de situações concretas, vivenciadas por homens e mulheres concretos, pertencentes a este ou àquele povo, a esta ou àquela classe, em determinado território, num regime político A ou B, dentro desta ou daquela realidade econômica. Somente se poderá dizer o que é cultura em sociedade, na qual os Homens relacionam-se entre si, buscando a produção/reprodução da vida.

Em outras palavras, a cultura é algo que não existe apenas no plano do teórico das artes, das ciências, mas também no plano da sensibilidade, da ação, do trabalho, do cotidiano da vida.

Na verdade, o ser humano não existe exclusivamente como conhecedor de dados e informações culturais da vida, do trabalho e do seu dia-a-dia. O Homem é também principalmente agente de cultura, produz cultura quando vive em qualquer situação, seja no trabalho ou no futebol, ainda que, muitas vezes, não saiba que faz, a todo instante de sua vida, cultura.

É agente cultural de atividade incessante, caçando, ordenhando vacas, operando computadores, tornos, capinando, extraíndo o sustento da terra com ferramenta nas mãos. São agentes da cultura o lavrador e o diplomata.

Quando, porém, se procura extrair dessa realidade viva um conceito único e universal de cultura, a dificuldade surge e se agiganta.

Como saberei falar o que é cultura, então?

Podemos dizer que cultura é tudo aquilo que não é natureza. Por sua vez, toda ação humana na natureza e na sociedade é cultura.

O mar é natureza, mas a navegação – ação do Homem – é cultura. As árvores são natureza, mas o papel que delas provém, por meio do trabalho humano, é cultura.¹ A fome do ser humano é biológica, mas a maneira de se alimentar (arroz com feijão, vatapá, açaí, peixe ou lanches mcdonalds) é cultura. O frio sentido por nossos corpos no inverno é natureza, mas como nos vestimos para nos proteger (calça jeans, camiseta, blusa de lã) é cultura. A necessidade de nos locomovermos é natureza, mas os meios que utilizamos para fazê-lo (sobre os próprios pés, bicicleta, fusca, montado em cavalo ou carro importado com motorista) são cultura. Enfim, podemos afirmar que tudo o que é produzido pelo Homem é cultura. Assim, a sociedade dividida em classes sociais como produção humana também é cultura.

*João dos Reis da Silva Jr. É doutor em Educação pela PUC-SP e publicou os seguintes livros: Institucional, A Organização e a Cultura da Escola (2004); Formação e Trabalho (2001); Reforma do Estado e da Educação (2002), entre outros.

¹ Vanuncchi, Aldo. Cultura brasileira. Sorocaba: Uniso e Edições Loyola, 1999.

A Alimentação e as Relações Sociais na Passagem do Feudalismo para o Capitalismo

Rosana Miyashiro*

O ato de comer, desde os primórdios, está relacionado não somente à satisfação de necessidade biológica. Ao discutirmos sobre a gastronomia, falamos, por extensão, das relações sociais em determinada sociedade. Aqui, destacaremos a relação entre a alimentação no período de transição do feudalismo para o modo de produção capitalista.

Entre os séculos XVI e XVIII a gastronomia expressa os conflitos entre a nobreza e a burguesia nascente, e revela a forma de ler o mundo e a construção de novos códigos de sociabilidade e de demarcação do espaço social da classe dominante em disputa. Vale lembrar que há uma lógica da sociedade da corte, na qual a etiqueta define quem é quem, o lugar que ocupa na sociedade.

Nesse período observa-se o confronto entre os valores do Antigo Regime e as novas idéias iluministas. Como consequência desse processo, intensas transformações nos hábitos e gostos ocorrem no Ocidente.

A nova classe emergente, a burguesia, se expressa na defesa da supremacia da “razão” em oposição ao que eles denominavam “obscurantismo” do período anterior. O ritual da alimentação ganha força como

elemento de distinção das classes sociais.

De um lado, os adeptos da “Velha Ordem” defendiam o caráter imponente da fartura e dos excessos à mesa. De outro, a nova burguesia, em contraponto, institui o refinamento e a leveza como referência do comportamento social.

Passa a ser importante, nesse período, a eliminação dos hábitos alimentares medievais vistos de forma pejorativa, tratados como postura bruta e ignorante de se portar e de cultivar o corpo e o espírito.

Frente aos alimentos preparados, o enfoque é dado a ser o “olhar”, em detrimento dos outros sentidos, como o paladar e o olfato, secundarizados.

Os temperos e os odores fortes são rejeitados. A suavidade e a estética dos alimentos se tornam muito valorizados, e o adorno (incluindo variedade de louças e diversos utensílios e mobília) e a combinação variada de cores são bastante apreciados.

Já no século XIX, o ideal da civilização eurocêntrica desloca-se para o Mar do

*Rosana Miyashiro é coordenadora pedagógica da Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha CUT e mestranda em Trabalho e Educação pela UFSC.

Norte, sendo a França o grande expoente da arte culinária e das construções arejadas e confortáveis.

Nessa época, aos olhos da nova classe emergente o deslocamento do Mediterrâneo tem significado político e cultural importante na demarcação das classes sociais. Observa-se crescente desvalorização da Itália com a sua tradição na gastronomia e na arquitetura. Os suntuosos castelos passam a ser vistos como obras insanas sem conforto e/ou ambientação aconchegante, e a gastronomia perde espaços para a “ponderada e criativa” cozinha francesa.

A moda se desenvolve como forma de diferenciação social. Portanto, o estilo de vida e o consumo (de vestimentas, alimentos e bebidas, das artes e literatura etc.) conformam as aspirações modernizantes. A nova racionalidade prevê a organização meticulosa nas formas de se vestir e de consumir os alimentos.

A burguesia esbanja na composição da mesa e no consumo de produtos de luxo, anteriormente monopólios da nobreza.

Na disputa entre burguesia e nobreza, ampliam-se as regras de boas maneiras que assumem papel político, pois significam posição social, conhecimento e riqueza.

No livro *Hedonismo e Exotismo*, Piero Camporesi retrata o universo subjetivo implícito no preparo e consumo dos alimentos. A dimensão poética e filosófica está presente, demarcando o ideário do Homem Moderno. É construída uma simbologia e ordenação das coisas em torno da alquimia

da cozinha laica. “Até aos alimentos a matemática do espírito, a doutrina da medida e a infalível ciência das quantidades numéricas, havia imposto um giro de vários graus... A mesa estava se tornando a câmara de condensação de novas fronteiras mentais, o tabuleiro sobre o qual se jogava a partida da reconversão da natureza humana às regras da razão e da ciência” (p.14).

Em todas as áreas da ciência e da filosofia emerge o espírito da Razão. Na ciência médica, por exemplo, acompanhando esse movimento, definem-se novos parâmetros da boa saúde, do viver bem.

As aspirações para a experimentação de tudo que soasse como novidade e ultrapassasse as barreiras da superstição levam os indivíduos a incorporar atitudes extravagantes e a cultivar o gosto pelo exótico.

Os hábitos noturnos são valorizados e a noite deixa de ser considerada maléfica à saúde e destinada apenas ao descanso, tornando-se sinônimo de prazer. Lembramos que há nessa época a descoberta da iluminação a gás, que permite a extensão do dia, provocando enorme transformação nos hábitos e costumes, como aborda o historiador Walter Benjamin. Para os trabalhadores significa a ampliação da jornada de trabalho, e para a burguesia as grandes festas refletem o ideário da liberdade.

O consumo se estende a diferentes classes sociais por meio da divulgação ampla na sociedade da “ciência do bom viver”, difundindo-se inclusive nas classes populares, deslocando os conflitos de classe. Apa-

recia então a nova cozinha - entre a nobre e a popular – de uma classe intermediária, a pequena burguesia, distinguindo-se das mesas tipicamente “iluminadas”, mas que representava seus peculiares refinamentos e diversidade de produtos.

Passado o tempo, com a consolidação

do modo de produção capitalista, a gastronomia, ao lado das outras artes como a literatura, pintura, escultura etc, é extremamente valorizada, tratada como sinônimo de poder, cultura e riqueza, distinguindo as classes sociais, agora a burguesia e o proletariado.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *A arte e a reprodutibilidade da técnica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

CAMPORESI, Piero. *Hedonismo e Exotismo: a arte de viver na Época das Luzes*. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no antigo Regime: do sangue à doce vida*. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Coleção Tudo é História, n. 69).

História de Lugares

Paulo César da Fonseca Neves

Depois de sofrer um infarto que o obrigou a ficar na cama e imobilizado por um bom tempo, seu Maneca, com quase 80 anos, nativo do Campeche (bairro de Florianópolis), volta a caminhar pelos lugares em que sempre viveu.

Passando pela avenida Campeche, hoje uma das mais importantes da antiga vila, fica perplexo: a antiga casa de pedra, que continha um engenho de farinha e de açúcar (construída entre 1880 e 1890 por seu bisavô e avô – casa em que ele próprio nasceu e se criou), tombada pelo patrimônio histórico por seu valor histórico e cultural, havia simplesmente se “evaporado”.

No seu lugar, pedreiros, engenheiros, gentes da cidade, trabalhavam ativamente na fundação de um grande condomínio de edifícios.

Demorou para o seu Maneca se situar naquele lugar que sempre viveu. Agora, envelhecido, sentia a própria vida e o lugar vivido também se “evaporando”.

De volta à casa atual, encontrou-se com um parente, José, 40 anos, filho e neto de nativos, que sobrevive de bicos, limpando jardins, pescando de vez em quando e ven-

dendo os frutos de mar que colhe ou compra de outros nativos. É tido e havido, preconceituosamente, por “mandrião”.

Seu Maneca, encafifado, pergunta:

- Oh, José, me ajude a entender. A gente tinha todas essas terras desde meus bisavós. Usávamos pra plantar de tudo: melancia, algodão, abacate, mandioca no areião. E cana, alho e café nas encostas do morro. A gente produzia quase tudo que precisava para viver, desde a fiação e confecção dos tecidos de roupas até as ferramentas de trabalho na lavoura. A gente fazia os barcos, tecia as redes e pescava de tudo, principalmente tainha nas temporadas. Consumia o necessário. Escalava para consumo e vendia o que sobrava. A gente construía os engenhos para produzir farinha. Produzia também melado, açúcar e cachaça.

A terra só tinha valor para as plantações que a gente precisava. O lugar era grande para a nossa gente. Nós não tínhamos estudo, mas sempre tinha trabalho. E dava pra se viver.

Eram em torno de 17 a 20 famílias que se deslocaram da Lagoa da Conceição para o Campeche, nos fins do século XIX e início do século passado. Continua seu Maneca:



- De repente, de 1950 para cá, a vida foi mudando. Televisão, telefone, celular, micro-computador, microondas. O homem até foi pra lua... Explique, José, o que aconteceu?

José responde:

- Pois é, Maneca... Eu também me sinto perdido. A pesca não dá mais pra minha sobrevivência. Ganho mais vendendo peixe que compro de outros pescadores, mas é sempre a mesma luta. Sobra sempre conta pra pagar. Não consigo aceitar o ritmo de trabalho de marcar ponto e aquele controle todo. Quero viver como o senhor e o pai viveram. Não entendo os primos que estudaram, estudaram, e vivem sem tempo pra nada de bom na vida, em troca de um salário pequeno. Isso quando estão empregados! Também já não temos terra pra plantar. Por falta de terra, não se planta mais mandioca. Sem mandioca, os engenhos foram fechando. O que restou? O único bem que a gente tinha – as terras – foram vendidas a preço de banana para o povo de fora ou para as empreiteiras. Viraram lotes e loteamentos. Até tua antiga casa de pedra, a mais antiga do lugar, virou terreno para a construção de prédios.

Daí chega a Maria, 23 anos, neta do seu Maneca. Está procurando emprego, entra na conversa.

- Esse é o progresso, vô. O Campeche não é mais um bairro dos nativos. Agora, pra viver, a gente tem que estudar, arrumar emprego. Seja onde for. E tem que ter dinheiro para comer, se vestir, pegar transporte e até pra estudar. E, mesmo assim, terminando a faculdade como eu, muita gente vai trabalhar de faxineira, em vendas ou em algum serviço público, sempre por baixo. Mas até isso está acabando.

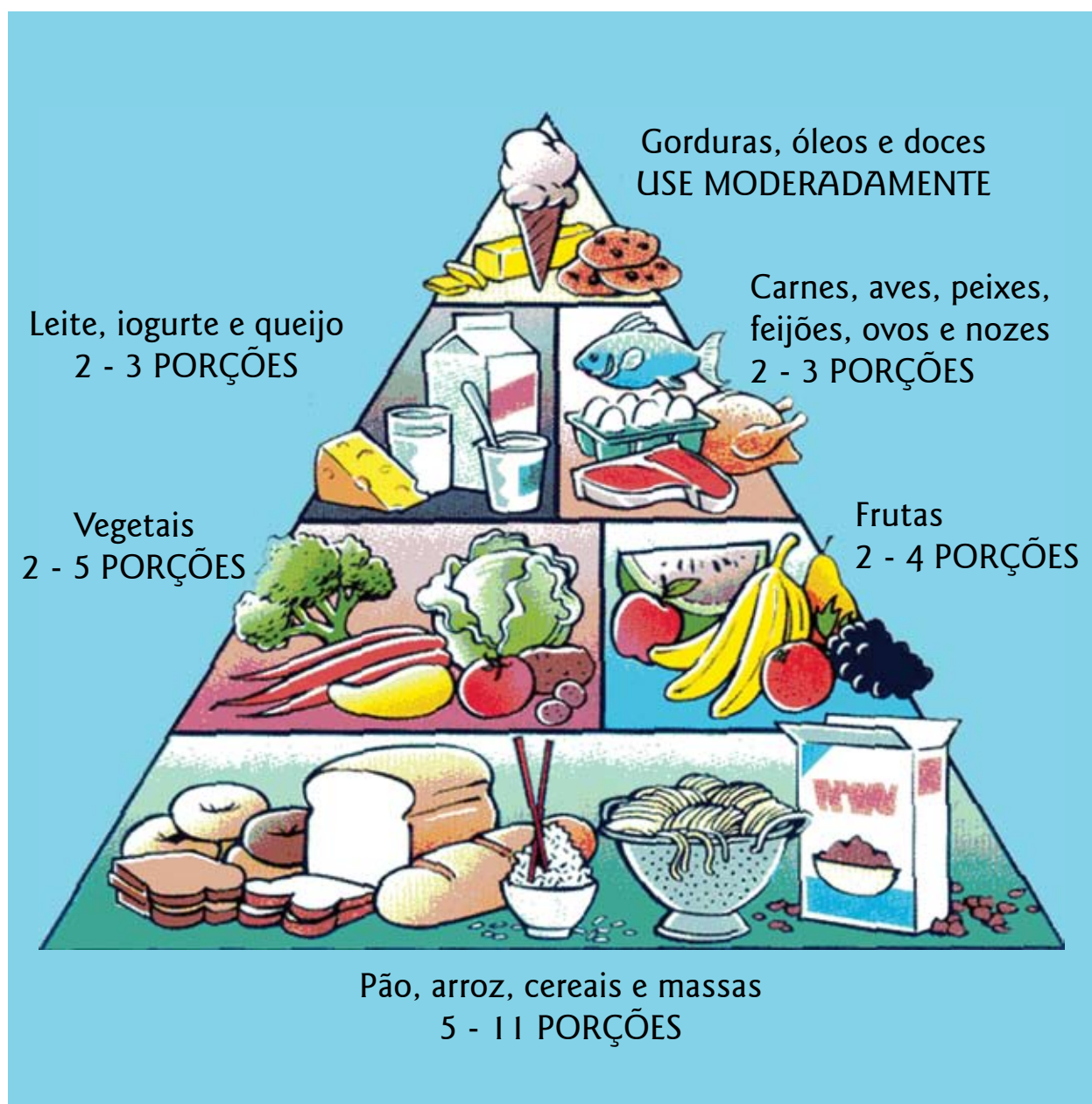
Seu Maneca olha pro Morro do Lampião, pra Ilha do Campeche, pro antigo campo de aviação, pro pequeno terreno e pra sua casa atual (o que lhe restou). Olha também os postes de luz, as parabólicas, o asfalto, o ônibus, os carros, muitos carros. Muitas caras novas, gaúchos, argentinos, paranaenses, uruguaios, paulistas, gentes do interior, e se pergunta:

- Por que tanta mudança em tão pouco tempo?

Essa pergunta do seu Maneca leva-nos a refletir sobre o significado do dito progresso. Por que os nativos não levaram vantagem nisso? Ou será que levaram?

Esta crônica foi elaborada por Paulo César da Fonseca Neves, geógrafo pela UFSC. É baseada na história real de moradores do Campeche, cujos relatos foram registrados na ocasião da elaboração de estudo sobre o processo de formação socioespacial.

Pirâmide dos Alimentos



Mapa da Alimentação Saudável



Globalização, Gastronomia e Identidade Cultural

Rosana Miyashiro e
Renata Carvalho de Oliveira*

A cozinha, popular e doméstica, mantida durante séculos pelos camponeses e passada de geração a geração, cuja matéria-prima provinha das hortas familiares de cultivo de produtos da região e das estações do ano, possibilitava uma variedade e abundância de alimentos e a reprodução das tradições culturais.

Mudanças significativas são observadas nas formas de preparo e de consumo dos alimentos, desde a Revolução Industrial, no século XIX.

É preciso lembrar que a constituição da classe operária com a Revolução Industrial a partir do processo de êxodo rural dos trabalhadores e a formação das cidades tipicamente urbanas produzirão novas formas de sociabilidade. Se para o proletariado o preparo e o consumo dos alimentos significaram adaptar-se à nova realidade do mundo do trabalho, sendo a praticidade e o baixo custo dos alimentos a condição de sua reprodução como força de trabalho nas indústrias, para a burguesia a alimentação ganha novos contornos e relaciona-se à ostentação e ao poder econômico com a ampliação do consumo de bens.

No século XX, com o processo migratório dos trabalhadores a partir da Segunda Guerra Mundial, enorme contingente populacional desloca-se entre as regiões do planeta, aban-

donando a terra natal. Ao se estabelecerem em novos territórios em meio a culturas diferentes, esses imigrantes se defrontam com hábitos e costumes desconhecidos e estranhos. A preservação das tradições era estratégia para não diluir as raízes, reviver a cultura para não perder o total reconhecimento de si mesmo, de seu povo.

Mas a maioria dessa população, consciente das dificuldades para o retorno ao país de origem, tenta integrar-se e adaptar-se à nova cultura. A inevitável troca entre diferentes culturas constituiu também, pode-se dizer, uma nova cultura.

No entanto, o processo de integração cultural foi se alterando com o advento da industrialização dos alimentos e da comercialização de novos produtos por grandes redes.

No Brasil, com o processo de industrialização, no período dos anos 50 a 70, há profunda mudança nos hábitos e costumes, a partir da instituição de padrões de produção e de consumo próprios dos países desenvolvidos do capitalismo. Nos anos 60 os primeiros shoppings e supermercados, como aborda o historiador Fernando Novaes, começam a funcionar no país: “o hábito de comer fora...

*Rosana Miyashiro é coordenadora pedagógica da ETHCI/CUT e mestranda em Educação pela UFSC. Renata Carvalho de Oliveira é educadora da ETHCI e mestranda em Nutrição pela UFSC.

Para as refeições rápidas, os privilegiados se dirigiam a lanchonetes badaladas, e depois aos fast-foods. O primeiro do Brasil foi o Bob's do Rio de Janeiro. Os outros, nos dias de trabalho, aos bares, às lanchonetes baratas, onde comiam o prato feito, conhecido como PF, ou um sanduíche, moda que também foi se arraigando”...

Porém, não podemos pensar todas essas mudanças sem considerar o papel dos meios de comunicação de massa na disseminação de novos hábitos e na “mundialização da cultura”, como aborda Renato Ortiz. Por meio da veiculação em todo o planeta de marcas e produtos, a economia e a cultura são face-tas da mesma lógica e assim, são reconhecidos mundialmente “Marlboro, Euro Disney, Fast-food, Hollywood, chocolates, aviões, computadores”, independentemente das culturas locais, que vão sendo absorvidas. Daí surgem, por exemplo, os McDonald's, o costume de passear em shopping, a introdução de palavras estrangeiras no vocabulário como office-boy, beef (nossa carne para bife), marketing etc.

Na atualidade, no chamado processo de globalização, a cozinha industrial torna-se referência nos estilos de vida. Na massificação do consumo e homogeneização dos hábitos alimentares, temos a convivência de culturas regionais e tradicionais com a cultura padronizada dos self-services e fast-food.

“Os produtos e as maneiras de cozinhar se associam assim às classes sociais. O fogão elétrico, os talheres, o uísque, a mesa, a não separação entre os sexos no momento da refeição tornam-se sinais de distinção social, e se afastam do comer com as mãos, dos potes, do chão onde se deposita a comida, do vinho de dendê, enfim, da tradição” (Ortiz, 2000).

A lógica da expansão mercadológica da gastronomia produz duplo movimento: de diferenciação (de classe) e de homogeneização (do consumo) das culturas como, por exemplo, a comida árabe e a chinesa, que foi massificada nos restaurantes e fast-food, utilizando-se da estratégia de inserção de novos hábitos alimentares, mesclando e introduzindo culturas diferentes em contextos culturais distintos.

Referências bibliográficas

- MARX, Karl. *A Maquinaria e a Indústria Moderna*, in *O Capital, Crítica da Economia Política*, Livro I, Vol. I, São Paulo: Civilização Brasileira, 1975.
- NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil: capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. São Paulo: Cia da Letras, 1998.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000.

Os Alimentos e sua Relação com o Sagrado em Várias Culturas

Rosana Miyashiro
e Renata de Carvalho Oliveira

Aalimentação, como ato social, tem diversos significados. Comer, para muitos povos, também é gesto sagrado, que não pode ser reduzido a ato cotidiano profano/mundano. Tentaremos refletir sobre a relação dos alimentos com o sagrado em diversas culturas.

Nos vários rituais de cada cultura, percebe-se a presença do alimento com importante simbologia. O significado do pão e do vinho no cristianismo, da carne de porco para os judeus, do milho para os povos indígenas.

Ao refletirmos sobre a nossa trajetória de vida, percebemos como a simbologia – por vezes sagrada – dos alimentos faz parte de nossa história.

Vários antropólogos e historiadores se dedicam a investigar e compreender a relação entre o alimento e as crenças religiosas em diversas culturas.

Por exemplo, o pão, mais do que resultante da mistura de farinha de cereais, água e sal, e de ser considerado o alimento básico em várias culturas, tornou-se símbolo sagrado no cristianismo. Desperdiçá-lo tornou-se pecado, especialmente nos momentos de fome.

Como o pão é símbolo sagrado, o vinho atravessa os tempos, difundindo-se também sua relação entre o sagrado e o profano. Na Grécia antiga, por meio das histórias míticas, há o Deus do vinho, Dionísio, na Itália conhecido como Baco. Posteriormente, o vinho representa o sangue de Cristo na Santa Ceia.

O azeite também comparece desde a mitologia grega. Em uma

de suas versões relata que o nascimento da oliveira foi resultado da disputa por um pe-



*Rosana Miyashiro é coordenadora pedagógica da ETHCI/CUT e mestranda em Educação pela UFSC. Renata Carvalho de Oliveira é educadora da ETHCI e mestranda em Nutrição pela UFSC.

daço de terra entre Posêidon (deus do mar) e Atena (deusa da sabedoria). Nessa disputa, Posêidon fez nascer o mar quando usou a força de seu tridente numa rocha. Atena, por sua vez, fez brotar a oliveira da terra, e por isso mesmo foi a vencedora da contenda, segundo Zeus, ganhando a posse da terra. Daí em diante os frutos dessa árvore serviriam de alimento e deles seria extraído um óleo sagrado que alimentaria e fortificaria o Homem, aliviando as dores e as feridas.

Outra lenda, contada pelos hebreus, narra que a oliveira nasceu no monte Tabor, no vale de Hebron. Isso aconteceu quando Adão fez 930 anos. Pressentindo a morte, lembrou que o Senhor lhe havia prometido o “óleo da misericórdia”. Então um querubim enviou-lhe a semente da oliveira, que germinou na sua boca após a sua morte.

Outro exemplo relaciona-se ao milho. Para os povos indígenas tem significado especial, simbolizando a fartura e a felicidade.

O Deus de Maiz é divindade importante. Os maias acreditavam que o primeiro Homem havia sido feito por Deus a partir do milho.

No candomblé, os interditos e a proibição de ingestão de determinados alimentos estão presentes nos ritos de iniciação, e são de fundamental importância.

Portanto, o alimento retrata a própria experiência humana em sua integralidade. Compõe as explicações do mundo ao longo da história da humanidade. Suas memórias e transformações e a relação transcendente como necessidade eminentemente humana extrapolam as explicações racionalistas.

A ampliação dos conhecimentos em torno das culturas e sua relação com o alimento é importante para pensar a gastronomia, problematizar a imposição de gostos e consumo a partir dos modismos e compreender criticamente o próprio desenvolvimento da humanidade, que na lógica do mercado transforma tudo em mercadoria, até as crenças e o sagrado.



QUADROS

I. PRINCIPAIS UVAS E SEUS VINHOS

UVAS BRANCAS	VINHO	UVAS TINTAS	VINHO
Niágara	Vinho comum	Isabel/Concord/Herbemont	Vinhos comuns
Trebiano	Vinho comum	Barbera	Vinho rústico escuro
Moscato	Vinho doce	Nebbiolo	Vinho seco envelhecido
Malvasia	Vinho doce/espumante	Sangiovese	Vinho seco
Chardonnay	Vinho seco encorpado	Tannat	Vinho seco encorpado e envelhecido
Chemin blanc	Vinho seco/doce oleoso	Gamay	Vinho leve e jovem
Gewürztraminer	Vinho suave/doce	Cabernet sauvignon	Vinho seco encorpado envelhecido
Pinot blanc	Vinho seco leve	Cabernet franc	Vinho leve jovem
Riesling	Vinho seco/levemente encorpado/ refrescante e levemente doce	Carmenère	Vinho seco envelhecido
Semillon	Vinhos secos/doces	Malbec	Vinho seco encorpado
Sauvignon blanc	Vinho seco encorpado	Merlot	Vinho leve encorpado, adocicado, jovem
		Pinot noir	Vinho claro, adocicado, fresco, com sabor característico
		Syrah ou shiraz	Vinho encorpado, aromático
		Tempranillo	Vinho adocicado que envelhece bem

2. COMBINAÇÃO DE VINHOS E ALIMENTOS

ALIMENTO

Caviar, salmão, atum

Frios

Caldos e cremes

Sopas

Massas

Ostras e crustáceos

Peixes fritos ou cozidos

Bacalhau

Ovos (pratos frios)

Ovos (pratos quentes)

Frango com molho

Frango assado

Peru ou pato assado

Faisão, codorna e caças assadas

Carnes brancas com molho suave

Carnes brancas com molho forte

Carnes vermelhas com molho suave

Carnes vermelhas com molho forte

Sobremesas

VINHO

Vinho branco seco ou espumante brut

Vinho branco ou tinto leve e seco

Vinho do porto seco, madeira ou xerez

Vinho tinto jovem ou rosé

Em molho leve ou branco:
Espumante brut ou branco ou tinto leve;
Em molho condimentado ou vermelho:
Espumante brut ou tinto encorpado

Vinho branco seco ou espumante brut

Vinho branco seco

Vinho tinto leve ou branco

Vinho branco seco

Vinho tinto ou branco

Vinho tinto leve ou branco

Vinho tinto leve

Vinho tinto encorpado e envelhecido

Vinho tinto encorpado

Vinho branco seco ou tinto leve

Vinho branco seco ou tinto leve

Vinho tinto leve

Vinho tinto encorpado

Vinhos doces brancos, fortificados ou espumante doce ou demi-sec

3. COMBINAÇÃO DE QUEIJOS E VINHOS

NOME	ORIGEM	CARACTERÍSTICA	CALORIAS /100g	VINHO
Brie	França	De leite de vaca, casca de mofo fino esbranquiçada, sabor suave, cremoso, fresco	390Kcal	Vinho tinto seco encorpado ou branco seco
Caccio cavallo	Itália	Sabor forte, textura dura, cor branca	320Kcal	Vinho tinto seco ou branco seco
Camembert	França	Casca fina e esbranquiçada, sabor forte e picante, textura aveludada, cremoso	300Kcal	Vinho tinto seco leve ou branco seco
Cheddar	Inglaterra	Cor dourada, pasta prensada, podendo ser tenro, meio maduro, maduro	420kcal	Vinho tinto leve e frutado
Colonial	Colônias européias	Massa semicozida, macia, porém consistente	300Kcal	Vinho tinto leve
Cottage	Inglaterra e EUA	De leite de vaca desnatado, fresco, possui grânulos brancos, textura macia e sabor suave	95Kcal	Vinho tinto leve ou branco seco
Cream cheese	Inglaterra	Possui creme de leite na composição, consistência cremosa, textura lisa, coloração marfim	250Kcal	Vinho tinto leve ou branco seco
Edam	Holanda	Cor amarela, pasta prensada, textura semidura, sabor forte e coberto com cera vermelha	335Kcal	Vinho tinto seco leve
Ementhal e Estepe	Suíça	De leite de vaca, pasta cozida, cor amarela, sabor suave, massa elástica e furos que variam de tamanho	310Kcal	Vinho tinto leve ou branco frutado
Gorgonzola	Itália	De leite de vaca, casca rugosa, bolor azul interno, massa mole quebradiça, sabor forte e picante	480Kcal	Vinho tinto seco encorpado ou branco doce
Gouda	Holanda	De leite de vaca, pasta prensada, suave, cremoso, aroma de queijo amanteigado	320Kcal	Vinho tinto seco leve
Gruyère	Suíça	Massa firme, pasta cozida, cor amarela, casca grossa, aroma suave	420Kcal	Vinho tinto seco leve ou branco seco
Minas fresco	Brasil	De leite de vaca pasteurizado, fresco, massa branca, úmida, sabor fresco, textura mole	230Kcal	Vinho tinto leve ou branco seco
Mussarela	Itália	De leite de vaca, fresco, cor amarelo-claro, aparência plástica, casca lisa e fina, sabor suave	280Kcal	Vinho tinto seco ou branco seco
Mussarela de búfala	Itália	De leite de búfala, fresco, cor branca e brilhante, massa filada, normalmente apresentada em forma de bolas e acondicionada em soro	285Kcal	Vinho tinto seco leve ou branco seco

Parmesão	Itália	De leite de vaca, coloração escura, casca espessa, pasta cozida, consistência cremosa a dura, sabor forte	440Kcal	Vinho tinto seco leve ou encorpado ou branco seco
Pecorino	Itália	Semelhante ao parmesão, porém é produzido com leite de ovelha, sabor forte	400Kcal	Vinho tinto seco leve ou encorpado ou branco seco
Prato	Brasil	Cor amarela, textura macia, sabor suave	390Kcal	Vinho tinto leve ou branco seco
Provolone	Itália	Casca dura, cor amarela, massa densa, sabor marcante, defumado	335Kcal	Vinho tinto seco ou branco seco
Quark	Alemanha	Sabor suave, textura macia, fresco	180Kcal	Vinho tinto seco leve ou branco seco
Queijo fundido	França/Suíça	Consistência cremosa, sabor suave	280Kcal	Vinho tinto seco leve ou branco seco
Reino	Portugal	Consistência dura, sabor picante	380Kcal	Vinho tinto leve ou branco seco
Requeijão	Brasil	Possui creme de leite na composição, textura macia e consistência cremosa	330Kcal	Vinho tinto seco leve ou branco seco
Ricota	Itália	Cor branca, fresco, textura macia, sabor suave, produzido a partir do soro do leite de vaca ou ovelha	140Kcal	Vinho tinto seco leve ou branco seco
Roquefort	França	De leite de ovelha, cor amarela, bolores azuis internos, sabor e aroma fortes e picantes	375Kcal	Vinho tinto encorpado ou branco doce
Tilsit	Alemanha	Cor amarela, textura macia, sabor suave	420Kcal	Vinho tinto leve ou branco seco

Obs: os espumantes combinam com todos os tipos de queijos.



O Declínio da Comida Regional

Maria Figueira

Alimentos industrializados, gorduras e refrigerantes estão ocupando o lugar de alimentos regionais na mesa do brasileiro – mudança que traz à população graves consequências, tais como deficiência de cálcio e ferro. Essa é a conclusão da pesquisa coordenada pela nutricionista Maria Antônia Galeazzi, do Núcleo

de Estudos e Pesquisas de Alimentação (Nepa) da Universidade de Campinas (Unicamp). Realizado em 1996 e 1997 em Campinas, Curitiba, Goiânia, Ouro Preto e Rio de Janeiro, em 1998 em Belém e



Brasília, e em 2000 em Cuiabá, o estudo serviu de base para a elaboração de sugestões de cestas básicas para a região Norte e Centro-sul, na tentativa de suprir as deficiências nutricionais detectadas na população.

“Conseguimos amostragem significativa do perfil da alimentação no Brasil”, afirma Galeazzi. Durante a pesquisa foram visitados cerca de 8 mil domicílios – aproximadamente 30 mil pessoas – para quantificar os alimentos consumidos pelas famílias e que podem

causar desequilíbrio a longo prazo. Também foi avaliado se os indivíduos ingeriam a quantidade recomendada de calorias, proteínas, cálcio, fósforo, ferro, vitaminas A, B1 e B2.

“Observamos que o consumo nos grandes centros está refletindo o atual modelo de desenvolvimento econômico. As novas

tecnologias e a globalização impõem o ritmo das refeições rápidas e contribuem para a homogeneização do que é consumido em diferentes locais do país”, explica a nutricionista.

No Centro-sul, apenas 4% dos alimentos consumidos

são característicos da região, enquanto no Norte a porcentagem chega a 18%. “Assim como o pescado, a farinha de mandioca, rica em carboidrato, é muito consumida no Norte, mas não no Sul”, constata Maria Antônia. “As mudanças no consumo também acontecem no Norte do país, mas não há como negar que no Centro-sul elas são mais rápidas.” Segundo a coordenadora, o consumo de açúcar em Belém exemplifica a importância da alimentação regional. A fruta, rica em ferro, faz

parte da dieta na cidade e responde por 40% a 50% da necessidade diária do mineral para todas as classes sociais. “Enquanto no Sul a anemia é extremamente acentuada pela falta de alimentos enriquecidos com ferro, em Belém a incidência é menor e decorre principalmente de problemas de saneamento básico. Se não fosse o açaí, os índices seriam ainda maiores”, afirma. Dados da pesquisa mostram que 20% dos homens e 71% das mulheres de Goiânia não consomem a quantidade diária recomendada de ferro. No Rio de Janeiro, o consumo mineral é inferior ao indicado para 44% das mulheres e 11% dos homens.

Porém, Maria Antônia ressalta que nem sempre o consumo de alimentos regionais significa dieta saudável. Em Goiânia, gorduras, banhas e carnes são alimentos mais presentes na dieta das famílias por causa da concentração da pecuária na região. Em Ouro Preto, é elevado o consumo de açúcar, em consequência da tradição local de produção de doces caseiros. “Não há como dizer que esses costumes são bons para a saúde”. O objetivo da pesquisa foi verificar o consumo de alimentos típicos da região e não de pratos regionais. Segundo a nutricionista, outros estudos mostram que comidas consideradas típicas de determinada região, como o vatapá na Bahia, e o pato no tucupi, na região Norte, não constam no car-

dápio diário da população. “São refeições de fim de semana”.

Baseada no fornecimento de calorias, proteínas, ferro, cálcio e vitamina A dos alimentos mais consumidos nas diferentes faixas de renda, a população propôs cestas básicas de alimentos para a cidade de Belém e também para o Centro-sul. “A cesta básica existente hoje é limitada a alimentos não-perecíveis, selecionados de forma errada, e não correspondem ao que é realmente consumido pelas famílias. Optamos pelos alimentos presentes

na dieta familiar e que proporcionam cobertura de todos os nutrientes”, esclarece a nutricionista.

Além dos alimentos comuns dos municípios estudados, fazem parte da cesta básica de Belém itens regionais, como açaí, maços

de verdura e de tempero, farinha de mandioca, charque, peixe fresco, miúdos de frango e camarão salgado. “Eles são representativos não apenas do ponto de vista cultural, mas também em relação à sua contribuição para o fornecimento de energia e nutrientes”.

A cesta básica para o Centro-sul é composta por alimentos como massa de tomate, pão de fôrma, lingüiça e carne suína – produtos inexistentes na cesta de Belém. “Selecionamos os produtos da cesta para suprir as deficiências apontadas nessa região a respeito de micronutrientes como cálcio, ferro e



vitamina B2”.

As modificações no cardápio do brasileiro atingem até mesmo o tradicional arroz com feijão, fonte de proteínas e fibras. A pesquisa mostra que houve queda de cerca de 25% no consumo de arroz e diminuição média de 28% no de feijão em relação a 1974, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou o Estudo Nacional sobre Despesa Familiar (Endef), considerado a melhor fonte de dados sobre consumo alimentar da população brasileira. Por outro lado, é crescente o consumo de alimentos industrializados. O de refrigerante em Campinas, por exemplo, aumentou 527% em relação a 1974. “O refrigerante faz parte de alimentação muito rica em carboidratos simples e pouca densidade nutricional – o que está diretamente relacionado a ganho de peso e epidemia de obesidade”, constata a nutricionista Semíramis Domene, que participou do estudo.

A mudança na dieta dos brasileiros reflete-se no consumo de micro e macronutrientes. Os resultados do estudo mostram, por exemplo, que o consumo de cálcio, presente em alimentos como os derivados do leite e nas folhas verdes, é absurdamente baixo. Em Curitiba, 55% das pessoas têm consumo inadequado de cálcio, e no Rio de Janeiro a porcentagem chega a 66%. “O recomendado é de 800 a 1000 miligramas por dia para adultos. A situação é preocupante porque a população brasileira está envelhecendo e já sofre

com a osteoporose”, lamenta Semíramis. Entre as vitaminas, a carência é maior em relação à vitamina A – sintetizada no organismo a partir de carotenóides, substância encontrada nos vegetais alaranjados ou amarelos. Em Goiânia, só as famílias com renda superior a 1,1 salário-mínimo per capita consomem a quantidade diária recomendada de nutrientes: 1300 miligramas. Em Campinas, são necessários dez salários mínimos, enquanto em Ouro Preto aproximadamente três.

“O estudo que desenvolvemos mostra uma situação preocupante, em que há decréscimo do consumo de cálcio e adota-se dieta cada vez mais rica em gordura. Estudos e pesquisas americanos mostram que transformações no consumo como a que verificamos no Brasil têm ocasionado problemas de deficiência de cálcio em jovens – fato que pode levar à osteoporose precoce. Ao mesmo tempo, a quantidade de crianças e adolescentes obesos tem aumentado com a alimentação inadequada, o que contribui para a incidência prematura de doenças cardiovasculares”, completa Maria Antônia. A pesquisa propôs as cestas básicas da região Norte e do Centro-sul com a intenção de modificar o cenário atual. “Mas para isso é preciso que haja política agrícola e de abastecimento que dê acesso aos produtos da cesta básica”, ela constata.

Texto publicado na revista Ciência Hoje, Vol.29, n 169, março de 2001, p. 56-57.

Comida

Titãs - Composição: Arnaldo Antunes/
Marcelo Fromer/Sérgio Britto

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

Soberania Alimentar, o que é isso?¹

João Pedro Stedile*

(...) Embora há séculos o tema esteja presente em todas as correntes políticas, agora se torna mais urgente, em função da hegemonia que o capital internacional e suas corporações estão exercendo sobre o comércio e a produção de alimentos no mundo.

Nunca os povos estiveram tão ameaçados pela fome e pela dependência de umas poucas empresas, e isso coloca em risco sua soberania. Daí também a diferença entre segurança alimentar e soberania. Segurança se resume às políticas governamentais que garantem o abastecimento de alimentos para a população, que muitas vezes resultam em importação de outros países, de uma região a outra do próprio país ou transferindo recursos para que as famílias comprem alimentos, como é o caso do Bolsa-Família.

O Bolsa-Família é a típica política de segurança alimentar, em que as famílias são assistidas pelo Estado para não passarem fome. Mas ficarão sempre dependentes e, portanto, não se libertarão das causas da fome.

Estamos hoje diante de dois caminhos opostos. De um lado, as grandes corporações internacionais, que usam o controle da produção e do comércio agrícola apenas em função de seus lucros. Não são muitas, e com o processo de centralização natural do capitalismo se reduzem a cada ano. Talvez não passem de dez, entre elas a Nestlé, Monsanto, Cargill, Bunge, ADM, Sygenta. Aglutinadas com algumas poucas redes de supermercado, montam um sistema de controle total dos alimentos no mundo.

De outro lado há uma alternativa: desenvolver políticas públicas que estimulem e



organizem a produção de alimentos como prioridade em cada comunidade, em cada região, cada Estado, e assim levar o país a produzir seus próprios alimentos. Na década de 1960, a fome atingia 80 milhões de pessoas no mundo. Apesar de todo o aumento da produtividade e da produção mundiais, agora esse número saltou para 800 milhões.

O alimento é direito de todo ser humano e não mera mercadoria da qual busca-se apenas extrair lucros. Mas devemos acrescentar ao conceito de produzir alimentos, em primeiro lugar a condição de serem saudáveis, que não prejudiquem a saúde, portanto sem agrotóxicos. Todos os dias somos alertados pelos médicos sobre as graves consequências do uso intensivo de agrotóxicos pelo agronegócio, mas ninguém faz caso. Muitos desses agrotóxicos já são até proibidos nos seus países de origem.(...)

*João Pedro Stedile é membro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

¹Extraído da Revista Caros Amigos, ano X, nº 120, março 2007.

Nutrição e Alimentação Saudável: A Produção e Consumo dos Alimentos

Aline Salami*



Introdução

O conceito de nutrição é amplo e envolve os estudos sobre os alimentos e seus nutrientes como também as ações e interações dos alimentos na saúde das pessoas.

A nutrição também está relacionada a uma dieta saudável. Mas o que significa “saudável”?

Geralmente há consenso entre as pessoas de que se trata de dieta rica em frutas, verduras e fibras. Envolve também o consumo de pouco açúcar, pouco sal, pouca gordura animal, alimentos light, uso de margarina ao invés de manteiga e óleos vegetais ao invés da banha e toucinho. Além disso, recomenda-se o cuidado com alimentos calóricos e estimulantes, como refrigerantes, café, chocolate e chá preto, entre outros.

Fora desse consenso nos deparamos com inúmeros questionamentos a respeito de certos alimentos: benefícios para a saúde; a eficácia na prevenção de certas doenças; e o que engorda. Estas entre muitas outras perguntas. Afinal de contas, o que precisamos comer para sermos saudáveis?

Os povos mais longevos, como os guineanos, os maias, os habitantes do Vale dos Hunza e de Vilcabamba, no Equador, tinham em comum a ingestão de alimentos mais saudáveis, ou seja, frescos e pouco processados, provenientes do seu meio e de sua própria cultura alimentar. Seus hábitos alimentares

*Aline Salami atua como educadora da ETHCI/CUT. É nutricionista e mestranda em Agroecossistemas pela UFSC

se pautavam na sazonalidade das colheitas e havia equilíbrio no consumo a partir do conjunto de alimentos disponíveis.

Neste caso, o conceito sobre o que é saudável repousa na dieta e na qualidade de vida, e não somente em nutrientes, alimentos ou práticas milagrosas dissociadas do contexto da vida social.

Alimentação orgânica e a saúde

Nos últimos anos, em âmbito mundial, ampliou-se o debate sobre a alimentação saudável e cresceu o interesse pelos chamados “alimentos limpos” ou “ecologicamente corretos” ou ainda “orgânicos”.

O que são alimentos orgânicos? Não são mais um modismo ou opção de venda? Como surgiram e que significado têm para a sociedade de forma geral?

Para iniciar essa discussão, podemos dizer que os alimentos orgânicos são alimentos livres de resíduos químicos, isto é, alimentos produzidos sem agrotóxicos ou venenos. Eles surgiram justamente como alternativa ao modelo produtivista de produção agrícola convencional, que tem acarretado grandes impactos ambientais, socioeconômicos e na saúde dos povos.

O Brasil é um dos maiores consumidores mundiais de praguicidas, gastando anualmente mais de 2,5 bilhões de dólares com a comercialização desses venenos. Na América Latina, 50% da comercialização de agrotóxicos (herbicidas, fungicidas, inseticidas, acaricidas, nematicidas etc.). É realizada no Brasil.

O perigo é que as conseqüências da ingestão desses produtos não aparecem de forma

imediate no consumidor, e os resíduos são, muitas vezes, ofertados acima dos limites recomendados.

Embora vários estudos relacionem os agrotóxicos a inúmeros problemas de saúde, ainda não há informações suficientes e seguras sobre os efeitos cumulativos e de longo prazo. Portanto, é necessário o avanço de pesquisas epidemiológicas sobre os impactos, na saúde humana, da alimentação transgênica e da industrializada contaminada por agrotóxicos.

Resumindo, o alimento orgânico é mais saudável porque não contém resíduos de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, usados na agricultura; resíduos de hormônios, drogas veterinárias e antibióticos, usados na produção animal; e aditivos químicos sintéticos (corantes, aromatizantes, conservantes, emulsificantes etc), vitaminas e minerais sintéticos, utilizados no processamento dos alimentos.

A produção dos alimentos

Atualmente cerca de 1/5 da humanidade ainda padece da fome, desnutrição e outras doenças carenciais relacionadas à alimentação. Isto ocorre em um momento em que a Organização Mundial para Agricultura e Alimentação - FAO divulga dados recordes de produção de cereais e alimentos no mundo.

Eis alguns exemplos: se dividirmos a produção mundial de arroz em 2005, isto é, 365 dias por 6 bilhões de pessoas, há a estimativa de consumo de 280g de arroz seco por pessoa, diariamente. Outro cálculo diz respeito à carne produzida no Brasil: teremos um per capita de 134 g/dia. Além disso, cerca de 80% da alimentação da população mundial,

baseada em vegetais, corresponde a cinco espécies: milho, mandioca, trigo, arroz e batata.

A situação coloca em risco a soberania alimentar dos países, pois a lógica da produção capitalista se expressa na expansão da monocultura de grandes empresas, e vem afetando a diversidade dos produtos e a criação de uma nova base para a alimentação da população mundial.

Além disso, na agroindústria convencional a utilização de insumos químicos contribuiu para o desequilíbrio do ambiente e o aparecimento das chamadas doenças não-transmissíveis ou crônico-degenerativas, sendo as principais a obesidade, hipertensão, diabetes melíus, colesterol e triglicérides altos e distúrbios coronarianos.

Para que os produtos cheguem aos supermercados nos sistemas agroalimentares atuais são percorridos cerca de 2000 km do local onde foram produzidos e/ou processados. Além de ficarem mais caros para os consumidores, ganham os intermediários e não os agricultores que produzem o alimento.

O desenvolvimento da ciência propiciou

a produção de alimentos em larga escala, com a alta tecnologia (transgenia e nanotecnologia). No entanto, não se conseguiu ainda eliminar a fome no mundo.

Situação que reflete a desigualdade social, com a negação do direito à partilha da riqueza produzida, excluindo economicamente parcelas significativas da humanidade.

O direito humano à alimentação passa pelo direito de acesso aos recursos e meios para produzir ou adquirir alimentos seguros e saudáveis, que considerem a cultura, os hábitos e práticas alimentares de cada povo. A luta pela garantia do direito à alimentação de qualidade para todos os seres humanos requer a construção de novo paradigma de produção na sociedade, que tenha como eixos a apropriação social dos meios de produção e a distribuição da riqueza.

Portanto, se entendemos a gastronomia de forma ampla, envolvendo ciência, política e cultura, é importante a discussão não somente do alimento a ser consumido, mas toda a sua cadeia produtiva, e principalmente as políticas de produção e de acesso das populações aos alimentos saudáveis.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, E. *Alimentos Orgânicos*. Florianópolis: Editora Insular, 2001.
- CARVALHO, H.M. *Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- VALENTE, F.L.S. *Direito Humano à Alimentação: desafios e conquistas*. São Paulo: Cortez, 2002.
- WILKINSON, J. *O Futuro do Sistema Alimentar*. São Paulo. Editora Hucitec, 1989.

Mercado de Trabalho

Pedro Luis Batanero

EXELENTE CURRICULUM
EXELENTE EXPERIENCIA
LABORAL.
INFELIZMENTE LA
VACANTE YA FUE
OCUPADA...



Queda de Braço

Pedro Luis Batanero

